

PENGUIN & COMPANHIA DAS LETRAS

JAMES JOYCE

OS MORTOS



GRANDES AMORES

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Os mortos

James Joyce nasceu em Dublin, em 2 de fevereiro de 1882. Era o mais velho dos dez filhos de uma família que, após uma breve prosperidade, caiu na pobreza. No entanto, foi educado nas melhores escolas jesuítas e depois no University College de Dublin, onde deu provas do seu talento extraordinário. Em 1902, depois de se formar, mudou-se para Paris, por pensar que lá poderia estudar medicina. Porém logo acabou por assistir a aulas e por dedicar-se à escrita de poemas e rascunhos e à elaboração de um "sistema estético". Chamado de volta a Dublin em abril de 1903, graças a uma doença fatal de sua mãe, ele rumou gradualmente para a carreira literária. No verão de 1904, conheceu uma jovem de Galway, Nora Barnacle, e convenceu-a a ir consigo para o continente, onde planejava lecionar inglês. O jovem casal passou alguns meses em Pola (hoje na Croácia); depois, em 1905, mudou-se para Trieste, onde, exceto por sete meses em Roma e por três viagens a

Dublin, eles viveram até junho de 1915. Tiveram dois filhos, um menino e uma menina. O primeiro livro de Joyce, os poemas de *Música de câmara*, foi publicado em Londres, em 1907; e *Dublinenses*, um livro de contos, em 1914. Com a entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial, Joyce viu-se obrigado a se mudar para Zurique, onde permaneceu até 1919. Nesse período, publicou *Um retrato do artista quando jovem* (1916) e *Exilados*, uma peça (1918). Depois de um breve retorno a Trieste após o armistício, Joyce decidiu mudar-se para Paris para ter mais facilidade na publicação de *Ulysses*, um livro em que estivera trabalhando desde 1914. Na verdade, o livro foi publicado no seu aniversário, em Paris, em 1922, e deu-lhe fama internacional. No mesmo ano, ele começou a trabalhar em *Finnegans Wake*; e, apesar de estar muito perturbado por problemas num olho e profundamente abalado pela doença mental de sua filha, ele completou o livro e o publicou em 1939. Depois do começo da Segunda Guerra Mundial, ele foi morar na França ainda não ocupada e então conseguiu uma permissão, em dezembro de 1940, para retornar a Zurique, onde morreu em 13 janeiro de 1941. Foi enterrado no cemitério Fluntern.

caetano w. galindo nasceu em 1973 em Curitiba, onde mora com sua mulher. Desde 1998 é professor da Universidade Federal do Paraná. Como tradutor, já escreveu em português obras de autores como Charles Darwin, Thomas Pynchon, Tom Stoppard e David Foster Wallace. É pai de uma filha e de alguns textos acadêmicos sobre tradução, teoria do romance e a obra de James Joyce.



Sumário

[Os mortos](#)

[Arábias](#)

[Monólogo de Molly Bloom, de *Ulysses*](#)

Os mortos

Lily, a filha do zelador, estava literalmente perdendo a cabeça. Mal levava um cavalheiro até a despensa lá atrás do escritório no térreo e ajudava o cavalheiro a tirar o sobretudo e já a campainha resmunguenta da porta de entrada batia de novo e ela precisava se descambar pelo corredor vazio para receber mais um convidado. Só faltava ela ter que cuidar das senhoras também. Mas a srta. Kate e a srta. Julia tinham pensado nisso e tinham transformado o banheiro do primeiro andar num camarim para as senhoras. A srta. Kate e a srta. Julia estavam lá, fofocando e rindo e fazendo cena, indo uma atrás da outra até o alto da escada, espiando por cima da balaustrada e gritando para Lily dizer quem tinha chegado.

Era sempre grande coisa, o baile anual das senhoritas Morkan. Vinha todo mundo que conhecia as duas, gente da família, velhos amigos da família, os membros do coro de Julia, todos os alunos de Kate que fossem grandinhos, e até um ou outro dos alunos de Mary Jane, também. Nunca era sem graça. Por anos a fio o baile tinha sido um sucesso esplêndido, até onde a memória alcançava; desde que Kate e Julia, depois da morte de Pat, o irmão delas, tinham se mudado da casa de Stoney Batter e trazido Mary Jane, que era a única sobrinha, para morar com elas naquela casa escura e soturna na Usher's Island, no piso superior, que elas tinham alugado do sr. Fulham, da venda de grãos no térreo. Isso tinha já bem trinta anos. Mary Jane, que na época era uma menininha de roupinha curta, agora era o centro da casa, pois era ela que tocava órgão na Haddington Road. Ela estudou no Conservatório e dava um concerto com os alunos dela todo ano na sala de cima do Antient Concert

Rooms. Vários alunos dela eram das famílias mais bem de vida na linha Kingstown-Dalkey. Por mais que estivessem velhas, as tias dela também faziam sua parte. Julia, apesar de estar bem grisalha, ainda era a soprano principal na igreja de Adão e Eva, e Kate, fraquinha demais para andar muito por aí, dava aula de música para iniciantes naquele piano velho de armário no quarto dos fundos. Lily, a filha do zelador, trabalhava de arrumadeira para elas. Apesar de levarem uma vida simples, elas acreditavam em comer bem; o melhor de tudo: carne de primeira, chá de três xelins e cerveja preta engarrafada da melhor. Mas Lily quase nunca se atrapalhava com as compras, para não irritar as três patroas. Elas eram de fazer cena, só isso. Mas a única coisa que elas não toleravam mesmo era uma resposta malcriada.

Está certo que elas tinham por que fazer cena numa noite dessas. E também já passava bastante das dez e ainda nada de Gabriel e da esposa. Além de tudo elas estavam morrendo de medo que o Freddy Malins acabasse aparecendo torto. Elas não queriam nem pensar que um dos aluninhos de Mary Jane pudesse ver o Freddy alcoolizado; e quando ele estava daquele jeito às vezes era bem difícil lidar com ele. Freddy Malins sempre chegava tarde, mas elas estavam cismadas com o motivo da demora de Gabriel: por isso as duas iam de dois em dois minutos até a balaustrada perguntar a Lily se Gabriel ou Freddy tinham chegado.

— Ah, senhor Conroy — Lily disse a Gabriel quando abriu a porta para ele —, a senhorita Kate e a senhorita Julia estavam achando que o senhor nem vinha mais. Boa noite, senhora Conroy.

— Eu não hei de duvidar que estavam — disse Gabriel —, mas elas esqueceram que a minha esposa me mata de esperar quando tem de se trocar.

Ele ficou no capacho, raspando a neve das galochas, enquanto Lily levava a esposa dele até o pé da escada e gritava:

— Senhorita Kate, olha a senhora Conroy.

Kate e Julia titubearam simultâneas pela escada escura. Beijaram ambas a esposa de Gabriel, disseram que ela devia estar mortinha de frio, e perguntaram se Gabriel estava com ela.

— Eu estou aqui, tia Kate, pode apostar! Vá subindo. Eu já vou também — veio a voz de Gabriel do escuro.

Ele continuou a raspar vigorosamente os pés enquanto as três mulheres subiam, rindo, para o camarim das senhoras. Uma frágil franja de neve pousava como capa nos ombros de seu sobretudo e como bicos sobre as pontas das galochas; e, enquanto os botões do sobretudo deslizavam num rangido pelas casas que a neve enrijecera, um ar gelado, com cheiro de lá-fora, escapava de dobras e pregas.

— Está nevando de novo, senhor Conroy? — perguntou Lily.

Ela havia ido na frente dele até a despensa para ajudá-lo a tirar o sobretudo. Gabriel sorriu por causa das três sílabas que ela dera a seu sobrenome e lhe lançou um olhar ligeiro. Era uma menina magra; ainda estava crescendo, pele pálida e cabelo cor de palha. A luz a gás da despensa a deixava mais pálida ainda. Gabriel a conhecia desde que era menina e ficava sentada no primeiro degrau com uma boneca de pano no colo.

— Está, Lily — ele respondeu —, e acho que vai ser a noite toda.

Ele olhou para o teto da despensa, que vibrava com os pés que martelavam e deslizavam no andar de cima, ficou um momento tentando ouvir o piano e aí olhou para a menina, que com cuidado guardava seu sobretudo dobrado na ponta de uma prateleira.

— Me diz uma coisa, Lily — falou numa voz amistosa —, você ainda está na escola?

— Ah, não, senhor — ela respondeu. — Chega de escola já esse ano.

— Ah, mas então — disse Gabriel, alegre — suponho que qualquer dia desses nós estejamos indo ao seu casamento com o seu namoradinho, hein?

A menina olhou para ele por cima do ombro e disse com grande amargura:

— Esses sujeitos de hoje em dia só querem saber de palavório e de ver o que que eles conseguem de você.

Gabriel corou, como sentindo que houvesse cometido um erro e, sem olhar para ela, livrou-se das galochas e com o cachecol chicoteou detidamente seus sapatos de verniz.

Era um rapaz corpulento, mais para alto que baixo. A cor exaltada de seu rosto erguia-se até a testa, onde se estilhaçava em uns poucos pedaços de tênue rubor; e no rosto sem barba brilhavam inquietas as lentes bem limpas e os aros de luzes douradas dos óculos que lhe toldavam os olhos delicados e inquietos. Seu cabelo preto e lustroso estava dividido no meio e penteado numa longa curva por trás das orelhas, onde cacheava leve sob o sulco que lhe causara o chapéu.

Quando o chicote lustrara os sapatos, ele se ergueu e puxou melhor o colete sobre o corpo roliço. E então tirou veloz uma moeda do bolso.

— Ah, Lily — ele disse, metendo a moeda nas mãos dela —, ainda é tempo de Natal, não é mesmo? É só... toma um...

Ele caminhou velozmente para a porta.

— Ah, não, senhor! — gritou a menina, indo atrás dele. — De verdade, seu Gabriel, eu nem posso aceitar uma coisa dessa.

— É tempo de Natal! É tempo de Natal! — disse Gabriel, quase a trote rumo à escada e acenando como quem desconsidera.

A menina, vendo que ele chegara à escada, exclamou atrás dele:

— Bom, obrigada, então, seu Gabriel.

Ficou esperando à porta da sala até que esta valsa acabasse, ouvindo as saias que roçavam contra ela e os pés que deslizavam. Ainda estava descomposto pela resposta súbita e amarga da moça. Aquilo toldara-lhe o humor, que ele tentava desanuviar ajeitando os punhos da camisa e os laços da gravata. Tirou então do bolso do colete um papelzinho e deu uma olhada nas notas que tinha tomado para seu discurso. Estava indeciso quanto aos versos de Robert Browning, pois receava que fossem demais para seu público. Alguma citação que eles reconhecessem, de Shakespeare ou das *Melodias*, seria melhor. O estalido indelicado dos tacos dos homens e suas solas deslizantes o lembravam-lhe que o nível cultural deles era diferente do seu. Ele só ia passar ridículo citando um poema que eles não conseguiam entender. Iam achar que ele só estava exibindo sua educação superior. Ele ia deixá-los na mão como tinha deixado na mão a moça na despensa. Tinha assumido um tom errado.

Aquele discurso todo era um equívoco do começo ao fim, um fracasso total.

Bem naquele momento suas tias e sua esposa saíram do camarim das senhoras. As tias dele eram duas velhinhas pequenas, com roupas simples. Tia Julia era uns dois centímetros mais alta. O cabelo dela, puxado para cobrir todo o topo das orelhas, era cinza; e cinza também, com sombras mais negras, seu grande rosto frouxo. Conquanto fosse corpulenta e permanecesse ereta, seus olhos lentos e lábios abertos lhe davam a aparência de uma mulher que não sabia onde estava ou aonde ia. Tia Kate era mais viva. Seu rosto, mais saudável que o da irmã, era todo covas e rugas, como uma maçã vermelha murcha, e o cabelo, trançado à mesma maneira antiquada, não tinha perdido sua cor de castanhas maduras.

Beijaram ambas Gabriel calorosamente. Ele era o sobrinho preferido delas, filho da irmã morta, Ellen, que tinha se casado com T. J. Conroy dos Portos e Docas.

— A Gretta me disse que vocês não vão pegar um fiacre para voltar para Monkstown hoje, Gabriel — disse tia Kate.

— Não — disse Gabriel, virando-se para a esposa —, ano passado já foi demais, não é mesmo? A senhora não lembra, tia Kate, o resfriado que a Gretta acabou pegando? O fiacre com as janelas sacolejando daqui até lá, e o vento leste entrando na cabine depois que nós passamos por Merrion. Foi uma delícia. A Gretta pegou um resfriado horrível.

Tia Kate fazia uma cara seriíssima e sacudia a cabeça a cada palavra.

— Isso mesmo, Gabriel, isso mesmo — ela dizia. — Cuidado nunca é demais.

— Mas a Gretta aqui — disse Gabriel — se deixassem ia a pé para casa na neve.

A sra. Conroy riu.

— Não dê bola para ele, tia Kate — ela disse. Ele é um grande chato, agora com aquela máscara verde de noite nos olhinhos do Tom e obrigando o menino a fazer halteres, e forçando a Eva a comer mingau. Coitadinha! E ela simplesmente odeia a cara

daquilo!... Ah, mas a senhora nunca vai imaginar o que é que ele me força a usar agora!

Ela caiu numa risada sonora e lançou um olhar para o marido, cujos olhos encantados e felizes andavam errando de seu vestido a seu rosto e cabelo. As duas tias riram empolgadas também, pois a solicitude de Gabriel era sempre uma piada entre elas.

— Galochas! — disse a sra. Conroy. — Era o que me faltava. Toda vez que fica úmido eu tenho que pôr as minhas galochas. Até hoje, ele queria que eu calçasse, mas eu é que não ia usar. Qualquer dia desses ele vai me comprar uma roupa de mergulho.

Gabriel ria nervoso e dava tapinhas de consolo na gravata, enquanto tia Kate quase rachava de rir, de tanto que gostou da piada. O sorriso súbito sumiu do rosto de tia Julia e seus olhos apagados dirigiram-se ao rosto do sobrinho. Depois de uma pausa, ela perguntou:

— E o que é que são essas galochas, Gabriel?

— Galochas, Julia! — exclamava sua irmã. Santo Deus, você não sabe o que é uma galocha? A gente usa assim por cima... por cima da bota, não é, Gretta?

— Isso — disse a sra. Conroy. — Umas coisas de guta-percha. Agora nós temos um par cada um. O Gabriel diz que todo mundo está usando no Continente.

— Ah, no Continente — murmurou tia Julia, balançando lenta a cabeça.

Gabriel cerrou as sobrancelhas e disse, como se estivesse levemente contrafeito:

— Não é nenhuma maravilha, mas a Gretta acha muito engraçado porque ela diz que a palavra parece coisa dos menestréis de Christy.

— Não me conte, Gabriel — disse tia Kate, com ríspido tato. — Claro que você providenciou um quarto. A Gretta estava dizendo...

— Ah, o quarto está certinho — replicou Gabriel. — Eu reservei no Gresham.

— Lógico — disse tia Kate —, de longe o melhor que você podia fazer. E as crianças, Gretta, você não fica preocupada com eles?

— Ah, uma noite só — disse a sra. Conroy. — Além disso, a Bessie vai cuidar deles.

— Lógico — disse tia Kate de novo. — Que conforto ter uma menina dessas, assim de confiança! Tem aquela Lily, e eu é que não sei o que deu nela ultimamente. Nem parece mais a mesma.

Gabriel estava a ponto de fazer algumas perguntas à tia sobre isso, mas ela de repente se interrompeu para desviar o olhar para a irmã, que tinha descido alguns degraus e esticava o pescoço por sobre a balaustrada.

— Mas, por favor — ela disse, quase irritada —, aonde é que vai a Julia? Julia! Julia! Aonde é que você vai?

Julia, que tinha descido metade de um lance, voltou e anunciou inalterada:

— Olha o Freddy.

No mesmo momento as palmas e mais um floreio final do piano disseram que a valsa acabara. A porta da sala de estar foi aberta por dentro e alguns casais saíram. Tia Kate puxou Gabriel de canto apressada e sussurrou no ouvido dele:

— Dá uma descidinha, Gabriel, seja bonzinho, para ver se ele está bem, e não me deixe ele subir se ele estiver torto. Eu tenho certeza que ele está torto. Certeza.

Gabriel foi até a escada e ficou ouvindo da balaustrada. Podia ouvir duas pessoas conversando na despensa. E aí reconheceu a risada de Freddy Malins. Ele desceu as escadas sem nenhum ruído.

— Mas que alívio — disse tia Kate à sra. Conroy — o Gabriel estar aqui. Eu sempre fico mais tranquila quando ele está... Julia, a senhorita Daly e a senhorita Power vão querer uns refrescos. Obrigada pela linda valsa, senhorita Daly. Foi um encanto.

Um homem alto e de cara encarquilhada, com um duro bigode grisalho e pele avermelhada, que passava com sua acompanhante, disse:

— E será que nós também podemos tomar um refresco, senhorita Morkan?

— Julia — disse tia Kate sumariamente —, e olha aqui o senhor Browne e a senhorita Furlong. Leve os dois para dentro, Julia, e a senhorita Daly e a senhorita Power.

— Eu sou o homem das senhoritas — disse o sr. Browne, cerrando os lábios até eriçar o bigode e sorrindo por todas as rugas. — Sabe,

senhorita Morkan, o motivo de elas gostarem tanto de mim é...

Ele não terminou a frase mas, vendo que tia Kate já ia longe, imediatamente conduziu as três moças para a sala dos fundos. O meio do cômodo estava tomado por duas mesas quadradas emendadas, e nelas tia Julia e o zelador ajeitavam e alisavam uma grande toalha. No aparador dispunham-se pratos e salvas, e copos e feixes de facas, colheres e garfos. O topo do piano de armário fechado servia também de aparador para viandas e doces. Diante de um aparador menor a um canto estavam parados dois rapazes, bebendo biter de lúpulo.

O sr. Browne conduziu para lá suas protegidas e ofereceu a todas, jocosamente, um ponche para damas, quente, forte e doce. Como disseram que nunca bebiam coisas fortes, ele abriu três garrafas de limonada para elas. Aí pediu que um dos rapazes se afastasse e, tomando posse do decantador, serviu-se de uma bela dose de uísque. Os rapazes olhavam respeitosos enquanto ele provava um gole.

— Deus que me ajude — ele disse, sorrindo —, mas isso aqui é bem o que o médico receitou.

Seu rosto encarquilhado rasgou-se em sorriso mais amplo, e o riso das três moças ecoou musicalmente seu gracejo, enquanto balançavam o corpo para a frente e para trás, com nervosos espasmos dos ombros. A mais audaciosa disse:

— Ai, senhor Browne, eu sei muito bem que o médico nunca receitou uma coisa dessas.

O senhor Browne tomou mais um golinho do uísque e disse, num arremedo de confidencialidade:

— Bom, é que, sabe, eu sou como a famosa senhora Cassidy, que dizem que falou: Mas, Mary Grimes, se eu não tomar, me faça tomar, porque eu estou sentindo que eu quero tomar.

O rosto quente dele se inclinara um tanto cúmplice demais e ele tinha adotado um sotaque dublinense muito baixo, de modo que as moças, com um mesmo instinto todas, silentes, receberam sua fala. A srta. Furlong, que era uma das alunas de Mary Jane, perguntou à srta. Daly qual o nome da valsinha bonita que ela tocou; e o sr.

Browne, vendo-se ignorado, virou-se prontamente para os dois rapazes que eram mais apreciativos.

Uma moça enrubescida, trajando amor-perfeito, entrou na sala, batendo palmas empolgada e gritando:

— Quadrilhas! Quadrilhas!

Nos calcanhares dela vinha a tia Kate, gritando:

— Dois cavalheiros e três damas, Mary Jane!

— Ah, olha aqui o senhor Bergin e o senhor Kerrigan — disse Mary Jane. — Senhor Kerrigan, o senhor dança com a senhorita Power? Senhorita Furlong, posso lhe arrumar um par, o senhor Bergin. Ah, assim fica certinho.

— Três damas, Mary Jane — disse tia Kate.

Os dois rapazes perguntaram às moças se elas lhes dariam o prazer, e Mary Jane virou-se para a srta. Daly.

— Ah, senhorita Daly, a senhorita é tão boazinha, depois de tocar as duas últimas, mas é que hoje nós estamos tão mal providas de damas.

— Eu não me incomodo mesmo, senhorita Morkan.

— Mas eu tenho um par perfeito para a senhorita, o senhor Bartell D'Arcy, o tenor. Eu vou fazer ele cantar mais tarde. A cidade inteira está maluca por causa dele.

— Uma voz linda, linda! — disse tia Kate.

Como o piano tinha começado duas vezes o prelúdio à primeira figura, Mary Jane conduziu velozmente seus recrus para a sala. Eles mal acabavam de sair quando tia Julia foi entrando devagar na sala, olhando alguma coisa por sobre o ombro.

— O que foi, Julia? — perguntou Kate, tensa. — Quem é?

Julia, que trazia uma coluna de guardanapos, virou-se para a irmã e disse, simplesmente, como se a pergunta fosse uma surpresa:

— É só o Freddy, Kate, e o Gabriel com ele.

De fato logo atrás dela via-se Gabriel pilotando Freddy Malins pelo patamar. Este último, um homem de cerca de quarenta anos, era do tamanho e do porte de Gabriel, com ombros bem redondos. Seu rosto era carnudo e pálido, tocado de cor somente nos grossos lóbulos pendentes das orelhas e nas amplas abas das narinas. Tinha traços grosseiros, um nariz curto, uma testa convexa e reentrante,

lábios túmidos e projetados. Os olhos de pesadas pálpebras e a desordem de seu cabelo ralo davam-lhe um ar de sono. Ria animado em tom agudo de uma estória que vinha contando a Gabriel na escada e esfregava ao mesmo tempo os nós dos dedos do punho esquerdo para trás e para a frente no olho esquerdo.

— Boa noite, Freddy — disse tia Julia.

Freddy Malins deu boa-noite para as senhoritas Morkan de um jeito que pareceu meio descuidado em razão de sua voz sempre embargada e aí, vendo que o sr. Browne sorria para ele do aparador, atravessou a sala com passo pouco firme e se pôs a repetir a meia-voz a estória que acabara de contar a Gabriel.

— Ele não está tão mal assim, não é? — disse tia Kate para Gabriel.

As sobrelhas de Gabriel estavam pesadas, mas ele as ergueu rapidamente e respondeu:

— Ah, não, mal se percebe.

— Mas me diga se ele não é terrível! — ela disse. — E a coitada da mãe dele fez ele jurar na véspera do Ano-Novo. Mas vamos, Gabriel, vamos para a sala de estar.

Antes de sair da sala com Gabriel, ela fez um sinal para o sr. Browne fechando o rosto e sacudindo o indicador de um lado para o outro, um aviso. O sr. Browne aquiesceu com a cabeça e, quando ela saiu, disse para Freddy Malins:

— Mas, então, Freddy, eu vou te servir um belo de um copo de limonada só para te dar uma sacudida.

Freddy Malins, que chegava ao clímax da estória, dispensou impaciente com um gesto a oferta, porém o sr. Browne, depois de ter chamado a atenção de Freddy Malins para o estado de suas roupas, encheu e entregou-lhe um copo cheio de limonada. A mão esquerda de Freddy Malins aceitou o copo mecanicamente, estando a direita ocupada na mecânica correção de seus trajés. O sr. Browne, cujo rosto novamente se enrugava de alegria, serviu-se de um copo de uísque enquanto Freddy Malins explodia, antes de ter chegado bem ao clímax da estória, numa espécie de risada estridente e bronquítica e, largando seu copo intocado e transbordante, começava a esfregar os nós dos dedos do punho esquerdo para trás

e para a frente no olho esquerdo, repetindo palavras de sua última frase na medida em que lhe permitia o ataque de riso.

Gabriel não conseguia prestar atenção enquanto Mary Jane tocava sua peça de conservatório, cheia de escalas e trechos difíceis, para uma sala de estar reverente. Ele gostava de música mas a peça que ela estava tocando não tinha melodia para ele e ele duvidava que tivesse qualquer melodia para os outros ouvintes, embora eles houvessem implorado para Mary Jane tocar alguma coisa. Quatro rapazes, que ao som do piano tinham vindo da sala de refrescos para ficar parados à porta, saíram silenciosos depois de alguns minutos. As únicas pessoas que pareciam seguir a música eram a própria Mary Jane, mãos correndo pelas teclas ou delas erguidas nas pausas como as de uma sacerdotisa em momentânea imprecação, e tia Kate parada ao lado dela para virar as páginas.

Os olhos de Gabriel, irritados pelo piso, que brilhava de cera de abelhas sob o pesado candelabro, acabaram na parede acima do piano. Um quadro da cena do balcão de Romeu e Julieta ficava ali e ao lado dele um quadro dos dois príncipes mortos na Torre que tia Julia tinha feito com lã vermelha, azul e marrom quando menina. Provavelmente na escola que frequentaram quando meninas, elas tiveram um ano de aula desse tipo de trabalho. A mãe dele fizera-lhe de presente de aniversário um colete de popelina roxa, com cabecinhas de raposa, forrado de cetim marrom, com botões redondos de amora. Era estranho a mãe dele não ter talento para a música embora a tia Kate sempre dissesse que era ela quem carregava os miolos da família Morkan. Tanto ela quanto Julia sempre pareceram sentir um pouco de orgulho da irmã séria e matronal. A fotografia dela ficava diante do espelho, entre as janelas. Ela estava com um livro aberto no colo e apontava nele alguma coisa para Constantine que, vestido de marinheiro, estava aos pés dela. Foi ela quem escolheu os nomes dos filhos pois levava muito a sério a dignidade da vida em família. Graças a ela, Constantine era agora vigário assistente em Balbrigan e, graças a ela, o próprio Gabriel tinha se formado na Royal University. Uma sombra toldou-lhe o rosto quando lembrou a taciturna oposição da mãe a seu casamento. Certas expressões de desdém que ela

empregara ardiam ainda em sua memória; ela uma vez dissera que Gretta era uma bela do interior e isso não era verdade quanto a Gretta, não mesmo. Foi Gretta quem cuidou dela durante sua última longa doença na casa deles em Monkstown.

Ele sabia que Mary Jane devia estar chegando ao fim da peça, pois estava tocando de novo a melodia da abertura com escalas depois de cada compasso, e enquanto esperava o fim o ressentimento ia morrendo em seu peito. A peça terminou num trinado de oitavas na mão direita e uma funda oitava final nos baixos. Uma grande salva de palmas saudava Mary Jane enquanto, corando e enrolando nervosa a partitura, ela escapava da sala. Os aplausos mais vigorosos vieram dos quatro rapazes parados à porta, que tinham saído para a sala de refrescos no começo da peça mas voltado quando o piano parou.

Preparam-se os lanceiros. Gabriel se viu de par com a senhorita Ivors. Ela era uma mocinha de modos diretos e bem-falante, com um rosto coberto de sardas e proeminentes olhos castanhos. Ela não estava com um corpete decotado, e o grande broche que trazia preso à parte da frente de seu colarinho tinha um emblema irlandês e um lema gaélico.

Quando assumiram seus lugares, ela disse abruptamente:

— Eu tenho que passar uma coisinha a limpo com o senhor.

— Comigo? — disse Gabriel.

Ela aquiesceu com seriedade.

— E o que é? — perguntou Gabriel, sorrindo dos modos solenes dela.

— Quem é G. C.? — respondeu a srta. Ivors, voltando os olhos para ele.

Gabriel enrubesceu e estava prestes a fechar o rosto, como quem não entendeu, quando ela disse rispidamente:

— Ah, coitadinha da Mariazinha, tão inocente! Eu descobri que o senhor escreve para *The Daily Express*. Ora, mas o senhor não tem vergonha?

— E por que eu deveria ter vergonha disso? — perguntou Gabriel, piscando os olhos e tentando sorrir.

— Bom, eu estou com vergonha do senhor — disse a srta. Ivors com franqueza. — Quem diria que o senhor escreveria para um jornal desses. Eu não achava que o senhor fosse anglófilo.

Uma expressão de perplexidade surgiu no rosto de Gabriel. Era verdade que ele escrevia uma coluna literária toda quarta no *Daily Express*, que lhe rendia quinze xelins. Mas com certeza isso não o transformava em anglófilo. Os livros que recebia para resenhar eram quase mais bem-vindos que o chequezinho miserável. Ele adorava passar a mão pelas capas e ir virando as páginas de livros recém-impresos. Quase todo dia quando suas aulas na universidade acabavam ele seguia pelo cais até os vendedores de livros usados, o Hickey na Bachelor's Walk, o Webb ou o Massey no Aston's Quay, ou o O'Clohissey na travessa. Ele não sabia como responder à acusação dela. Queria dizer que a literatura estava acima da política. Mas eles eram amigos de longa data e suas carreiras tinham sido paralelas, primeiro na universidade e depois como professores: não podia arriscar uma frase de efeito com ela. Ele continuava piscando os olhos e tentando sorrir e murmurou inocuamente que não via o que houvesse de política no ato de resenhar livros.

Quando chegou a vez de eles trocarem ele ainda estava pasmado e desligado. A srta. Ivors prontamente segurou a mão dele em sua palma quente e disse num tom calmo e amistoso:

— É claro que eu só estava brincando. Vem, agora a gente troca.

Quando estavam novamente juntos ela falou da questão universitária e Gabriel se sentiu mais à vontade. Uma amiga dela lhe havia mostrado a resenha que ele fizera dos poemas de Browning. Foi assim que ela descobriu o segredo: mas ela gostou demasiado da resenha. Então ela disse repentinamente:

— Ah, senhor Conroy, o senhor viria numa excursão para as ilhas Aran no verão? Nós vamos ficar lá um mês inteiro. Vai ser esplêndido, lá no Atlântico. O senhor devia ir conosco. O senhor Clancy vai, e o senhor Kilkelly e a Kathleen Kearney. Seria esplêndido para a Gretta também se ela fosse. Ela é de Connacht, não é?

— A família dela — disse Gabriel brevemente.

— Mas o senhor vai conosco, não vai? — disse a srta. Ivors, pondo a mão quente, ansiosamente, no braço dele.

— A questão — disse Gabriel — é que eu acabei de marcar uma viagem...

— Mas para onde? — perguntou a srta. Ivors.

— Bom, nós normalmente vamos para a França ou para a Bélgica ou quem sabe a Alemanha — disse Gabriel sem jeito.

— E por que vocês vão à França e à Bélgica — disse a srta. Ivors —, ao invés de visitar a sua própria terra?

— Bom — disse Gabriel —, um pouco para não perder contato com os idiomas e um pouco pela mudança de ares.

— E o senhor não tem de manter contato com o seu próprio idioma, o gaélico? — perguntou a srta. Ivors.

— Bom, disse Gabriel, a bem da verdade, sabe, o gaélico não é a minha língua.

Os vizinhos deles tinham se virado para ouvir o interrogatório. Gabriel espiava nervoso à direita e à esquerda e tentava manter o bom humor durante aquele suplício, que fazia com que um rubor lhe tomasse a testa.

— E o senhor não tem que visitar a sua própria terra — continuava a senhorita Ivors —, que o senhor mal conhece, ou o seu próprio povo, e o seu próprio país?

— Ah, para ser sincero — retorquiu Gabriel subitamente —, eu estou cheio do meu país, cheio!

— Por quê? — perguntou a srta. Ivors.

Gabriel não respondeu, pois estava fervendo depois de sua reação.

— Por quê? — repetiu a srta. Ivors.

Eles tinham que se aproximar juntos dos outros pares e, como ele não lhe dera uma resposta, a srta. Ivors disse afetuosamente:

— É claro que o senhor não tem resposta.

Gabriel tentou disfarçar sua agitação entregando-se à dança com muita energia. Ele evitava o olhar dela, pois tinha visto em seu rosto uma expressão amarga. Mas quando se encontraram na grande corrente ele ficou surpreso ao sentir sua mão apertada com vigor. Ela olhou para ele por sob as sobancelhas por um momento, estranhamente, até ele sorrir. Aí, bem quando a corrente estava

prestes a recomeçar, ela se pôs na ponta dos pés e sussurrou no ouvido dele:

— Anglófilo!

Quando acabaram os lanceiros Gabriel se recolheu a um canto afastado da sala onde estava sentada a mãe de Freddy Malins. Era uma velha corpulenta, frágil, de cabelos brancos. Sua voz era embargada como a do filho e ela gaguejava um pouco. Tinham-lhe dito que Freddy tinha chegado e que ele estava quase bem. Gabriel lhe perguntou se tinha feito boa travessia. Ela morava com a filha casada em Glasgow e visitava Dublin uma vez por ano. Ela respondeu placidamente que a travessia tinha sido linda e que o capitão fora muito atencioso com ela. Ela também falou da linda casa da filha em Glasgow, e de todos os amigos que tinham por lá. Enquanto a língua dela batia, Gabriel tentava banir de sua mente toda e qualquer lembrança do desagradável incidente com a srta. Ivors. Claro que a moça, ou mulher, ou fosse lá ela o que fosse, era uma entusiasta, mas tudo tinha seu tempo. Talvez ele não devesse ter-lhe respondido daquele jeito. Mas ela não tinha direito de chamá-lo de anglófilo na frente dos outros, nem de brincadeira. Ela havia tentado fazê-lo passar ridículo na frente dos outros, com aquela tortura e com aquele olhar de coelhinho.

Ele viu a esposa abrindo caminho até ele por entre os casais que valsavam. Quando chegou até ele ela disse-lhe no ouvido:

— Gabriel, a tia Kate quer saber se você podia trinchar o ganso como sempre. A senhorita Daly vai cortar o presunto e eu sirvo a sobremesa.

— Tudo bem — disse Gabriel.

— Ela vai mandar os mais novos assim que essa valsa acabar, para nós podermos ficar com a mesa só para nós.

— Você estava dançando? — perguntou Gabriel.

— Claro que estava. Você não me viu? Que discussão você teve com a Molly Ivors?

— Discussão nenhuma. Por quê? Foi ela quem disse?

— Mais ou menos. Eu estou tentando convencer o senhor D'Arcy a cantar. Ele é todo cheio de si, parece.

— Não houve discussão — disse Gabriel contrariado —, só que ela queria que eu fosse numa viagem para o oeste da Irlanda e eu disse que não ia.

A esposa dele cerrou as mãos empolgada e deu um pulinho.

— Ah, aceita, Gabriel — ela gritou. — Eu ia adorar ver Galway de novo.

— Pode ir, se quiser — disse Gabriel friamente.

Ela ficou um momento olhando para ele, então se virou para a sra. Malins e disse:

— Isso é que é um bom marido, não é mesmo, senhora Malins?

Enquanto ela retraçava seus passos pela sala a sra. Malins, sem se dar conta da interrupção, continuou falando a Gabriel dos lindos lugares que havia na Escócia e das lindas paisagens. O genro dela levava todos, todo ano, para os lagos e eles iam pescar. O genro dela era um pescador esplêndido. Um dia ele pegou um peixe lindo e o homem do hotel preparou o peixe para o jantar deles.

Gabriel mal ouvia o que ela dizia. Agora que estava chegando a hora da ceia ele começou a pensar de novo em seu discurso e na citação. Quando viu Freddy Malins atravessando a sala para ver a mãe, Gabriel deixou a cadeira livre para ele e se retirou para a soleira da janela. A sala já tinha esvaziado e da sala dos fundos vinha o bater de pratos e facas. Os que ainda restavam na sala de estar pareciam cansados de dançar e conversavam tranquilos em pequenos grupos. Os dedos quentes e trêmulos de Gabriel batucavam no vidro frio. Como deve estar fresco lá fora! Como seria agradável sair sozinho para uma caminhada, primeiro seguindo o rio e depois cruzando o parque! A neve estaria acumulada nos ramos das árvores e formaria um claro capuz sobre o monumento de Wellington. Como seria mais agradável estar lá que à mesa da ceia! Ele reviu os tópicos de seu discurso: a hospitalidade irlandesa, lembranças tristes, as Três Graças, Páris, a citação de Browning. Ele repetiu em voz baixa uma frase que tinha escrito na resenha: *Sentimos estar ouvindo uma música assolada por ideias*. A srta. Ivors elogiara a resenha. Mas será que era sincera? Será que ela tinha vida própria, além daquele propagandismo todo? Nunca houvera nenhum rancor entre eles até aquela noite. Ele se

desanimava ao lembrar que ela estaria à mesa da ceia, com os olhos erguidos para ele, enquanto ele falasse, com aqueles olhos interrogativos e críticos. Talvez ela não lamentasse vê-lo fracassar no discurso. Uma ideia lhe veio à mente e lhe deu coragem. Ele diria, numa alusão a tia Kate e a tia Julia: *Senhoras e senhores, a geração que ora se recolhe diante de nós terá tido seus defeitos, mas de minha parte penso que tinha certas qualidades de hospitalidade, de humor, de humanidade, que a geração mais nova, extremamente séria e hipereducada que está crescendo a nossa volta parece não ter.* Muito bom: essa ia acertar a srta. Ivors. Pouco se lhe dava que suas tias fossem somente duas velhinhas ignorantes.

Um burburinho na sala atraiu sua atenção. O sr. Browne vinha da porta, escoltando galante a tia Julia, que se apoiava em seu braço, sorrindo com a cabeça de lado. Uma rajada irregular de aplausos também a escoltou até o piano e então, enquanto Mary Jane se sentava no banquinho e tia Julia, sem mais sorrisos, virava-se um pouco de modo a colocar a voz adequadamente na sala, aos poucos cessou. Gabriel reconheceu o prelúdio. Era uma das velhas canções de tia Julia — *"Arrayed for the bridal"*. Sua voz, timbre forte e límpido, atacava com grande ímpeto os ornamentos que enfeitam a ária e, embora cantasse muito rápido, ela não perdia nem sequer a menor das apojaturas. Acompanhar a voz, sem olhar para o rosto da cantora, era sentir e compartilhar a empolgação de um voo veloz e calmo. Gabriel aplaudiu bem alto com todos os outros ao fim da canção, e da invisível mesa da ceia veio um forte aplauso. Aquilo parecia tão sincero que um leve rubor conquistou um pouco do rosto de tia Julia enquanto ela se curvava para recolocar na estante de partituras o velho cancionário cujas capas de couro traziam suas iniciais. Freddy Malins, que tinha ouvido com a cabeça posta de lado para escutar melhor, aplaudia ainda quando todos tinham já parado e falava animado com a mãe, que aquiescia solene e lentamente com a cabeça. Finalmente, quando não conseguia mais aplaudir, ele se levantou de um salto e atravessou correndo a sala para agarrar a mão de tia Julia e segurá-la entre as suas, sacudindo a mão dela quando lhe faltavam as palavras ou sua voz se embargava demais.

— Eu estava agorinha mesmo dizendo para a minha mãe — ele disse — que nunca ouvi a senhora cantar tão bem assim, nunca. Não, eu nunca vi a sua voz tão bem quanto hoje. Ora! Ora, dá para a senhora acreditar? Mas é verdade. Juro por tudo que me é mais caro que é verdade. Eu nunca vi a sua voz tão fresca e tão... tão clara e tão fresca, nunca.

Tia Julia sorriu largo e murmurou algo a respeito de elogios enquanto libertava a mão do aperto das dele. O sr. Browne estendeu sua mão aberta na direção dela e disse aos que estavam perto dele, à maneira de um empresário que apresenta um prodígio para o público:

— Senhorita Julia Morkan, minha mais recente descoberta!

Ele estava rindo desbragadamente, sozinho, quando Freddy Malins se virou para ele e disse:

— Pois, Browne, se você está falando sério eu te digo que você podia descobrir coisa bem pior. Eu só posso é dizer que nunca vi ela cantar tão bem nesse tempo todo que eu venho aqui, nem de longe. E isso é verdade verdadeira.

— Nem eu — disse o sr. Browne. Acho que a voz dela melhorou sobremaneira.

Tia Julia deu de ombros e disse com orgulho manso:

— Trinta anos atrás até que a minha voz não era de se jogar fora.

— Eu vivia dizendo para a Julia — disse tia Kate enfaticamente — que ela era simplesmente um desperdício naquele coro. Mas ela nunca me dava ouvidos.

Ela se virou como quem apela para o bom senso dos outros contra uma criança refratária, enquanto tia Julia olhava fixamente adiante, com um vago sorriso de reminiscências brincando no rosto.

— Não — continuava a tia Kate —, ela não dava ouvidos e não seguia ninguém, labutando lá naquele coro noite e dia, noite e dia. Seis da manhã no dia do Natal! E tudo em nome de quê?

— Bom, não seria em nome de Deus, tia Kate? — perguntou Mary Jane, girando no banquinho do piano e sorrindo.

Tia Kate voltou-se furiosa contra a sobrinha e disse:

— Eu sei muito bem disso do nome de Deus, Mary Jane, mas acho que não fica nada bem para o nome do papa ele expulsar as

mulheres dos coros quando elas labutaram lá a vida inteira e colocar uns pirralhinhos que mal saíram dos cueiros no lugar delas. Imagino que é pelo bem da igreja, se é o papa que faz. Mas só que não é justo, Mary Jane, e não é certo.

Ela se deixara empolgar e teria continuado em defesa da irmã, pois era um tema que a incomodava, mas Mary Jane, vendo que todos os dançarinos tinham voltado, interveio pacificamente.

— Ora, tia Kate, a senhora está dando corda para o senhor Browne, que é da outra confissão.

Tia Kate se virou para o sr. Browne, que estava sorrindo diante dessa alusão a sua religião, e disse apressada:

— Ah, eu não estou questionando a correção do papa. Eu sou só uma velha estúpida e não ia me meter a fazer uma coisa dessas. Mas é que tem coisas que são simplesmente questão de educação e de gratidão. E se fosse eu no lugar da Julia eu ia dizer bem na cara do padre Healey...

— E, além disso, tia Kate — disse Mary Jane —, está todo mundo com fome, e quando as pessoas ficam com fome elas ficam briguentas demais.

— E com sede elas também ficam briguentas — acrescentou o sr. Browne.

— Então era melhor ir todo mundo para a ceia — disse Mary Jane —, e depois nós terminamos a discussão.

No patamar diante da sala de estar Gabriel encontrou sua esposa e Mary Jane tentando convencer a srta. Ivors a ficar para a ceia. Mas a srta. Ivors, que tinha posto o chapéu e estava abotoando a capa, não ia ficar. Ela não estava com a menor fome e já tinha ficado mais tempo do que devia.

— Mas só dez minutos, Molly — disse a sra. Conroy. — Isso não há de te atrasar.

— Nem que seja uma boquinha — disse Mary Jane —, depois de tudo que você dançou.

— Eu não posso mesmo — disse a srta. Ivors.

— Eu já estou achando que você nem se divertiu — disse Mary Jane perdendo as esperanças.

— Demais, isso eu garanto — disse a srta. Ivors —, mas vocês precisam mesmo me deixar zarpar agora.

— Mas como é que você vai chegar em casa? — perguntou a sra. Conroy.

— Ah, fica logo ali na esquina.

Gabriel hesitou um momento e disse:

— Com sua permissão, senhorita Ivors, eu a acompanho até sua casa se a senhorita realmente precisa ir.

Mas a srta. Ivors se afastou deles.

— Nem pensar — ela exclamou. — Pelo amor de Deus, vocês vão para essa ceia e não se incomodem comigo. Eu sei muito bem me cuidar sozinha.

— Aiaiai, mas você é um azougue, Molly — disse a sra. Conroy com franqueza.

— *Beannacht libh* — exclamou a srta. Ivors, com uma risada, descendo a escada.

Mary Jane ficou olhando para ela, com uma expressão intrigada e contrariada no rosto, enquanto a sra. Conroy se inclinava por sobre a balaustrada para ouvir a porta da entrada. Gabriel se perguntava se era ele o motivo daquela partida abrupta. Mas ela não parecia estar de mau humor: saíra rindo. Ele ficou olhando à toa escada abaixo.

Naquele momento tia Kate veio titubeante da sala de jantar, quase torcendo as mãos de desespero.

— Cadê o Gabriel? — ela exclamou. — Onde foi que o Gabriel se meteu? Está todo mundo esperando lá, palco aberto, e ninguém para trinchar o ganso!

— Eu estou aqui, tia Kate! — gritou Gabriel, subitamente animado, pronto para trinchar um bando de gansos, se necessário.

Um ganso gordo e pardo jazia a um canto da mesa, e no outro, sobre leito de papel vincado espargido de ramos de salsa, jazia um grande pernil, despido de sua pele externa e salpicado de migalhas de pão, um belo babado de papel à roda do osso, e ao lado dele havia um corte de carne temperada. Entre esses cantos opostos passavam paralelas duas linhas de guarnições: dois pequenos monastérios de geleia, vermelho, amarelo; um prato raso pleno de

blocos de manjar branco e compota vermelha, um grande prato verde em formato de folha com cabo moldado em formato de talo, no qual havia montes de passas roxas e amêndoas descascadas, um prato do mesmo conjunto no qual havia um sólido retângulo de figos de Esmirna, um prato de creme coberto de noz-moscada ralada, uma tigela pequena cheia de chocolates e doces embrulhados em papéis dourados e prata e um vaso de vidro de que se eriçavam talos altos de aipo. No centro da mesa estavam, como sentinelas de uma fruteira que sustentava uma pirâmide de laranjas e maçãs americanas, dois antiquados decantadores atarracados de vidro jateado, um contendo porto e outro, xerez escuro. No piano de armário fechado um pudim num imenso prato amarelo estava à espera, e atrás dele havia três batalhões de garrafas de cerveja preta e clara e de água mineral, alinhados segundo as cores de seus uniformes, negros os dos primeiros, com rótulos marrons e vermelhos, branco o do terceiro e menor batalhão, com faixas verdes atravessadas.

Gabriel ocupou decidido seu lugar à cabeceira da mesa e, com uma olhada para o fio da faca, meteu o garfo com firmeza no ganso. Sentia-se agora bem calmo, pois era um trinchador de primeira e adorava se ver à cabeceira de uma mesa bem servida.

— Senhorita Furlong, qual é o seu pedido? — ele perguntou. — Uma asa ou uma fatia de peito?

— Só uma fatiazinha de peito.

— Senhorita Higgins, e o seu?

— Ah, qualquer coisa, senhor Conroy.

Enquanto Gabriel e a srta. Daly trocavam pratos de ganso e pratos de pernil e carne temperada, Lily ia de convidado em convidado com um prato de batatas inglesas quentes, envolto em guardanapo branco. Isso tinha sido ideia de Mary Jane e ela também tinha sugerido um molho de maçã para o ganso, mas tia Kate disse que um bom gansinho assado sem nada de molho de maçã tinha sempre estado ótimo para ela e que ela esperava não ter que comer coisa pior. Mary Jane cuidava de seus alunos e garantia que recebessem as melhores fatias, e tia Kate e tia Julia abriam e traziam do piano garrafas de cerveja preta e clara para os cavalheiros e de água

mineral para as senhoras. Era muita confusão, muito riso e ruído, ruído de pedidos e contrapedidos, de facas e garfos, de rolhas e tampas de decantadores. Gabriel começou a trincar o segundo prato dos comensais assim que terminou a primeira rodada, sem se servir. Protestaram todos em alto e bom som, de modo que ele condescendeu tomando um belo gole de cerveja preta, pois tinha ficado com calor trinchando. Mary Jane se acomodou quieta para sua ceia. Mas tia Kate e tia Julia ainda titubeavam em volta da mesa, pisando uma nos pés da outra, ficando uma no caminho da outra e dando cada uma à outra desconsideradas ordens. O sr. Browne implorou que elas sentassem e comessem e Gabriel também, mas elas disseram que não havia pressa, de modo que, finalmente, Freddy Malins levantou e, capturando tia Kate, acomodou-a na cadeira entre risos generalizados.

Quando todos tinham sido bem servidos, Gabriel disse, sorrindo:

— Agora, se alguém quiser mais um pouquinho do que as pessoas vulgares chamam de farofa, que fale ou cale-se para sempre.

Um coro de vozes o incitou a começar sua própria ceia, e Lily surgiu com três batatas que havia reservado para ele.

— Pois bem — disse Gabriel afetuosamente, enquanto tomava mais um gole preparatório —, tenham então a bondade de esquecer que eu existo, senhoras e senhores, por alguns minutos.

Ele se concentrou na ceia e não participou da conversa com que a mesa cobriu a retirada dos pratos efetuada por Lily. O tema era a companhia de ópera que estava então no Theatre Royal. O senhor Bartell D'Arcy, o tenor, um rapaz de compleição escura com um bigodinho elegante, elogiou empolgadamente a primeira contralto da companhia, mas a senhorita Furlong achava que eles tinham um estilo de produção bem vulgar. Freddy Malins disse que havia um chefe negro cantando na segunda parte da pantomima do Gaiety, dono de uma das melhores vozes de tenor que ele já ouvira.

— O senhor já ouviu ele cantar? — ele perguntou a Bartell D'Arcy do outro lado da mesa.

— Não — respondeu o sr. Bartell D'Arcy levianamente.

— Porque — Freddy Malins explicou — agora eu ia querer saber o que o senhor achava dele. Eu acho que ele tem uma voz

maravilhosa.

— Só o Teddy para descobrir as coisas boas de verdade — disse o sr. Browne com familiaridade para a mesa.

— Mas e por que é que ele não podia ter uma voz boa? — perguntou Freddy Malins rispidamente. — Só porque ele é preto?

Ninguém respondeu essa pergunta e Mary Jane conduziu a mesa de volta à ópera legítima. Uma de suas alunas lhe dera uma entrada para *Mignon*. Lógico que era muito bonito, ela disse, mas ela acabou foi pensando na coitada da Georgina Burns. O sr. Browne podia ir ainda mais longe, até as antigas companhias italianas que vinham a Dublin — Tietjens, Ilma de Murzka, Campanini, o grande Trebelli, Giugline, Ravelli, Aramburo. Bons tempos, ele disse, quando havia canto de verdade em Dublin. Ele contou também como as torrinhas do Old Royal viviam cheias, toda noite, e como uma noite um cantor italiano deu bis cinco vezes com a ária *Let me like a soldier fall*, colocando um dó de peito todas as vezes, e como os rapazes das galerias às vezes de tão entusiasmados soltavam os cavalos da carruagem de alguma grande prima-dona e puxavam eles mesmos a cantora pela rua até o hotel. Por que eles nunca mais levavam as grandes óperas de antigamente, ele perguntou, *Dinorah*, *Lucrezia Borgia*? Porque não arranjavam mais as vozes para cantar: era por isso.

— Pois muito bem — disse o sr. Bartell D'Arcy —, na minha modesta opinião hoje há tantos cantores bons quanto antigamente.

— E onde é que eles estão? — perguntou o sr. Browne, desafiador.

— Em Londres, Paris, Milão — disse o sr. Bartell D'Arcy animadamente. — Na minha modesta opinião, Caruso, por exemplo, é tão bom quanto qualquer um dos que o senhor mencionou, se não for melhor.

— Pode até ser — disse o sr. Browne. Mas eu devo lhe dizer que duvido muito.

— Ah, eu daria tudo para ouvir Caruso cantar — disse Mary Jane.

— Para mim — disse tia Kate, que tinha terminado de roer seu osso —, só existiu um tenor. Para o meu gosto, quer dizer. Mas eu acho que ninguém aqui ouviu falar dele.

— E quem era, senhorita Morkan? — perguntou Bartell D'Arcy educadamente.

— O nome dele — disse tia Kate — era Parkinson. Eu ouvi ele cantar quando ele estava no auge e acho que tinha a voz de tenor mais pura que Deus já deu a um homem.

— Estranho — disse o sr. Bartell D'Arcy. — Eu nunca ouvi falar dele.

— Isso mesmo, a senhorita Morkan tem razão — disse o sr. Browne. Eu lembro de ouvir o velho Parkinson, mas ele é antigo demais para mim.

— Um tenor inglês lindo, puro, doce, suave — disse tia Kate entusiasmada.

Como Gabriel tinha terminado, o imenso pudim foi transferido para a mesa. Começou novamente o bater de garfos e colheres. A esposa de Gabriel servia colheradas do pudim e os pratos iam passando pela mesa. A meio caminho eram detidos por Mary Jane, que os completava com geleia de framboesa ou de laranja ou manjar branco e compota. O pudim era de tia Julia, que recebeu elogios por ele, de todos os cantos. Já ela própria disse que não estava bem marrom.

— Bom, senhorita Morkan — disse o sr. Browne —, tomara que eu esteja bem *marrom* na sua opinião porque, sabe como é, eu me chamo *brown*, não é mesmo?

Todos os cavalheiros, exceto Gabriel, comeram um pouco de pudim para agradar à tia Julia. Como Gabriel nunca comia doce tinham deixado o aipo para ele. Freddy Malins também pegou um talo de aipo e comeu com o pudim. Tinham-lhe dito que aipo era fenomenal para o sangue e ele estava em tratamento médico. A sra. Malins, que ficara toda a ceia calada, disse que o filho estava indo para Mount Melleray dentro de mais ou menos uma semana. A mesa então falou de Mount Melleray, de como era revigorante o ar de lá, de como eram hospitaleiros os monges e de como nunca pediam um tostão aos hóspedes.

— Mas então quer dizer — perguntou o sr. Browne incredulamente — que o camarada pode ir para lá e se acomodar como se fosse um hotel e viver à grande e aí se mandar sem pagar nadinha?

— Ah, quase todo mundo faz alguma doação para o monastério quando sai — disse Mary Jane.

— Bom seria se a gente tivesse uma instituição dessas na nossa igreja — disse o sr. Browne candidamente.

Ele ficou chocado ao saber que os monges nunca falavam, levantavam às duas da manhã e dormiam cada um em seu caixão. Perguntou por que eles faziam uma coisa dessas.

— É a regra da ordem — disse tia Kate com firmeza.

— Tudo bem, mas por quê? — perguntou o sr. Browne.

Tia Kate repetiu que era a regra, e pronto. O sr. Browne ainda parecia não entender. Freddy Malins explicou, o melhor que pôde, que os monges estavam tentando compensar os pecados cometidos por todos os pecadores do mundo lá fora. A explicação não foi muito clara, pois o sr. Browne sorriu amarelo e disse:

— Eu acho ótima a ideia, mas será que uma cama de molas bem macia não ia ser tão boa quanto um caixão?

— O caixão — disse Mary Jane — é para eles se lembrarem do seu fim definitivo.

Como o tema tinha se tornado lúgubre, ficou enterrado num silêncio da mesa, durante o qual pôde-se ouvir a sra. Malins dizendo a sua vizinha num tom nitidamente encoberto:

— São umas pessoas ótimas, esses monges, uns homens muito pios.

Passavam-se agora as amêndoas e figos, maçãs e laranjas, chocolates e docinhos pela mesa, e tia Julia convidou todos a aceitarem fosse um porto ou um xerez. De início o sr. Bartell D'Arcy se recusou a aceitar qualquer dos dois, mas um de seus vizinhos lhe deu um cutucão com o cotovelo e sussurrou-lhe alguma coisa, quando então ele deixou que se lhe enchesse o copo. Gradualmente enquanto enchiam-se os últimos copos cessou a conversa. Seguiu-se uma pausa, rompida apenas pelo ruído do vinho e cadeiras remexidas. As senhoritas Morkan, todas as três, mantinham os olhos na toalha. Alguém tossiu uma ou duas vezes e então alguns cavalheiros deram poucas pancadinhas na mesa pedindo silêncio. Veio o silêncio e Gabriel afastou sua cadeira e se ergueu.

As pancadinhas ficaram imediatamente mais altas para encorajá-lo e logo súbito cessaram. Gabriel apoiou seus dez dedos trêmulos na toalha e sorriu nervoso para o grupo. Encontrando uma fileira de rostos erguidos ele ergueu os olhos para o candelabro. O piano tocava uma valsinha e ele podia ouvir as saias roçando a porta da sala de estar. Havia, talvez, gente parada na neve no cais lá fora, olhando para as janelas iluminadas lá no alto e ouvindo esta valsa tocar. O ar lá era puro. À distância ficava o parque, onde as árvores restavam pesadas de neve. O monumento de Wellington trajava reluzente gorro de neve, que cintilava para o oeste sobre os alvos campos de Fifteen Acres. Ele começou:

— Senhoras e senhores, coube-me nesta noite, como em anos anteriores, uma tarefa muito agradável, mas a cuja altura receio não chegue minha capacidade de orador.

— Ora, ora! — disse o sr. Browne.

— Mas, seja como for, hoje só posso pedir-lhes que aceitem minhas intenções em lugar de meus atos, e que me concedam sua atenção por alguns momentos enquanto tento verter em palavras meus sentimentos nesta ocasião.

— Senhoras e senhores, não é a primeira vez em que nos reunimos sob este teto hospitaleiro, em torno desta mesa hospitaleira. Não é a primeira vez em que somos o alvo — ou talvez fosse melhor dizer, as vítimas — da hospitalidade de umas certas senhoras.

Ele fez um círculo no ar com o braço e se deteve. Todos riram ou sorriram para a tia Kate e tia Julia e Mary Jane, que ficaram todas carmesins de prazer. Gabriel prosseguiu mais empolgado:

— A cada ano que passa fica mais forte em mim a sensação de que nosso país não tem tradição que o honre tanto e pela qual devesse zelar tão cuidadosamente quanto a de sua hospitalidade. Trata-se até onde me tenha sido dado ver (e já visitei não poucos lugares no exterior) de uma tradição singular entre as nações modernas. Alguns diriam, talvez, que entre nós isso é mais um defeito que algo de que nos gabarmos. Mas mesmo que se aceite isso, trata-se, em minha opinião, de um defeito principesco, e um defeito que espero que ainda cultivemos por muito tempo. De uma

coisa, ao menos, estou certo. Enquanto este teto abrigar aquelas supracitadas senhoras — e desejo do fundo de meu coração que ainda as abrigue por muitos e muitos anos vindouros —, a tradição da legítima, alegre e cortês hospitalidade irlandesa, que nossos antepassados nos legaram e que devemos legar a nossos descendentes, vive ainda entre nós.

Um afetuoso murmúrio aquiescente correu pela mesa. Atravessou a cabeça de Gabriel a ideia de que a srta. Ivors não estava lá e que tinha ido embora de maneira deseducada: e disse cheio de autoconfiança:

— Senhoras e senhores, Uma nova geração cresce entre nós, uma geração movida por novas ideias e princípios novos. Ela trata tais ideias com seriedade e entusiasmo e seu entusiasmo, mesmo quando equivocado, acredito, é basicamente sincero. Mas vivemos em tempos céticos e, se posso usar esta expressão, assolados por ideias: e por vezes temo que esta nova geração, educada ou hipereducada como seja, não terá aquelas qualidades de humanidade, de hospitalidade, de um humor gentil que pertenciam a uma era mais antiga. Ouvindo nesta noite os nomes de todos aqueles grandes cantores do passado, pareceu-me, devo confessar, que estávamos vivendo em um período menos amplo. Aqueles tempos podem, sem exagero, ser ditos tempos espaçosos: e se desapareceram da memória, esperemos, pelo menos, que em reuniões como esta falemos ainda deles com orgulho e com carinho, que ainda guardemos no peito a lembrança dos grandes que se foram, cuja fama o mundo não deixará morrer impunemente.

— Deveras! — disse alto o sr. Browne.

— Entretanto — continuou Gabriel, com a voz caindo numa inflexão mais calma —, há sempre em encontros como este ideias mais tristes que nos hão de ocorrer; do passado, da juventude, das mudanças, dos rostos ausentes cuja falta ora sentimos. Nosso caminho pela vida é coberto de lembranças tristes como essas: e se acaso vivêssemos a lamentar esses fatos não encontraríamos o ânimo para seguir bravamente na lida entre os vivos. Temos, todos, deveres na vida e afetos na vida que exigem, e de pleno direito o exigem, nossos mais incansáveis esforços.

— Portanto, não vou me deter no passado. Não vou permitir que um tom moralizante e sombrio invada esta noite. Cá estamos nós, reunidos por um breve instante, afastados de nossos afazeres diários. Aqui nos encontramos como amigos, no espírito de companheirismo, como colegas, também, em certa medida, no verdadeiro espírito de *camaraderie*, e como convidados das — que nome lhes hei de dar? — das Três Graças do mundo musical de Dublin.

A mesa explodiu em aplausos e risadas diante dessa tirada. Tia Julia pediu primeiro ao vizinho de um lado e depois ao do outro que lhe dissessem o que Gabriel tinha falado.

— Ele disse que nós somos as Três Graças, tia Julia — disse Mary Jane.

Tia Julia não entendeu, mas ergueu os olhos, sorrindo para Gabriel, que continuou na mesma veia:

— Senhoras e senhores, não vou tentar assumir hoje o papel que foi de Páris em outra ocasião. Não vou tentar escolher entre elas. Tal tarefa seria desagradável e estaria além de minhas capacidades. Pois quando as considero individualmente, seja nossa anfitriã principal, cujo bom coração, cujo coração até bom demais, é algo com que podem contar todos que a conhecem; seja sua irmã, que parece dotada da eterna juventude e cuja voz há de ter sido uma surpresa e uma revelação para todos nós na noite de hoje; seja, e não ousemos esquecê-la, quando considero nossa mais jovem anfitriã, talentosa, animada, trabalhadora e a melhor das sobrinhas, eu confesso, senhoras e senhores, que não sei a qual delas devesse dar o prêmio.

Gabriel baixou os olhos para as tias e, vendo o largo sorriso no rosto de tia Julia e as lágrimas que surgiram dos olhos de tia Kate, apressou-se para concluir. Ele ergueu galante o copo de porto, enquanto cada membro do grupo digitava ansioso seu copo, e disse em alto e bom som:

— Brindemos a todas as três. Bebamos à sua riqueza, saúde, vida longa, felicidade e prosperidade, e que possam continuar a manter a altiva posição que por conta própria conquistaram em sua profissão e a posição de honra e de carinho que ocupam em nossos corações.

Todos os convidados levantaram, de copo na mão, e voltando-se para as três senhoritas sentadas, cantaram em uníssono, com o sr. Browne de líder:

*Porque elas são companheiras,
Porque elas são companheiras,
Porque elas são companheiras,
Ninguém pode negar.*

Tia Kate usava abertamente o lenço e até tia Julia parecia comovida. Freddy Malins marcava o compasso com o garfo de sobremesa e os cantores se voltavam uns para os outros, como que em melodiosa conferência, enquanto cantavam enfaticamente:

*Ninguém pode negar,
Ninguém pode negar.*

Então, voltando-se mais uma vez para as anfitriãs, eles cantaram:

*Porque elas são companheiras,
Porque elas são companheiras,
Porque elas são companheiras,
Ninguém pode negar.*

A aclamação que se seguiu contagiou do outro lado da porta da sala de jantar vários dos outros convidados e se renovou repetida, Freddy Malins agindo de maestro de garfo em riste.

O ar cortante da manhã entrava no átrio em que estavam de modo que tia Kate disse:

— Alguém me feche essa porta. A senhora Malins vai morrer de frio aqui.

— O Browne está lá fora, tia Kate — disse Mary Jane.

— O Browne está por tudo — disse tia Kate, baixando a voz.

Mary Jane riu do tom dela.

— É verdade — ela disse maliciosamente —, ele é muito atencioso.

— Instalaram ele aqui que nem o gás — disse tia Kate no mesmo tom —, e tudo no Natal. Ela mesma riu dessa vez bem-humorada e

então acrescentou rapidamente:

— Mas mande ele entrar, Mary Jane, e feche a porta. Deus queira que ele não tenha me escutado.

Naquele momento a porta da frente se abriu e o sr. Browne subiu o degrau da entrada, rindo como se seu coração fosse estourar. Ele estava com um sobretudo verde longo com punhos e colarinho de astracã de imitação e tinha na cabeça um gorro oval de pele. Apontou para a linha do cais nevado de onde vinha com o vento um assovio estridente.

— O Teddy vai chamar todos os fiacres de Dublin — ele disse.

Gabriel avançou vindo da pequena despensa atrás do escritório, lutando para entrar no sobretudo e, olhando à roda do átrio, disse.

— A Gretta ainda não desceu?

— Ela está pegando as coisas dela, Gabriel — disse tia Kate.

— Quem está tocando lá em cima? — perguntou Gabriel.

— Ninguém. Todo mundo já foi embora.

— Ah, não, tia Kate, disse Mary Jane. O Bartell D'Arcy e a senhorita O'Callaghan ainda não foram.

— Eu só sei que alguém está brincando com o piano — disse Gabriel.

Mary Jane deu uma olhada para Gabriel e para o sr. Browne e disse estremecendo:

— Me dá frio só de ver vocês dois encasacados desse jeito. Eu é que não queria encarar a volta para casa uma hora dessas.

— Pois eu agora só queria — disse o sr. Browne roliço — era dar uma bela de uma caminhada pelo campo ou um passeio numa charrete bem rápida com um alazão bem forte arreado.

— Nós tínhamos um cavalo e uma charrete bem bons em casa — disse tia Julia, triste.

— O inesquecível Johnny — disse Mary Jane, rindo.

Tia Kate e Gabriel riram também.

— Por quê? O que é que esse Johnny tinha de maravilhoso? — perguntou o sr. Browne.

— O falecido e lastimado Patrick Morkan, ou seja, nosso avô — explicou Gabriel —, conhecido por todos no final da vida como O Velhinho, era fabricante de cola.

— Ah, por favor, Gabriel — disse tia Kate, rindo —, ele tinha uma fábrica de goma.

— Bom, cola ou goma — disse Gabriel —, o velhinho tinha um cavalo chamado Johnny. E o Johnny trabalhava na fábrica do velhinho, andando em círculos para tocar o engenho. Até aí tudo bem; mas agora vem a parte trágica da história do Johnny. Num belo dia o velhinho achou que era uma boa ideia ir desfilar com o *crème-de-la-crème* numa parada militar no parque.

— Que o senhor tenha piedade da alma dele — disse tia Kate, contrita.

— Amém — disse Gabriel. — Aí o velhinho, como eu ia dizendo, arreou o Johnny e meteu sua melhor cartola e seu melhor colarinho duro e saiu em grande estilo da mansão de seus ancestrais, em algum lugar perto lá de Back Lane, eu acho.

Todos riram, até a sra. Malins, do jeito de Gabriel, e tia Kate disse:

— Ah, por favor, Gabriel, ele não morava em Back Lane, não mesmo. Era só a fábrica que era lá.

— Lá da mansão de seus ancestrais — continuou Gabriel —, ele cavalgou com o Johnny. E tudo foi que era uma beleza até o Johnny topar com a estátua do rei Billy: e seja porque ele se apaixonou pelo cavalo em que o rei Billy está montado, seja porque achou que estava de volta à fábrica, de um jeito ou de outro, o que importa é que ele começou a andar em torno da estátua.

Gabriel caminhava em círculos à roda do átrio de galochas em meio ao riso dos outros.

— E ficou lá dando voltas — disse Gabriel —, e o velhinho, que era um velhinho muito do pomposo, tremendamente ultrajado. *Ora, meu senhor! Como assim, meu senhor? Johnny! Johnny! Coisa mais descabida! Mas esse cavalo é impossível!*

Os carrilhões de gargalhadas que se seguiram à imitação que Gabriel fazia do incidente foram interrompidos por uma batida ressoante na porta da entrada. Mary Jane correu para abrir e fez Freddy Malins entrar. Freddy Malins, de chapéu empurrado bem para trás e com os ombros corcovados pelo frio, bufava e fervia por causa do esforço que tinha feito.

— Só consegui um fiacre — ele disse.

— Ah, tudo bem, nós achamos outro no cais — disse Gabriel.

— Isso — disse tia Kate. — Melhor não deixar a senhora Malins parada nesse vento encanado.

A sra. Malins desceu os degraus apoiada no filho e no sr. Browne e, depois de muitas manobras, foi içada para dentro do fiacre. Freddy Malins entrou trôpego atrás dela e passou muito tempo acomodando a mãe no assento, com o sr. Browne auxiliando com conselhos. Finalmente ela estava confortavelmente instalada e Freddy Malins convidou o sr. Browne a subir no fiacre. Houve uma bela rodada de uma conversa confusa, e então o sr. Browne subiu no fiacre. O cocheiro ajeitou o cobertor sobre os joelhos e se curvou para ouvir o endereço. A confusão ficou maior e o cocheiro recebia ordens diferentes de Freddy Malins e do sr. Browne, cada um deles com a cabeça projetada de uma janela do fiacre. A dificuldade era saber onde deixar o senhor Browne no caminho, e tia Kate, tia Julia e Mary Jane ajudavam na discussão paradas à porta com ordens que se atravancavam e contradiziam e com uma abundância de gargalhadas. Quanto a Freddy Malins, este nem conseguia falar de tanto rir. Ele metia a cabeça para dentro e para fora da janela a cada momento arriscando demais a segurança do chapéu, e contava para a mãe como ia progredindo a discussão, até que finalmente o sr. Browne gritou para o desorientado cocheiro por sobre o som das risadas de todos:

— Você conhece o Trinity College?

— Sim, senhor — disse o cocheiro.

— Bom, siga direto para o portão do Trinity College — disse o sr. Browne —, que aí nós te dizemos para onde ir. Entendeu agora?

— Sim, senhor — disse o cocheiro.

— Toca reto para o Trinity College.

— Certo, senhor — disse o cocheiro.

O cavalo recebeu o chicote e o fiacre chacoalhou pelo cais entre um coro de risos e adeus. Gabriel não tinha ido até a porta com os outros. Ele estava numa parte escura do átrio olhando para o alto da escada. Uma mulher estava parada no topo do primeiro lance, também na sombra. Ele não conseguia ver-lhe o rosto mas podia ver os painéis terracota e salmão de sua saia que a sombra fazia

parecerem pretos e brancos. Era sua esposa. Ela estava debruçada na balaustrada, ouvindo alguma coisa. Gabriel ficou surpreso com a imobilidade dela e esforçou-se por ouvir também. Mas pouco podia ouvir salvo o ruído do riso e da discussão na entrada, uns poucos acordes do piano e notas poucas da voz de um homem que cantava.

Ele ficou imóvel nas trevas do átrio, tentando pegar a ária que a voz cantava e olhando para sua mulher no alto. Havia graça e mistério em sua atitude como se ela fosse um símbolo de algo. Ele se perguntou de que uma mulher parada de pé na escada, ouvindo uma música distante, seria símbolo. Se fosse pintor ele a pintaria naquela atitude. Seu chapéu azul de feltro lhe realçaria o bronze do cabelo contra o escuro e os painéis escuros da saia destacariam os mais claros. *Música distante* ele intitularia o quadro se fosse pintor.

A porta da entrada fechou, e tia Kate, tia Julia e Mary Jane vieram pelo átrio, rindo ainda.

— Mas não é um terror esse Freddy? — disse Mary Jane. Ele é um terror.

Gabriel não abriu a boca, mas apontou para a escada, onde estava parada sua esposa. Agora que a porta da entrada estava fechada a voz e o piano faziam-se ouvir com mais clareza. Gabriel ergueu a mão para que elas fizessem silêncio. A canção parecia estar na antiga tonalidade irlandesa e o cantor parecia não confiar nem no que lembrava da letra nem no que tinha de voz. A voz, transformada em lamento pela distância e pela rouquidão do cantor, iluminava vagamente a cadência da ária com palavras que expressavam uma dor:

*Ah, a chuva cai em meus cachos pesados
E o orvalho molha a pele,
Meu filho jaz frio...*

— Ah — exclamou Mary Jane. — É o Bartell D'Arcy cantando, e ele que não quis cantar a noite toda. Ah, eu vou ver se ele canta uma canção antes de ir embora.

— Faça isso mesmo, Mary Jane — disse tia Kate.

Mary Jane passou pelos outros e correu para a escada, mas antes de chegar a ela o canto cessou e o piano súbito fechou-se.

— Ah, mas que pena! — ela gritou. — Ele está descendo, Gretta?

Gabriel ouviu sua esposa dizer que sim e a viu descer até eles. Alguns passos atrás dela vinham o sr. Bartell D'Arcy e a srta. O'Callaghan.

— Ah, senhor D'Arcy — gritou Mary Jane —, é pura maldade sua parar assim no meio quando nós estávamos todos aqui ouvindo encantados.

— Eu peguei no pé dele a noite toda — disse a srta. O'Callaghan —, e a senhora Conroy também, e ele disse que estava com um resfriado horrível e não podia cantar.

— Ah, senhor D'Arcy — disse tia Kate —, mas que mentira mais feia.

— Mas a senhora não está vendo que eu estou rouco que nem um corvo? — disse o sr. D'Arcy áspero.

Ele entrou apressadamente na despensa e vestiu o sobretudo. Os outros, assustados com sua réplica rude, não encontravam o que dizer. Tia Kate cerrava o cenho e fazia sinais para os outros deixarem aquilo quieto. O sr. D'Arcy estava parado embrulhando cuidadosamente o pescoço, com uma cara feia.

— É o tempo — disse tia Julia, depois de uma pausa.

— É, todo mundo fica resfriado — disse tia Kate prontamente —, todo mundo.

— Dizem — disse Mary Jane — que fazia trinta anos que não nevava desse jeito, e eu li hoje de manhã no jornal que a nevasca é geral em toda a Irlanda.

— Eu adoro olhar a neve — disse tia Julia, triste.

— Eu também — disse a srta. O'Callaghan. — Acho que o Natal só é Natal de verdade quando tem neve no chão.

— Mas o coitado do senhor D'Arcy não gosta de neve — disse tia Kate, sorrindo.

O sr. D'Arcy saiu da despensa, todo embrulhado e abotoado, e num tom arrependido lhes contou a história de seu resfriado. Todos lhe deram conselhos e disseram que era pena mesmo e o mandaram tomar muito cuidado com aquela garganta no ar da noite. Gabriel observava a esposa, que não se juntou à conversa. Estava parada bem embaixo do empoeirado vidro semicircular que encimava a

porta e a chama do gás acendia-lhe o bronze do cabelo, que ele a tinha visto secar ao fogo dias antes. Ela estava com a mesma atitude e parecia não se dar conta da conversa a sua volta. Finalmente ela se virou para eles e Gabriel viu que havia cor no rosto dela e que seus olhos brilhavam. Uma súbita maré de alegria saiu-lhe aos saltos do peito.

— Senhor D’Arcy — ela disse —, como é o nome daquela música que o senhor estava cantando?

— Ela se chama *The lass of Aughrim* — disse o sr. D’Arcy —, mas eu não consegui lembrar direito. Por quê? A senhora conhece?

— *The lass of Aughrim* — ela repetiu. — Eu não conseguia pensar no nome.

— É uma ária muito bonita — disse Mary Jane. — Eu lamento muito o senhor não estar com a voz boa hoje.

— Ora, Mary Jane — disse tia Kate —, não incomode o senhor D’Arcy. Eu não quero que ele fique incomodado.

Vendo que estavam todos prestes a partir, ela os pastoreou pela porta, onde se disseram todos boa noite:

— Boa noite, então, tia Kate, e obrigado pela ótima noite.

— Boa noite, Gabriel. Boa noite, Gretta!

— Boa noite, tia Kate, e muito obrigada mesmo. Boa noite, tia Julia.

— Ah, boa noite, Gretta, eu não tinha te visto.

— Boa noite, senhor D’Arcy. Boa noite, senhorita O’Callaghan.

— Boa noite, senhorita Morkan.

— Boa noite, mais uma vez.

— Boa noite, todo mundo. Se cuidem no caminho.

— Boa noite. Boa noite.

A manhã ainda estava escura. Uma luz amarela apagada toldava as casas e o rio; e o céu parecia estar descendo. O chão estava empapado, e apenas faixas e trechos de neve restavam nos tetos, nos parapeitos do cais e nas grades das casas. Os postes ainda ardiam rubros no ar sombrio e, do outro lado do rio, o palácio das Quatro Cortes erguia-se ameaçador contra o céu pesado.

Ela andava à frente dele com o sr. Bartell D’Arcy, sapatos num pacote pardo enfiado sob um braço e mãos mantendo a saia longe

da lama. Ela não tinha mais nenhuma graça de atitude, mas os olhos de Gabriel ainda brilhavam de alegria. O sangue seguia-lhe aos saltos pelas veias e as ideias assaltavam seu cérebro, altivas, alegres, ternas, valorosas.

Ela andava à frente dele tão leve e tão ereta que ele ardia por correr atrás dela silencioso, agarrá-la pelos ombros e dizer-lhe algo tolo e delicado ao pé do ouvido. Ela lhe parecia tão frágil que ele ardia por defendê-la contra algo e então se ver a sós com ela. Momentos da vida conjunta dos dois irrompiam como estrelas na memória dele. Um envelope heliotrópio repousava ao lado da xícara do café da manhã dele e ele o afagava com a mão. Pássaros piavam na hera e a teia ensolarada da cortina cintilava pelo chão: ele não conseguia comer, de tão feliz. Eles estavam parados na plataforma cheia de gente e ele colocava um bilhete dentro da palma cálida da luva dela. Ele estava parado com ela no frio, olhando por uma janela de grades, vendo um homem que fazia garrafas numa fornalha ardente. Estava muito frio. O rosto dela, cheiroso no ar gélido, estava bem próximo ao dele, e súbito ela disse para o homem da fornalha:

— Está quente o fogo, senhor?

Mas o homem não ouviu por causa do barulho da fornalha. Melhor. Ele podia ter respondido de um jeito mal-educado.

Uma onda de alegria ainda mais terna escapou-lhe do peito e correu-lhe numa maré cálida pelas artérias. Quais terno fogo de estrelas, momentos da vida conjunta dos dois, de que ninguém sabia ou jamais saberia, irromperam e iluminaram-lhe a memória. Ele ardia por lembrar a ela esses momentos, por fazê-la esquecer os anos de sua existência conjunta apagada e lembrar somente seus momentos de êxtase. Pois os anos, ele sentia, não haviam esfriado a alma dele ou a dela. Os filhos, a lida literária dele, os deveres domésticos dela não tinham esfriado o terno fogo de suas almas. Em uma carta que escreveu para ela ele havia dito: *Por que será que palavras como essas me parecem tão apagadas e tão frias? Será porque não há palavra que seja terna o bastante para ser teu nome?*

Quais música distante, essas palavras que escrevera anos antes vieram-lhe no vento do passado. Ele ardia por se ver sozinho com

ela. Quando os outros tivessem ido embora, quando ele e ela estivessem em seu quarto de hotel, então é que estariam a sós. Ele diria baixinho:

— Gretta!

Talvez ela não ouvisse de pronto: estaria se despindo. Então algo na voz dele chamaria a atenção dela. Ela se voltaria para olhar para ele...

Na esquina da Winetavern Street eles viram um fiacre. Ele agradecia seu chacoalhar que o salvava da conversa. Ela olhava pela janela e parecia cansada. Os outros disseram somente umas poucas palavras, apontando alguma casa, alguma rua. O cavalo galopava fatigado sob o sombrio céu da manhã, arrastando sua velha caixa chacoalhante a seus calcanhares, e Gabriel estava de novo num fiacre com ela, galopando para pegar o barco, galopando para a lua de mel.

Quando o fiacre atravessava a ponte O'Connell, a srta. O'Callaghan disse:

— Dizem que a gente nunca atravessa a ponte O'Connell sem ver um cavalo branco.

— Eu estou vendo um homem branco desta vez — disse Gabriel.

— Onde? — perguntou o sr. Bartell D'Arcy.

Gabriel apontou para a estátua, em que repousavam montes de neve. Então ele a cumprimentou familiarmente com a cabeça e um aceno de mão.

— Boa noite, Dan — ele disse animado.

Quando o fiacre encostou na frente do hotel, Gabriel saltou e, apesar dos protestos do sr. Bartell D'Arcy, pagou o cocheiro. Ele deu um xelim além da conta ao homem. O homem cumprimentou e disse:

— Próspero Ano-Novo, senhor.

— O mesmo para você — disse Gabriel cordialmente.

Ela se apoiou um momento no braço dele ao sair do fiacre e enquanto se punha de pé no meio-fio, dando boa-noite aos outros. Apoiou-se de leve no braço dele, tão leve quanto ao dançarem algumas horas antes. Ele havia se sentido orgulhoso e feliz naquele momento, feliz por ela ser sua, orgulhoso de sua graça e de seu

porte de senhora. Mas agora, depois de tantas lembranças novamente acesas, o primeiro toque do corpo dela, musical e estranho e perfumado, comunicou-lhe agudo acúleo de luxúria. Escondido sob o silêncio dela ele apertou bem o braço dela contra seu flanco e, quando pararam na porta do hotel, sentiu que tinham escapado de suas vidas e de seus deveres, escapado de casa e amigos e fugido juntos com corações loucos e radiantes, rumo a nova aventura.

Um velho dormitava numa grande poltrona de espaldar alto na entrada do hotel. Ele acendeu uma vela no escritório e foi na frente deles rumo à escada. Eles o seguiram em silêncio, seus pés caindo em baques leves nos degraus de tapetes grossos. Ela subia a escada atrás do porteiro, a cabeça curvada na ascensão, os frágeis ombros dobrados como sob um fardo, cingida justa pela saia. Ele teria sido capaz de abraçar-lhe o quadril e segurá-la ali, pois seus braços tremiam de desejo de agarrá-la e somente a tensão de suas unhas contra as palmas das mãos mantinha o louco impulso de seu corpo contido. O porteiro estacou na escada para ajeitar a vela gotejante. Eles, também, estacaram, nos degraus abaixo dele. No silêncio Gabriel podia ouvir a queda da cera derretida no aparo e os socos de seu próprio coração contra as costelas. O porteiro os conduziu por um corredor e abriu uma porta. Ele então depôs a instável vela numa mesinha e perguntou a que horas eles desejavam ser despertados.

— Oito — disse Gabriel.

O porteiro apontou para o interruptor da luz elétrica e começou a resmungar suas desculpas, mas Gabriel o interrompeu.

— Nós não precisamos de luz. Já vem bastante luz da rua. E por falar nisso — ele acrescentou, apontando para a vela —, pode levar aquele belo item ali, seja bonzinho.

O porteiro pegou de novo sua vela, mas lentamente, pois estava surpreso com uma ideia tão estranha. Então resmungou um boanoite e saiu. Gabriel trancou a porta.

A luz fantasmática do poste da rua estendia-se num feixe longo de uma janela até a porta. Gabriel jogou sobretudo e chapéu num sofá e atravessou o quarto indo até a janela. Olhou para a rua com a

finalidade de dar a suas emoções uma chance de se acalmarem um pouco. Então ele se voltou e se encostou numa cômoda de costas para a luz. Ela havia tirado o chapéu e o casaco e estava de pé diante de um grande espelho giratório, soltando os ilhoses da cintura. Gabriel deteve-se por alguns momentos, observando, e então disse:

— Gretta!

Ela afastou os olhos do espelho lentamente e caminhou pelo feixe de luz até ele. Seu rosto parecia tão sério e fatigado que as palavras se recusavam a passar pelos lábios de Gabriel. Não, ainda não era o momento.

— Você está parecendo cansada — ele disse.

— Um pouquinho — ela respondeu.

— Você não está se sentindo doente ou fraca?

— Não. Cansada: só isso.

Ela foi até a janela e parou lá, olhando para fora. Gabriel esperou mais uma vez e então, temendo estar prestes a perder a confiança, disse abruptamente:

— Aliás, Gretta!

— O que foi?

— Sabe aquele coitado do Malins? — ele disse rapidamente.

— Sei. O que tem ele?

— Bom, coitado, ele é um sujeitinho decente, no fundo — continuou Gabriel, numa voz falsa. — Ele me devolveu o soberano que eu tinha emprestado, e eu nem estava esperando. É uma pena ele não ficar mais longe daquele Browne, porque ele nem é um sujeito ruim.

Ele agora tremia de irritação. Por que ela parecia tão alheada? Ele não sabia como podia começar. Será que ela também estava irritada com alguma coisa? Se ela pelo menos virasse para ele ou viesse a ele por conta própria! Tomá-la como estava seria brutal. Não, ele primeiro tinha que ver algum ardor nos olhos dela. Ele ardia por dominar seu estranho estado de espírito.

— Quando foi que você emprestou uma libra para ele? — ela perguntou, depois de uma pausa.

Gabriel lutou para se conter e não empregar expressões brutais a respeito do bebum do Malins e daquela moeda. Ele ardia por clamar por ela do fundo da alma, apertar o corpo contra o dela, dominá-la. Mas disse:

— Ah, no Natal, quando ele abriu aquela lojinha de cartões de natal, na Henry Street.

Ele estava num tal furor de raiva e desejo que não a ouviu chegar vindo da janela. Ela ficou um instante parada diante dele, olhando-o estranhamente. Então, pondo-se de súbito na ponta dos pés e apoiando levemente as mãos nos ombros dele, ela o beijou.

— Você é uma pessoa muito generosa, Gabriel — ela disse.

Gabriel, tremendo de deleite com o beijo repentino e com a singularidade da frase, pôs as mãos no cabelo dela e começou a afagá-lo, mal tocando-o com os dedos. Lavado, ele ficara fino e brilhante. O coração dele transbordava de felicidade. Bem quando ele estava desejando que ela o fizesse ela viera até ele por vontade própria. Talvez os pensamentos dela estivessem emparelhados com os dele. Talvez ela tivesse sentido o desejo impetuoso que estava nele, e então sentira vontade de se entregar. Agora que ela caíra tão facilmente diante dele, ele ficava pensando por que tinha perdido a confiança.

Ficou parado, segurando a cabeça dela entre as mãos. Então, passando rapidamente um braço em torno do corpo dela e puxando-a para si, ele disse baixinho:

— Gretta, querida, no que você está pensando?

Ela não respondeu nem se entregou totalmente ao braço dele. Ele disse uma vez mais, baixinho:

— Me diga o que é, Gretta. Eu acho que sei o que está acontecendo? Será que eu sei?

Ela não respondeu imediatamente. E então disse num jorro de lágrimas:

— Ah, eu estou pensando naquela música, “*The lass of Aughrim*”.

Ela se libertou dele e correu para a cama e, lançando os braços sobre a guarda, escondeu o rosto. Gabriel ficou congelado por um momento, desorientado, e então foi atrás dela. Quando passou diante do espelho ele se viu de corpo inteiro, a camisa larga e bem

cheia, o rosto cuja expressão sempre o intrigara quando vista no espelho, e os reluzentes óculos de aros dourados. Estacou a uns poucos passos dela e disse:

— O que tem a música? Por que ela está te fazendo chorar?

Ela ergueu a cabeça dos braços e secou os olhos com as costas da mão como uma criança. Um tom mais doce do que ele pretendia entrou em sua voz.

— Por quê, Gretta? — ele perguntou.

— Eu estou pensando em uma pessoa há muito tempo que cantava aquela música.

— E quem era essa pessoa há muito tempo? — perguntou Gabriel, sorrindo.

— Era uma pessoa que eu conhecia em Galway quando estava morando com a minha avó — ela disse.

O sorriso morreu no rosto de Gabriel. Uma raiva apagada começava a se formar em algum canto de sua mente e os fogos apagados de seu desejo começaram a reluzir ferozes nas veias dele.

— Alguém por quem você estava apaixonada? — ele perguntou ironicamente.

— Era um rapaz que eu conhecia — ela respondeu —, chamado Michael Furey. Ele cantava aquela música, "*The lass of Aughrim*". Ele era muito delicado.

Gabriel estava calado. Não queria que ela pensasse que ele estava interessado naquele menino delicado.

— Eu consigo ver o rosto dele tão nitidamente — ela disse, depois de um momento. — Ele tinha uns olhos: tão grandes, tão escuros! E que expressividade naqueles olhos — uma expressividade!

— Ah, então, você estava apaixonada por ele? — disse Gabriel.

— Eu saía com ele — ela disse — quando estava em Galway.

Uma ideia voou pela mente de Gabriel.

— Talvez tenha sido por isso que você quis ir para Galway com aquela Ivors? — ele disse friamente.

Ela olhou para ele e perguntou surpresa:

— Para quê?

Seus olhos fizeram Gabriel se sentir constrangido. Ele deu de ombros e disse:

— E eu é que vou saber? Para ver esse rapaz, talvez.

Ela desviou dele os olhos ao longo do feixe de luz para a janela em silêncio.

— Ele está morto — ela disse por fim. Morreu com dezessete aninhos. Não é uma coisa horrorosa morrer tão novo assim?

— Ele era o quê? — perguntou Gabriel, ainda ironicamente.

— Trabalhava na usina de gás — ela disse.

Gabriel se sentia humilhado pelo fracasso de sua ironia e pela evocação dessa figura de entre os mortos, um menino da usina de gás. Enquanto ele estava tomado de memórias de sua vida conjunta secreta, tomado de ternura e de alegria e de desejo, ela o estava comparando mentalmente a um outro. Uma consciência vergonhosa de sua própria pessoa o tomou de assalto. Ele se viu como uma figura ridícula, fazendo de garoto de recados para as tias, um sentimentalista nervoso e bem-intencionado, perorando para o vulgo e idealizando suas próprias luxúrias afobadas, o sujeito fátuo e reles que entrevira no espelho. Instintivamente virou as costas mais para a luz para que ela não pudesse ver a vergonha que lhe ardia na testa.

Ele tentou manter seu tom de fria interrogação, mas sua voz, quando falou, era humilde e indiferente.

— Acho que você foi apaixonada por esse Michael Furey, Gretta — ele disse.

— A gente se dava muito bem naquela época — ela disse.

A voz dela era velada e era triste. Gabriel, sentindo agora quanto seria vão tentar levá-la aonde planejava, afagou-lhe uma das mãos e disse, triste também:

— E de que foi que ele morreu assim tão novo, Gretta? Foi de tuberculose?

— Acho que ele morreu por mim — ela respondeu.

Um vago terror tomou Gabriel com essa resposta, como se, bem no momento em que esperara triunfar, algum ser impalpável e vingativo se estivesse erguendo contra ele, reunindo forças contra ele em seu mundo vago. Mas ele se libertou dessa sensação com um esforço racional e continuou a afagar-lhe a mão. Não a interrogou mais, pois sentia que ela lhe contaria por si própria. A mão dela era

quente e úmida: não respondia ao toque dele, mas ele continuava a afagá-la exatamente como tinha afagado a primeira carta que recebeu dela naquela manhã de primavera.

— Era inverno — ela disse —, mais ou menos no começo do inverno quando eu ia sair da casa da minha avó e vir para cá, para o convento. E ele estava doente na época no alojamento em Galway e não deixavam ele sair, e escreveram para a família dele em Oughterard. Disseram que ele estava em declínio, ou alguma coisa assim. Eu nunca soube direito.

Ela se deteve por um momento e suspirou.

— Coitadinho — ela disse. — Ele gostava muito de mim e era um menino tão bom. A gente saía, para passear, sabe, Gabriel, como eles fazem lá no interior. Ele ia estudar canto mas tinha isso da saúde. Tinha uma voz ótima, o coitado do Michael Furey.

— Bom; mas e aí? — perguntou Gabriel.

— E aí quando chegou a hora de eu ir embora de Galway e vir para o convento ele estava bem pior e não me deixavam ir visitar então eu escrevi uma carta dizendo que estava indo para Dublin e voltava no verão, e que eu esperava que ele estivesse melhor então.

Ela se deteve um momento para conseguir controlar a voz, e prosseguiu:

— Aí na noite antes de eu viajar, eu estava na casa da minha avó na ilha Nun, fazendo as malas, e ouvi que estavam jogando pedrinhas na janela. A janela estava tão molhada que eu não enxergava, então eu corri para o térreo do jeito que eu estava mesmo e escapei pelos fundos para o jardim e lá estava o coitadinho no fundo do jardim, tremendo.

— E você não disse para ele voltar? — perguntou Gabriel.

— Eu implorei para ele ir para casa imediatamente e disse que ele ia acabar morrendo naquela chuva. Mas ele disse que não queria viver. Eu consigo ver os olhos dele tão bem também! Ele estava de pé no canto do muro onde tinha uma árvore.

— E ele foi para casa? — perguntou Gabriel.

— Foi, foi para casa. E quando eu ainda estava na primeira semana do colégio ele morreu e foi enterrado em Oughterard, que

era a terra da família dele. Ah, o dia em que eu fiquei sabendo, que ele estava morto!

Ela parou, afogada em soluços, e, dominada pela emoção, se atirou com o rosto para baixo sobre a cama, soluçando na colcha. Gabriel segurou-lhe a mão ainda por um momento, irresoluto, e então, com receio de estar se intrometendo em sua dor, deixou que a mão caísse delicadamente e foi quieto até a janela.

Ela dormia pesado.

Gabriel, apoiado no cotovelo, ficou alguns momentos olhando sem ressentimento seu cabelo emaranhado e a boca entreaberta, ouvindo-lhe o alento profundo. Então ela tivera aquele romance na vida: um homem morreu por ela. Mal lhe doía agora pensar no mísero papel que ele, seu marido, tivera na vida dela. Ele a olhava dormir, como se ela e ele nunca tivessem vivido juntos como marido e mulher. Seus olhos curiosos repousaram longamente no rosto e no cabelo dela: e, enquanto pensava no que ela teria sido naquele tempo, no tempo de sua primeira beleza de menina, uma estranha pena dela, amistosa, adentrou-lhe a alma. Ele não gostava de dizer nem para si próprio que o rosto dela não era mais lindo, mas sabia que não era mais o rosto que fizera Michael Furey encarar a morte.

Talvez ela não tivesse contado a estória toda. Os olhos dele foram para a cadeira em que ela jogara umas peças de roupa. O cordão de uma anágua pendia tocando o chão. Uma bota restava de pé, caído seu cano frouxo: seu par se estendia de lado. Ele pensava no ataque de emoções que sofrera uma hora antes. De onde viera aquilo? Do jantar da tia, de seu discurso tolo, do vinho e da dança, da descontração na despedida no átrio, do prazer da caminhada junto ao rio e sobre a neve. Coitada da tia Julia! Ela, também, logo seria uma sombra junto à sombra de Patrick Morkan com seu cavalo. Ele apanhara aquele olhar abatido no rosto dela por um momento quando ela cantava "*Arrayed for the bridal*". Logo, talvez, ele estaria sentado naquela mesma sala de estar, trajando preto, cartola no colo. As persianas estariam baixadas e tia Kate estaria sentada ao lado dele, chorando e assoando o nariz e contando como Julia havia morrido. Ele reviraria a mente em busca de algumas palavras que

pudessem consolá-la, e encontraria apenas palavras vãs e inúteis. Sim, sim: isso aconteceria muito em breve.

O ar do quarto gelava-lhe os ombros. Ele se esticou cuidadoso por sob os lençóis e deitou ao lado da esposa. Um por um eles todos estavam virando sombras. Melhor seguir corajosamente para aquele outro mundo, no apogeu da glória de alguma paixão, que desbotar e murchar lugubrememente com a idade. Ele pensava em como aquela que estava deitada a seu lado guardara trancada no peito por tantos anos aquela imagem dos olhos de seu amado quando lhe dissera que não queria viver.

Lágrimas generosas encheram os olhos de Gabriel. Ele nunca sentira isso por nenhuma mulher, mas sabia que um sentimento assim tinha que ser amor. As lágrimas se acumularam mais espessas em seus olhos e na escuridão parcial ele imaginou ver a forma de um rapaz de pé sob uma árvore gotejante. Outras formas estavam próximas. Sua alma se aproximara daquela região em que residem as vastas hostes dos mortos. Estava consciente dela, mas não podia apreender a existência atirada e cintilante de tais hostes. Sua própria identidade estava desbotando num mundo cinzento e impalpável: o próprio mundo sólido, que aqueles mortos um dia criaram, e em que viveram, dissolvia-se e minguava.

Uns poucos baques fracos contra o vidro fizeram-no virar para a janela. Começava a nevar novamente. Ficou vendo sonolento os flocos, negros e prata, caindo oblíquos contra a luz do poste. Era chegada a hora de ele partir em sua jornada rumo oeste. Sim, os jornais tinham razão: a nevasca era geral em toda a Irlanda. A neve caía em cada trecho do negro planalto central, nas secas colinas, suave caía sobre o pântano de Allen e, mais a oeste, caía suave nas negras ondas rebeldes do Shannon. Caía, também, sobre todo o solitário cemitério da colina em que enterrado Michael Furey repousava. Espessa pousava deposta em rajadas nas cruzes contorcidas e nas lápides, nas pontas do estreito portão, nos espinheiros nus. Desmaiava-lhe a alma lentamente enquanto ouvia no universo a neve leve que caía e que caía, leve neve, como o pouso de seu fim definitivo, sobre todos os vivos e os mortos.

Arábias

A North Richmond Street, sendo um beco, era uma rua calma fora a hora em que a Escola dos Irmãos Cristãos liberava os meninos. Uma casa desabitada de dois andares ficava no fundo do beco, isolada dos vizinhos num terreno quadrado. As outras casas da rua, conscientes das vidas decentes que abrigavam, ficavam se olhando com imperturbáveis semblantes castanhos.

O antigo morador da nossa casa, um padre, tinha morrido na sala de estar dos fundos. Um ar, rançoso de ter ficado tanto tempo encerrado, tomava cada cômodo, e o quarto de despejo atrás da cozinha estava entupido de uns papéis inúteis. Entre eles eu achei uns poucos livros de capas de papel, de páginas engruvinhadas e úmidas: *O abade*, de Walter Scott, *The devout communicant* e *As memórias de Vidocq*. Gostei mais deste último porque as páginas estavam amarelas. O jardim tomado de mato atrás da casa continha uma macieira central e uns arbustos perdidos embaixo de um dos quais eu achei a bomba de bicicleta enferrujada do antigo morador. Ele tinha sido um padre muito caridoso; no testamento ele deixou todo o dinheiro que tinha para a caridade e a mobília da casa para a irmã.

Quando os dias curtos do inverno chegavam, a noite caía antes de nós termos jantado direito. Quando a gente se encontrava na rua as casas tinham ficado sombrias. O espaço de céu sobre nós era do tom de um violeta furta-cor e para ele os postes da rua erguiam suas débeis lanternas. O ar frio aferroava e a gente brincava até o corpo reluzir. Os nossos gritos ecoavam na rua calada. A toada da nossa brincadeira nos levava pelas ruelas escuras enlameadas atrás

das casas onde nós desafiávamos as tribos sujas dos casebres, e até as portas dos fundos dos escuros jardins gotejantes onde odores se elevavam das fossas, e a negros estábulos fragrantes em que um cocheiro alisava e penteava o cavalo ou tirava música chacoalhando os arreios de fivelas. Quando nós voltávamos à rua a luz das janelas das cozinhas tinha coberto as fachadas. Se alguém via meu tio dobrando a esquina a gente se escondia na sombra até ver que ele estava em casa em segurança. Ou se a irmã do Mangan aparecia na porta para chamar o irmão para o chá a gente ficava olhando lá da nossa sombra enquanto ela espiava para um lado e para o outro da rua. Nós esperávamos para ver se ela ficava ou entrava e, se ficava, saíamos da sombra e caminhávamos resignados até a porta do Mangan. Ela estava esperando por nós, com o vulto definido pela luz da porta entreaberta. O irmão dela sempre a provocava antes de obedecer e eu ficava junto da grade olhando para ela. O vestido dela balançava no que ela movia o corpo e a corda macia do seu cabelo batia de um lado para o outro.

Toda manhã eu ficava deitado no chão da sala da frente olhando a porta dela. A persiana ficava baixada até quase tocar a soleira para ninguém me ver. Quando ela saía pela porta o meu coração dava um pulo. Eu corria para a entrada, pegava os meus livros e ia atrás dela. Ficava com aquele vulto castanho sempre à vista e, quando a gente chegava perto do ponto em que os nossos caminhos se separavam, eu acelerava o passo e passava por ela. Isso acontecia toda manhã. Eu nunca tinha falado com ela, a não ser uma palavrinha à toa de vez em quando, e no entanto o nome dela era como uma convocação para todo o meu sangue tolo.

A imagem dela me acompanhava até aos lugares mais hostis ao romance. Nas tardes de sábado em que a minha tia ia fazer compras eu tinha que ir ajudar a carregar os pacotes. A gente caminhava pelas ruas que iam se abrindo, abalroados por bêbados e pechinchadeiras, entre as pragas de operários, as agudas ladainhas dos rapazes das vendas que ficavam de sentinela junto aos barris de bochechas de porco, o canto anasalado dos menestréis de rua, que cantavam uma moda sobre O'Donovan Rossa, ou uma balada sobre os problemas da nossa terra. Esses ruídos convergiam em uma única

sensação de vida para mim: eu imaginava que portava meu cálice em segurança por entre uma malta de inimigos. O nome dela me vinha aos lábios vez por outra em estranhas orações e loas que nem eu mesmo compreendia. Meus olhos viviam cheios de lágrimas (eu não sabia dizer por quê) e de vez em quando uma inundação que me vinha do coração parecia se derramar no meu peito. Eu pensava pouco no futuro. Não sabia se um dia ia ou não falar com ela ou, se falasse, como ia poder lhe dizer da minha confusa adoração. Mas o meu corpo era como uma harpa e as palavras e os gestos dela eram como dedos que me corriam por sobre as cordas.

Uma noite eu entrei na sala de estar dos fundos em que o padre tinha morrido. Era uma noite escura de chuva e não havia sons na casa. Por um dos vidros quebrados eu ouvia a chuva pespegar-se em gotas sobre a terra, as finas agulhas incessantes da água saltando nos canteiros empapados. Algum poste distante ou uma janela iluminada reluzia abaixo de mim. Eu estava grato por poder ver tão pouco. Meus sentidos todos pareciam desejar se velar e, sentindo que eu estava prestes a escapar deles, apertei bem as palmas juntas até tremerem, murmurando: "Ah, amor! Ah, amor" muitas vezes.

Finalmente ela falou comigo. Quando me dirigiu as primeiras palavras eu fiquei tão confuso que não sabia o que responder. Ela perguntou se eu ia às Arábias. Eu não lembro se respondi que sim ou que não. Ia ser um bazar esplêndido, ela disse que adoraria ir.

— E por que é que você não pode ir? — eu perguntei.

Enquanto falava ela ficava girando um bracelete de prata no pulso sem parar. Ela não podia ir, disse, porque ia ter um retiro no convento naquela semana. O irmão dela e mais dois meninos estavam brigando por causa dos bonés e eu estava sozinho junto da grade. Ela segurou uma das barras, curvando a cabeça na minha direção. A luz do poste da frente da nossa porta pegou a curva branca do pescoço dela, iluminou-lhe o cabelo que restou ali e, caindo, iluminou a mão sobre a grade. Ela caiu-lhe por um lado do vestido e bateu na barra branca da anágua, que mal se entrevia com ela ali parada à vontade.

— Sorte tua — ela disse.

— Se eu for — eu disse —, te trago alguma coisa.

Que tolices inumeráveis inutilizaram a minha cabeça, dormindo ou acordado, depois daquela noite! Eu queria aniquilar os dias intermédios tão sem graça. Eu lutava com o trabalho na escola. À noite no quarto e durante o dia na sala de aula a imagem dela aparecia entre mim e a página que eu fazia força para ler. As sílabas da palavra *Arábias* eram sopradas para mim através do silêncio em que a minha alma se refestelava e projetavam sobre mim um encanto oriental. Pedi permissão para ir ao bazar na noite de sábado. Minha tia ficou surpresa e torceu para não ser alguma coisa da maçonaria. Eu respondia a poucas perguntas em sala. Vi o meu mestre passar da amabilidade à severidade; ele esperava que eu não estivesse começando a ficar encostado. Eu não conseguia pôr ordem nos meus pensamentos errantes. Mal tinha paciência com o trabalho sério da vida que, agora que se via entre mim e meu desejo, me parecia coisa de criança, coisa feia e monótona, de criança.

Na manhã de sábado eu lembrei ao meu tio que queria ir ao bazar à noite. Ele estava remexendo no cabideiro da entrada, procurando a escova de chapéu, e me respondeu seco:

— É, eu sei, guri.

Como ele estava na entrada eu não podia ir para a sala da frente para ficar deitado diante da janela. Saí de casa de mau humor e fui andando devagar até a escola. O ar estava impiedosamente duro e o meu coração já me punha medo.

Quando cheguei em casa para jantar o meu tio ainda não tinha passado em casa. Mas ainda era cedo. Fiquei sentado encarando o relógio um tempo e, quando o tique-taque começou a me irritar, saí dali. Subi a escada e ganhei a parte superior da casa. Os cômodos altos, frios, vazios e melancólicos me libertaram e fui de cômodo em cômodo cantando. Pela janela da frente eu via meus camaradas brincando na rua lá embaixo. Os gritos deles chegavam a mim enfraquecidos e indistintos e, apoiando a testa contra o vidro frio, fiquei olhando a casa escura em que ela morava. Posso ter ficado ali uma hora, vendo apenas a figura envolta em vestes castanhas que a

minha imaginação projetava, tocada discretamente pela luz do poste no pescoço curvo, na mão sobre a grade e na barra sob a saia.

Quando desci de novo encontrei a sra. Mercer sentada diante do fogo. Era uma velha faladeira, viúva de um penhoreiro, que colecionava selos usados para algum propósito pio. Tive que aturar a fofoca da mesa de chá. A refeição se prolongou para além de uma hora e nada ainda do meu tio. A sra. Mercer se levantou para ir embora: ela lamentava não poder esperar mais, mas já passava das oito e ela não gostava de ir para a cama tarde porque o ar da noite lhe fazia mal. Depois que ela saiu eu comecei a andar para cima e para baixo pela cozinha, cerrando os punhos. A minha tia disse:

— Acho que você bem pode ter que largar mão desse bendito bazar por hoje.

Às nove horas eu ouvi a chave do meu tio na porta da entrada. Ouvi ele falar sozinho e ouvi o cabideiro balançar quando recebeu o peso do sobretudo dele. Eu sabia interpretar esses sinais. Quando ele estava já na metade da janta pedi para ele me dar o dinheiro para eu ir ao bazar. Ele tinha esquecido.

— Já está todo mundo no terceiro sono uma hora dessas — ele disse.

Eu não sorri. A minha tia lhe disse firme:

— Não dá pra você dar o dinheiro pra ele poder ir de uma vez? Você já fez ele esperar demais.

Meu tio disse que lamentava muito ter esquecido. Ele disse que acreditava no velho ditado: “nem só de pão vive o homem”. Perguntou aonde era que eu ia e, quando eu disse pela segunda vez ele perguntou se eu conhecia “O adeus do Árabe a seu corcel”. Quando eu saí da cozinha ele estava prestes a recitar os versos iniciais para a minha tia.

Eu apertava bem um florim na mão enquanto marchava pela Buckingham Street rumo à estação. A visão das ruas fervilhantes de compradores e deslumbrantes de luz a gás me fez lembrar o propósito da minha jornada. Sentei num vagão de terceira classe de um trem deserto. Depois de um atraso intolerável o trem foi saindo da estação lentamente. Ele ia se arrastando por entre casas decrépitas e por sobre o rio cintilante. Na estação Westland Row

uma multidão se espremia contra as portas do vagão, mas os funcionários afastaram a todos, dizendo que era um trem especial para o bazar. Segui sozinho no vagão vazio. Em poucos minutos o trem encostou numa plataforma de madeira improvisada. Saí para a rua e vi pelo mostrador iluminado de um relógio que eram dez para as dez. Diante de mim estava um prédio enorme que ostentava o nome mágico.

Eu não conseguia achar nenhuma entrada de seis pence e, com medo de que o bazar fosse fechar, passei rápido por uma catraca, entregando um xelim a um sujeito com cara de cansado. Eu me vi num grande salão cingido a meia-altura por uma galeria. Quase todas as barracas estavam fechadas e a maior parte do salão estava no escuro. Reconheci um silêncio como o que toma uma igreja depois do serviço. Caminhei timidamente até o centro do bazar. Havia algumas pessoas reunidas em volta das barracas que ainda estavam abertas. Diante de uma cortina, sobre a qual estavam escritas em lâmpadas coloridas as palavras *Café Chantant*, dois homens contavam dinheiro numa salva. Fiquei ouvindo as moedas que caíam.

Lembrando com dificuldade por que tinha vindo eu fui até uma das barracas e examinei os vasos de porcelana e os floridos conjuntos de chá. Na porta da barraca uma moça estava conversando e rindo com dois cavalheiros. Percebi o sotaque inglês deles e fiquei vagamente ouvindo a conversa.

— Ah, mas eu nunca disse uma coisa dessas!

— Ah, mas disse sim!

— Ah, não disse não!

— Ela não disse?

— Disse, que eu ouvi.

— Ah, mas que... que lorota!

Ao me perceber a moça veio e perguntou se eu queria comprar alguma coisa. O tom da voz dela não era encorajador; ela parecia ter falado por alguma noção de dever. Eu fiquei humildemente olhando os grandes jarros que ficavam como guardas orientais dos dois lados da escura entrada da barraca e murmurei:

— Não, obrigado.

A moça mudou a posição de um dos vasos e voltou aos dois rapazes. Eles começaram a falar do mesmo assunto. Uma ou duas vezes a moça me lançou um olhar por sobre o ombro.

Fui ficando diante da barraca daquela moça, conquanto soubesse ser vã minha estada, para deixar mais real o meu interesse pelo que ela vendia. Aí lentamente dei as costas e fui até o meio do bazar. Deixei duas moedas de pence caírem suaves contra a de seis que tinha no bolso. Ouvi uma voz gritar de um extremo da galeria que as luzes estavam apagadas. A parte superior do salão estava agora completamente escura.

Erguendo os olhos para as trevas eu me vi como uma criatura movida e ridicularizada pela vaidade; e meus olhos arderam de angústia e de raiva.

Monólogo de Molly Bloom, de *Ulysses*

Sim porque ele nunca fez uma coisa dessa de me pedir café na cama com dois ovos desde o hotel City Arms quando ele ficava fingindo que ficava de cama com uma voz de doente posando de príncipe pra se fazer de interessante praquela velha coroca da senhora Riordan que ele achava que tinha bem na palma da mão e ela não deixou nem um tostão pra gente tudo pras missas pra ela e a alma dela maior mãodevaca do mundo sempre foi tinha medo até de gastar 4p pro álcool metilado dela me contando todas as mazelas dela ela tinha era muito blabláblá sobre política e os terremotos e o fim do mundo deixa a gente se divertir um pouquinho antes Deus que ajude o mundo se todas as mulheres fossem do tipo dela malhando os maiôs e os decotes que claro que ninguém ia querer que ela usasse acho que ela era toda santa porque nenhum homem ia olhar pra ela duas vezes tomara que eu nunca fique que nem ela não sei como é que ela não queria que a gente cobrisse a cara mas era uma mulher benheducada com certeza e aquele palavrório dela de senhor Riordan pra cá e senhor Riordan pra lá acho que ele ficou foi feliz de se ver livre dela e o cachorro dela cheirando as minhas partes e sempre fuçando pra entrar debaixo da minha anágua especialmente naqueles dias ainda assim eu gosto disso nele educado com as velhinhas assim e os garçons e os mendigos também não é à toa que ele se orgulha mas não sempre se algum dia ele tiver alguma coisa séria de verdade com ele é muito melhor pra eles ir prum hospital com tudo limpinho mas acho que eu ia ter que martelar isso na cabeça dele um mês sim e aí a gente ia estar

com uma enfermeira assim que eu piscasse os olhos embaixo da asa deixar ele por lá até eles expulsarem ou uma freira quem sabe que nem a foto safada que ele tem ela é tão freira quanto eu sim porque eles são tão fracos e choramingentos quando estão doentes eles precisam de uma mulher pra ficar bons se o nariz dele sangra você era capaz de pensar que era oh uma tragédia e aquela vez com a cara de moribundo saindo da Circular Sul quando ele torceu o pé na festa do coral no morro do Pão de Açúcar no dia que eu estava com aquele vestido a senhorita Stack trazendo flor pra ele as piorzinhas que ela conseguiu achar no fundo do cesto qualquer coisa pra conseguir entrar num quarto de homem com aquela vozinha de solteirona tentando imaginar que ele estava morrendo por causa dela jamais voltar a ver teu semblante se bem que ele estava mais com cara de homem com a barba meio crescida na cama o papai era a mesma coisa além disso eu odeio ficar fazendo curativo e remedinho quando ele cortou o dedão do pé com a navalha cortando calo com medo de pegar tétano mas se fosse o caso de eu estar doente aí é que a gente ia ver quanta atenção só que claro que as mulheres escondem pra não dar esse trabalhão que eles dão sim ele gozou em algum lugar eu tenho certeza pelo apetite dele enfim amor é que não é senão ele ia estar virado do avesso pensando nela então de duas uma ou foi uma dessas mulheres da noite se era lá mesmo que ele estava e a estória do hotel que ele inventou um monte de mentira pra esconder planejando tudo o Hynes que me segurou quem foi que eu encontrei ah é eu encontrei você se lembra dele o Menton e quem mais quem deixa ver aquele grandão com cara de nenê esse eu vi e ele casado de pouco flertando com uma moça no miriorama Pooles e dei as costas pra ele quando ele escapuliu com uma cara bem de quem sabia que mal há mas ele teve a senvergônica de dar em cima de mim uma vez bem feito pra ele todo cheio de si e aquele olho de ovo cozido de tudo quanto é palerma que eu já conheci e chamam aquilo de adevogado e só porque eu odeio ficar batendo boca na cama senão se não for isso é alguma cadelinha que ele arrumou por aí em algum lugar ou cantou escondido ah se elas conhecessem esse aqui que nem eu conheço sim porque anteontem ele estava escrevinhando alguma

coisa uma carta quando eu entrei na sala da frente pra pegar fósforo pra mostrar pra ele a morte do Dignam no jornal até parecia que alguma coisa tinha me avisado e ele cobriu com o mataborrão fingindo que estava pensando sobre os negócios então muito provavelmente era isso mesmo pra alguma fulana que acha que se deu bem com ele porque tudo quanto é homem fica um pouco assim com a idade dele especialmente chegando nos quarenta ele agora e pra arrancar qualquer dinheiro que ela consiga arrancar dele nenhum bobo é mais bobo que um bobo velho e aí o beijo de sempre na minha bunda foi pra esconder não que eu esteja dando a mínima agora com quem ele anda fazendo ou conheceu antes desse jeito mas que eu queria descobrir isso eu queria desde que eu não fique com os dois na minha frente o tempo todo que nem aquela vagabunda daquela Mary que estava com a gente no terraço Ontario usando enchimento naquela bunda falsa pra deixar ele excitado já não me basta ter sentido o cheiro daquelas mulheres pintadas nele uma ou duas vezes eu tive uma suspeita fazendo ele chegar perto de mim quando eu achei aquele cabelo comprido no casaco dele sem contar aquela quando eu entrei na cozinha ele fingindo que estava tomando água 1 mulher não chega pra eles era tudo culpa dele e claro estragando as empregadas e aí inventando que ela podia comer com a gente na mesa no Natal vê se pode ah não muito obrigada não na minha casa roubando as minhas batatas e as ostras a 2 e 6 a dúzia saindo pra ir ver a tia vê se pode roubo puro e simples era isso que era mas eu tinha certeza que ele tinha alguma coisa com aquela zinha só eu pra descobrir uma coisa dessas ele disse você não tem provas era a prova dela ah sim a tia dela gostava muito de ostra mas ela ficou sabendo o que eu achava dela dando ideia de eu sair pra ficar sozinho com ela eu não ia me rebaixar a ponto de espionar os dois as ligas que eu achei no quarto dela na sexta-feira que ela estava de folga já foi a conta pra mim até um pouco demais e eu vi que o rosto dela ficou tudo inchado temperamental quando eu dei o aviso prévio pra ela melhor ficar sem elas de uma vez por todas ajeito eu mesma os quartos mais rápido até não fosse a droga da cozinha e de jogar o lixo fora eu joguei na cara dele mesmo assim ou sai ela ou saio eu de casa eu

não conseguia nem encostar nele se eu achasse que ele estava com uma mentirosa suja caradepau e desleixada que nem aquela negando tudo na minha cara e cantando pela casa e até no toailete porque sabia que estava por cima da carne-seca sim porque é impossível ele ficar tanto tempo sem então ele tem que fazer em algum lugar e da última vez que ele gozou na minha bunda quando foi na noite que o Boylan deu um apertão bem forte na minha mão andando pelo Tolka na minha mão lá roubou outro eu só apertei as costas da dele assim com o dedão pra devolver o aperto cantando a jovem lua de maio está brilhando meu amor porque ele anda meio cismado sobre eu e ele ele não é tão bobo assim ele disse eu vou jantar fora e vou no Gaiety mas eu não vou dar essa satisfação pra ele de jeito nenhum Deus sabe que assim pelo menos eu saio da rotina pra não ficar usando o tempo todo o mesmo chapéu velho pra sempre a não ser que eu pagasse algum rapazinho bonito pra fazer já que não dá pra eu fazer sozinha um rapazinho ia gostar de mim eu ia confundir o coitado um pouco sozinha com ele se a gente ficasse eu ia deixar ele ver as minhas ligas as novas e fazer ele ficar vermelho de tanto olhar pra ele seduzir ele eu sei o que os garotos sentem com aquela penugem no rosto com aquela maldita mania de sacar aquele negócio pra fora o tempo todo pergunta e resposta você faria isso e aquilo e mais aquilo com o entregador de carvão sim com um bispo sim ia sim porque eu contei pra ele sobre um deão ou bispo que estava sentado do meu lado no jardim dos templos dos judeus quando eu estava tricotando aquele treco de lã ele não conhecia Dublin que lugar era aquele e assim por diante sobre os monumentos e ele me cansou com umas estórias de estátuas botando ideia na cabeça dele deixando ele pior do que já é quem está na tua cabeça diz vai em quem você está pensando quem é diz o nome dele quem fala quem o Imperador da Alemanha será sim imagine que eu sou ele pense nele dá pra sentir ele tentando me fazer de puta o que ele nunca vai fazer ele devia era desistir disso agora a essa altura da vida dele simplesmente estraga tudo pra qualquer mulher e sem nenhuma satisfação fingir que está gostando até ele gozar e aí resolvo eu mesma sozinha fazer o quê e você fica com a boca pálida enfim está feito agora de uma vez por

todas com todo o falatório do mundo que esse povo faz é só a primeira vez depois é só aquela mesma coisa de fazer e não pensar mais nisso por que a gente não pode beijar um homem sem ter que casar com ele antes às vezes dá uma vontade tão grande quando você fica daquele jeito tão bom no corpo todo você não consegue evitar eu queria que algum sujeito qualquer me pegasse quando ele está junto e me beijasse sem ele me largar não tem nada igual um beijo comprido e quente até a alma quase te paralisa depois eu odeio a tal da confissão quando eu ia no padre Corrigan ele encostou em mim padre e daí se encostou onde minha filha e eu sempre penso no meu pai de verdade e aí eu disse na margem do canal que nem uma boba mas em que partes da sua pessoa na perna por trás bem pra cima por acaso sim foi bem alto por acaso foi onde você senta sim ah meu Deus será que não dava pra ele dizer bunda de uma vez e acabar logo com isso o que é que isso tudo tem a ver e por acaso você seja lá como ele dizia eu não lembro não padre pra que que ele queria saber se eu já tinha confessado pra Deus ele tinha uma mão bem gordinha palma úmida sempre eu não ia achar ruim sentir aquela mão e nem ele eu diria pelo pescoço de touro naquele colarinho de cavalo eu fico imaginando se ele me reconhecia no confessionário dava pra ver o rosto dele mas ele não conseguia ver o meu claro que ele nunca ia erguer a cara ou admitir se bem que ele ficou de olho vermelho quando o pai dele morreu menos homens pras mulheres é claro contando com eles deve de ser horrível quando um homem chora imagina eles então eu queria que um deles me abraçasse todo paramentado e com aquele cheiro de incenso que nem o papa além disso não tem perigo com um padre se você é casada ele se cuida mais do que bem daí dá alguma coisa pra sua santidade o papa de penitência eu fico imaginando se ele ficou satisfeito comigo uma coisa que eu não gostei foi ele me dar um tapa no traseiro quando estava saindo tão familiar no corredor por mais que eu tenha rido eu não sou cavalo nem burro ou por acaso sou acho que ele estava pensando no pai dele eu fico imaginando será que ele está acordado pensando em mim ou sonhando será que eu estou no sonho quem foi que deu aquela flor que ele disse que comprou ele estava com

cheiro de alguma bebida não era uísque nem cerveja ou quem sabe aquela cola docinha que eles usam pra grudar cartaz com algum licor eu queria provar aquelas bebidas caras verdes e amarelas de rica que aqueles sujeitos de porta de teatro bebem de cartola que eu provei uma vez com o dedo molhado no copo daquele americano com o casaco de esquilo falando de selos com o papai ele estava dando tudo que podia pra não cair no sono depois da última vez depois que a gente tomou o vinho do porto com a carne enlatada estava com um belo gostinho salgado sim porque eu também estava me sentindo ótima e cansada e ferrei no sono assim que me estiquei na cama até aquele trovão me acordar que nem se fosse o fim do mundo Deus tenha misericórdia de nós eu achei que o céu ia cair em cima da gente de castigo quando eu me benzi e disse uma Ave-Maria que nem aqueles relâmpagos horrorosos em Gibraltar e aí eles vêm te dizer que Deus não existe o que é que você podia fazer se a coisa estivesse estourando e jorrando por aí nada a não ser fazer um ato de contrição a vela que eu acendi aquela noite na capela da rua dos frades brancos pelo mês de maio está vendo deu sorte se bem que ele ia tirar sarro se ouvisse porque ele nunca vai na igreja seja missa ou reunião ele diz que a alma da gente que a gente não tem alma por dentro só massa cinzenta porque ele não sabe o que é ter alma sim quando eu acendi a luz sim porque ele há de ter gozado umas 3 ou 4 vezes com aquela coisona vermelha monstruosa dele eu achei que a veia ou sei lá que meleca de nome que aquilo tem ia estourar apesar que o nariz dele não é tão grande assim depois que eu tirei aquilo tudo com a persiana abaixada depois de eu ficar horas me vestindo e perfumando e penteando aquilo parecia um ferro ou algum pé de cabra grosso de pé o tempo todo ele deve de ter comido ostra eu acho umas dúzias estava com uma voz ótima pra cantar não eu nunca na minha vida inteira senti que alguém tinha um daquele tamanho pra fazer você se sentir toda preenchida ele deve de ter comido uma ovelha inteira depois que ideia é essa de fazer a gente desse jeito com um buracão assim no meio que nem um garanhão enfiando aquilo em você porque é só isso que eles querem de você com aquela cara decidida e depravada eu tive que meio que fechar o olho mas até que ele não tem tanta porra assim

lá dentro quando eu fiz ele tirar e fazer em cima de mim apesar de ser daquele tamanho tanto melhor caso um pouquinho não tenha saído direito com a água na última vez que eu deixei ele acabar dentro de mim bela invenção que eles fizeram pra mulher isso de ele ficar com todo o prazer mas se alguém fizesse eles provarem um tantinho do remédio eles iam saber o que eu passei com a Milly ninguém ia acreditar apontando os dentinhos também e o marido da Mina Purefoy sacudindo aquelas suíças metendo uma criança nela ou gêmeos por ano que nem um relógio sempre com um cheiro de criança a coitada aquele que eles chamavam de frajola ou alguma coisa que nem um crioulo com um tufo de cabelo Jesusperneta a criança era preta a última vez que eu fui lá um batalhão de criança caindo uma por cima da outra e berrando que não dava pra você escutar nem pensamento dizem que faz bem não ficam satisfeitos enquanto não deixam a gente inchada que nem uma elefanta ou sei lá o quê e se eu me arriscasse a ter outro mas não dele se bem que se ele fosse casado eu tenho certeza que ele ia ter um filho bem fortinho mas eu não sei o Poldy tem mais porra sim ia ser divertido demais acho que foi aquilo de encontrar a Josie Powell e o enterro e pensar em mim e no Boylan que deu corda nele agora bom ele pode achar o que quiser se for fazer algum bem pra ele eu sei que eles estavam se amassando um pouco quando eu entrei em cena ele estava dançando e ficou sentado lá com ela na noite da inauguração da casa da Georgina Simpson e daí ele quis me fazer engolir que era por não gostar de ver aquela lá tomando chá de cadeira foi por isso que a gente teve aquela briga enorme sobre política foi ele que começou eu não quando ele disse aquilo do Nosso Senhor ser carpinteiro acabou que ele me fez chorar lógico mulher é tão sensível sobre tudo quanto é coisa eu fiquei soltando fumaça sozinha depois por ter cedido só porque eu sabia que ele estava caidinho por mim e o primeiro socialista ele disse que Ele era ele me irritava de um jeito eu não conseguia tirar ele do sério mas que ele sabe um monte de coisinha isso sabe especialmente sobre o corpo e as partes de dentro eu sempre quis dar uma estudada nisso também o que a gente tem por dentro naquele livro saúde para a família eu conseguia sempre ouvir a voz dele falando quando a sala estava

lotada e ficar olhando ele depois eu fingi que dei um gelo nela por causa dele porque ele era meio mais pro ciumento toda vez que ele perguntava na casa de quem que você está indo e eu dizia lá na Floey e ele me deu de presente as poesias do lorde Byron e os três pares de luva aí isso acabou com a estória toda eu podia fazer ele dançar pela minha música facinho quando eu quisesse eu até sei como se ele começasse com ela de novo e fosse sair pra ir ver ela em algum lugar eu ia saber se ele se recusasse a comer cebola eu sei um monte de jeito pedir pra ele ajeitar o colarinho da minha blusa ou encostar nele com o véu e as luvas na hora de sair 1 beijinho aí se livrava delas todas apesar que tudo bem veremos então deixa ele ir atrás ela ia achar o máximo fingir que estava loucamente apaixonada por ele isso não me incomodava tanto eu ia só chegar pra ela e perguntar você ama ele e olhar bem na cara dela ela não ia conseguir me fazer de boba mas ele podia pensar que estava e fazer uma declaração com aquele jeito de falar meio embolado que ele tem pra ela que nem ele fez pra mim apesar que eu tive que comer o pão que o diabo amassou pra arrancar dele se bem que eu gostava dele por isso porque mostrava que ele sabia se conter e não estava à disposição da primeira que pedisse e ele estava à beira de me pedir também aquela noite na cozinha que eu estava enrolando o bolo de batata tem uma coisa que eu queria te dizer só que eu desanimei ele me fazendo de malumorada com as mãos e os braços cheios de farinha com pedaço de massa de um jeito ou de outro eu falei demais uma noite antes conversando sobre sonhos aí eu não queria deixar ele saber mais do que o que era bom pra ele ela ficava me abraçando o tempo todo a Josie toda vez que ele estava lá pensando nele é lógico agarrada em mim e quando eu disse que tinha me lavado inteirinha até onde dava ela me perguntando você lavou onde dava mulher está sempre se cutucando por causa disso parecendo umas atrizes quando ele está por perto elas sabem por causa daquele olho safado dele piscando um pouquinho se fazendo de indiferente quando elas soltam alguma coisa a cara dele é por isso que ele fica convencido eu não estranho nem um pouco porque ele era bem bonitão naquela época tentando ficar parecido com o lorde Byron eu dizia que gostava se bem que

ele era lindo demais pra um homem e ele era um pouco antes da gente ficar noivo depois se bem que ela não gostou tanto assim no dia que eu tive um ataque de riso gargalhando sem parar por causa dos meus grampos de cabelo caindo tudo um depois do outro com o monte de cabelo que eu tinha você está sempre de ótimo humor ela disse sim porque isso deixava ela tudo assanhada porque ela sabia o que aquilo queria dizer porque eu contava pra ela um bom bocado do que acontecia com a gente não tudo mas só o bastante pra ela ficar com água na boca mas não foi culpa minha que ela não deu muito as caras depois que a gente casou eu fico imaginando como é que ela ficou agora depois de viver com aquele marido lelé dela ela estava com o rosto começando a ficar cansado e maltratado da última vez que a gente se viu ela devia ter acabado de brigar com ele porque eu vi imediatamente que ela estava louquinha pra puxar uma conversa sobre marido e falar dele pra descer o malho nele o que foi mesmo que ela me contou ah é que às vezes ele ia pra cama sem tirar a bota cheia de lama quando lhe dá na veneta imagine só ter que ir pra cama com uma coisa dessa podia acabar com a tua raça a qualquer momento que sujeito bom cada um fica doido de um jeito o Poldy pelo menos apesar de tudo sempre limpa o pé no capacho quando entra faça chuva ou faça sol e sempre engraxa as próprias botas também e ele sempre tira o chapéu quando encontra alguém na rua assim e agora ele está andando por aí de chinelo pra tentar £10 000 por um postal rip rip ah querida Clementina não é de cair durinha esturricada de raiva uma coisa dessa estúpido demais até pra tirar a bota agora o que é que você me pode fazer com um sujeito desse eu preferia morrer 20 vezes seguidas que casar com outro do sexo deles claro que ele nunca ia achar outra mulher que nem eu pra aguentar ele do jeito que eu aguento quer ver meu jeito olha como eu deito e ele sabe disso também no fundo do coração veja só essa senhora Maybrick que envenenou o marido por o que mesmo eu imagino que apaixonada por algum outro sujeito sim descobriram isso dela e que bandida que ela foi sem tirar nem pôr de me ir fazer uma coisa dessa claro que tem homem que consegue ser chato de matar deixam você louca e sempre com a pior palavra do mundo pra dizer e pra que que eles pedem a gente em

casamento se a gente é tão ruim assim afinal sim porque eles não conseguem se virar sem nós Arsênico branco foi o que ela pôs no chá dele tirou de papel pegamosca não é eu fico imaginando por que é que chamam isso desse nome se eu perguntasse pra ele ele ia dizer que vem do grego e você fica sabendo tanto quanto sabia antes de perguntar ela devia de estar loucamente apaixonada pelo outro camarada pra correr o risco de ir pra forca ah ela não dava a mínima se era essa a natureza dela além disso o que é que ela podia fazer eles não são assim tão monstros de enforcar uma mulher com certeza não é

eles são tudo tão diferentes o Boylan falando do formato do meu pé ele percebeu na hora até antes de ser apresentado quando eu estava na dbc com o Poldy rindo e tentando escutar eu estava balançandinho o pé nós dois pedimos 2 chás só com pão e manteiga eu vi ele olhando com aquelas duas irmãs solteironas dele quando eu levantei e perguntei pra menina onde é que ficava o que é que me importava com aquilo já quase saindo sozinho e aquela calçolinha preta fechada que ele me fez comprar leva meia hora pra tirar me molhando tudo sempre com alguma invencionice nova semana sim semana não foi um tão comprido que eu fiz que eu esqueci as minhas luvas de camurça no assento atrás de mim que eu nunca consegui de volta alguma mulher ladrona e ele queria que eu pusesse no Irish Times perdidas no lavatório feminino da dbc rua Dame ao encontrar favor devolver à senhora Marion Bloom e eu vi ele de olho nos meus pés saindo pela porta de mola ele estava olhando quando eu olhei pra trás e eu fui lá tomar chá 2 dias depois na esperança mas ele não estava agora como é que aquilo deixou ele excitado porque eu estava de perna cruzada quando a gente estava na outra sala primeiro ele falou do sapato que é apertado demais pra andar a minha mão também é bonitinha se eu tivesse um anel com a pedra do meu mês uma bela aguamarinha eu vou arrancar um dele e uma pulseira de ouro eu não gosto tanto assim do meu pé pelo menos fiz ele gozar um dia com o meu pé na noite depois do concerto gorado do Goodwin estava tão frio e com tanto vento enfim a gente tinha aquele rum em casa pra fazer um quentão e o fogo não estava apagado quando ele pediu pra tirar a minha

meia deitada no tapete da lareira na rua Lombard enfim e outra vez foi a minha bota cheia de lama ele queria que eu andasse no esterco de tudo quanto era cavalo que eu achasse mas claro que ele não é normal que nem todo mundo que eu o que foi que ele disse que eu podia dar nove pontos de vantagem em dez pra Katty Lanner e acabar com ela como assim eu perguntei pra ele esqueci o que ele disse porque a edição extra passou bem naquela horinha e o sujeito de cabelo cacheado lá da leiteria Lucan que é tão educado acho que eu já vi a cara dele antes em algum lugar eu percebi ele quando eu estava provando a manteiga aí eu não tive pressa o Bartell dArcy também que ele tirou sarro quando ele começou a me beijar na escada do coro depois que eu cantei a *Ave Maria* de Gounod o que estaremos esperando Ah meu amor beijame no cenho e digamos nosso adeus que era o meu seio ele era bem vigoroso apesar daquela vozinha minúscula também as minhas notas graves ele ficava o tempo todo enlouquecido por causa delas se é que dá pra acreditar nele eu gostava do jeito dele usar a boca pra cantar aí ele disse se não era terrível fazer aquilo ali num lugar que nem aquele eu não vejo nada tão terrível um dia desses eu vou contar isso pra ele não agora pra dar uma surpresinha é e vou levar ele lá e mostrar exatamente o lugar também que a gente fez então agora é isso mesmo queira ou não queira ele acha que não pode acontecer nada sem ele saber ele não tinha a menor ideia sobre a minha mãe até a gente ficar noivo senão ele nunca ia ter me conseguido assim tão barato ele mesmo é que era 10 vezes pior no fim de contas implorando pra eu dar um pedacinhozinho cortado da minha calçola isso foi naquela noite descendo pela praça Kennylworth que ele me beijou no olho da luva e eu tive que tirar me fazendo umas perguntas será que seria permitido perguntar a forma do meu quarto aí eu deixei ele ficar com ela como se eu tivesse esquecido pra pensar em mim quando eu vi ele meter bem quietinho no bolso claro que ele é louco por essa coisa de calçola está na cara sempre espiandinho aquelas carasdepau de bicicleta com a saia voando até o umbigo até quando a Milly e eu saímos junto com ele na festa ao ar livre aquela uma com a musselina creme de pé bem contra o sol de um jeito que ele podia ver cada átomo que ela estava usando

quando ele me viu por trás seguindo na chuva se bem que eu vi ele antes dele me ver parado na esquina da encruzilhada da rua Harolds com uma capadechuva nova com aquela echarpe com as cores zíngaras pra exibir a tez dele e de chapéu marrom com aquela cara de safado de sempre o que que ele estava fazendo ali que não tinha nada que estar ali eles podem conseguir o que quiserem com qualquer coisa que use saia e a gente não pode perguntar patavinas mas eles querem saber onde você estava onde você vai eu podia sentir ele vindo junto se esgueirando atrás de mim de olho no meu pescoço ele andava afastado lá de casa estava sentindo que a coisa estava ficando quente demais pra ele aí eu fiz meivolta e parei aí ele me azucrinou pra eu dizer sim até que eu tirei a luva devagarinho olhando pra ele ele disse que as minhas mangas de renda eram frias demais pra chuva qualquer coisa de desculpa pra pôr a mão perto de mim calçola calçola o tempo todinho até eu prometer dar a da minha boneca pra ele pra carregar no bolso do colete Ah *Maria mi Madre* ele estava mesmo com cara de bobão pingando na chuva uns dentes maravilhosos que ele tinha que eu ficava com fome só de olhar e solicitou que eu soerguesse a anágua laranja que eu estava usando com as pregas cordessol que não tinha ninguém ele disse que ele ia se ajoelhar no molhado se eu não erguesse tão cabeçadura e ia mesmo e ia acabar com a capadechuva novinha você nunca pode saber que tipo de tarado eles vão virar sozinhos com você eles são tão selvagens quando querem aquilo se alguém estivesse passando aí eu levantei um pouquinho e encostei na calça dele pelo lado de fora que nem eu fazia com o Gardner depois com a mão do anel pra evitar que ele fizesse coisa pior onde era lugar público demais eu estava morrendo de curiosidade de saber se ele era circuncidado ele estava tremendo inteiro que nem geleia eles querem fazer tudo rápido demais acaba com a graça toda da coisa e o papai esperando o tempo todo a janta ele me mandou dizer que eu tinha esquecido a bolsa no açougueiro e tinha que voltar pra buscar que Velhaco aí ele me escreveu aquela carta tudo palavrosa como é que ele tinha cara com qualquer mulher depois daqueles modos sociais dele deixou tudo tão constrangedor depois quando a gente se viu perguntando eu te ofendi eu com as

pálpebras abaixadas claro que ele estava vendo que eu não estava ele tinha lá os seus miolos não era que nem aquele outro bobo do Henny Doyle que estava sempre quebrando ou estragando alguma coisa nas brincadeiras de adivinha odeio homem azarado e se eu sabia o que aquilo queria dizer claro que eu tinha que dizer não por causa das aparências eu não estou te entendendo eu disse e se não era normal e claro que era mesmo tinham escrito aquilo do lado do desenho da coisa de uma mulher naquele muro em Gibraltar com aquela palavra que eu não conseguia achar em lugar nenhum só que as crianças acabam vendo muito novinhas aí me escrevendo uma carta toda manhã às vezes duas por dia eu gostava do jeito dele fazer a corte naquela época ele sabia como ganhar uma mulher quando ele me mandou aquelas 8 papoulas enormes porque o meu era dia 8 aí eu escrevi que na noite que ele beijou o meu coração em Dolphins Barn eu não conseguia descrever simplesmente aquilo te deixa de um jeito mas ele nunca soube como abraçar direito como o Gardner espero que ele venha segunda que nem ele disse na mesma hora às quatro odeio gente que aparece qualquer hora você vai atender a porta pensa que é o verdureiro aí é alguém e você tudo desarrumada ou a porta da cozinha imunda e bagunçada me abre de repente no dia que o velho caragelada do Goodwin veio falar do concerto na rua Lombard e eu logo depois de jantar tudo corada e desajeitada de cozinhar aquela carne nem me olhe professor eu tive que dizer eu estou horrível sim mas ele era um cavalheiro das antigas de verdade lá do jeito dele não tinha por onde ser mais respeitoso sem ninguém pra dizer que você saiu você tem que dar uma espiada pela persiana que nem o mensageiro hoje eu achei que ele estava me dispensando primeiro por ele me mandar o vinhodoporto e os pêssegos primeiro e eu já estava começando a bocejar de nervosa de achar que ele estava tentando me fazer de boba quando reconheci aquele tattarrattat dele na porta ele devia de estar um pouquinho atrasado por que era 3 e 15 quando eu vi as 2 meninas do Dedalus vindo da escola eu nunca sei a hora nem aquele relógio que ele me deu parece que nunca está certo era melhor eu mandar darem uma olhada nele depois quando eu joguei o penny praquele marinheiro aleijado pela Inglaterra lar e beleza quando eu

estava assobiando há uma linda mocinha que adoro e eu não tinha nem posto a combinação limpa nem me empoado nem nada aí daqui uma semana a gente vai pra Belfast que bom que ele tem que estar em Ennis aniversário da morte do pai dele dia 27 não ia ser nada agradável se ele fosse imagine que o nosso quarto no hotel fosse um do lado do outro e que alguma safadeza acontecesse na cama nova eu não ia poder dizer pra ele parar e não me incomodar com ele no quarto do lado ou quem sabe algum pastor protestante com uma tossinha batendo na parede aí ele não ia acreditar no outro dia que a gente não fez alguma coisa marido tudo bem mas amante não dá pra enganar depois de eu dizer pra ele que a gente não faz mais nada claro que ele não acreditou não melhor ele estar indo lá pra onde ele vai além disso sempre acontece alguma coisa com ele aquela vez indo pro concerto Mallow em Maryborough pedindo sopa pelando pra nós dois aí a campainha tocou e lá me vai ele andando pela plataforma com a sopa derramando por tudo e tomando de colherada a audácia do indivíduo e o garçom atrás dele fazendo um escândalo desgraçado berrando e aquela confusão pro trem partir mas ele não queria pagar até acabar de tomar os dois cavalheiros no vagão de 3a classe disseram que ele estava mais do que certo e estava mesmo ele é tão cabeçadura às vezes quando mete alguma coisa na cachola pelo menos ele conseguiu abrir a porta do vagão com o canivete ou eles iam ter levado a gente pra Cork acho que fizeram de vingança contra ele ah eu adoro gingar num trenzinho ou num carro com umas almofadinhas macias eu fico imaginando será que ele vai pegar de primeira classe pra mim ele pode querer fazer no trem dando uma bela de uma gorjeta pro guardinha ah imagino que vão aparecer os imbecis de sempre dos homens de boca aberta olhando pra gente com aqueles olhos que não podiam ser mais estúpidos nem que tentassem era um sujeito excepcional aquele trabalhadorzinho comum que deixou a gente sozinho no vagão aquele dia na ida pra Howth eu queria saber alguma coisa sobre ele 1 ou 2 túneis talvez aí você tem que olhar pela janela aí fica ainda melhor na volta imagine se eu nunca mais voltasse o que é que eles iam dizer fugiu com ele isso motiva a gente no palco o último concerto que eu cantei lá em onde era tem

mais de um ano quando que foi a sala de S Teresa na rua Clarendon umas janotinhas é que cantam lá agora Kathleen Kearney e as da laia dela só porque o papai foi do exército e porque eu cantei o vagabundo desleixado e usei um broche do lorde Roberts se está na cara que eu sou verde e laranja e o Poldy não era irlandês o bastante será que foi ele que deu um jeito dessa vez eu não ia achar impossível não que nem quando ele conseguiu me pôr pra cantar no *Stabat Mater* espalhando uma estória que estava musicando Leva Luz Conduz eu que arranjei essa pra ele até os jesuítas descobrirem que ele era maçom martelando o solo de piano Duz-me copiada de alguma ópera velha sim e ele estava andando com uns daqueles do Sinn Féin ultimamente ou sei lá que nome que eles se dão falando aquela porcaria dele de sempre aquela bobajada ele diz que aquele sujeitinho que ele me mostrou sem pescoço é muito inteligente o próximo homem Griffiths era o nome dele bom parecer ele não parece eu só sei isso ainda assim há de ter sido ele ele sabia que tinha um boicote odeio que mencionem política depois da guerra daquela Pretoria e Ladysmith e Bloemfontein onde o Gardner ten Stanley G 8bt 2 reg L lancs de febre entérica era um sujeito lindo de cáqui e era o tantinho certo mais alto que eu tenho certeza que era corajoso também ele disse que eu era linda naquela noite que a gente deu um beijo de despedida na eclusa do canal minha beleza irlandesa ele estava pálido de empolgação por que estava indo ou iam ver a gente da estrada mal conseguia ficar de pé direito e eu mais quente do que nunca eles podiam ter feito as pazes deles no comecinho ou aquele *oom* Paul e o resto daqueles Krugers que fossem lá resolver entre eles em vez de arrastar a coisa por anos a fio matando tudo quanto era homem bonito com a tal da febre se pelo menos ele tivesse morrido a bala de um jeito decente não ia ter sido tão ruim adoro ver um regimento passando em revista a primeira vez que eu vi a cavalaria espanhola em La Roque foi lindo depois olhar de Algeciras lá do outro lado da baía as luzes tudo do rochedo que nem uns vagalumes ou aquelas batalhas fingidas nos 15 acres a Guarda Negra de kilt marchando no compasso passando o 10º de hussardos os homens do príncipe de Gales ou os lanceiros

ah os lanceiros são o máximo ou os Dublins que venceram em Tugela o pai dele fez dinheiro vendendo cavalo pra cavalaria bom ele podia me comprar um presente bonito lá em Belfast depois do que eu dei eles fazem uma roupa branca maravilhosa por lá ou um daqueles quimonos bonitos eu preciso comprar uma bola de cânfora que nem eu tinha antes pra deixar junto na gaveta ia ser divertido sair por aí com ele pras compras comprando essas coisas numa cidade nova melhor deixar essa aliança pra trás tem que ficar rodando um tempão pra passar pela junta ou eles podiam dar com a língua nos dentes em tudo que é jornal pela cidade ou me delatar pra polícia mas iam pensar que a gente era casado ah que se danem todos que eu não estou dando a mínima ele tem bastante dinheiro e não é do tipo casadouro então era melhor alguém arrancar esse dinheiro dele se eu conseguisse descobrir se ele gosta de mim eu estava um pouco apagada claro quando me olhei de perto no espelhinho de mão na hora de me empoar espelho nunca dá a expressão além disso se agachando em cima de mim daquele jeito o tempo todo com aquele quadril ossudo ele é pesado também com aquele peito peludo demais nesse calor você sempre tem que deitar pra esperar eles melhor pra ele era meter em mim por trás do jeito que a senhora Mastiansky me disse que o marido dela obrigava ela que nem cachorro e botar a língua de fora o tanto que ela conseguisse e ele tão quietinho e delicado com aquele plimplim também será possível um dia encarar os homens o jeito que eles se deixam levar pela coisa um tecido lindo que ele tinha naquele terno azul e uma gravata elegante e a meia com as coisinhas de seda azulcelestes ele certamente anda bem de vida eu sei pelo talhe da roupa dele e aquele relógio pesadão mas ele ficou um perfeito diabinho uns minutos depois que voltou com a edição extra rasgando os bilhetes e relampejando porque perdeu 20 pratas ele disse que perdeu por causa daquele azarão que ganhou e metade ele apostou no meu nome por causa da dica do Lenehan xingando até a quinta geração aquele parasita ele ficou tomando liberdades comigo depois do jantar Glenree na volta aquela longa viagem sacolejante pela montanha featherbed depois do lorde prefeito ficar me olhando com aquele olho imundo Val Dillon grande pagão eu

percebi ele pela primeira vez na sobremesa quando eu estava quebrando as nozes com o dente eu queria era ter lambido tudo quanto era pedacinho daquele frango dos meus dedos de tão gostoso que estava e corado e mais macio que não sei o quê só que eu não queria comer tudinho do prato aqueles garfos e aquelas facas de peixe eram de prata de lei também eu queria ter uns daqueles ia ter sido bem fácil enfiar uns na manga quando eu estava brincando com eles e aí sempre pendurado neles nos restaurantes querendo dinheiro querendo o que você acabou de pôr na boca a gente tem é que dar graças até pela nossa xicrinha trincada de chá como se fosse um grande elogio digno de nota é como o mundo se divide em todo caso se isso vai continuar eu quero pelo menos mais duas camisas boas pra começo de conversa e mas eu não sei que tipo de calçola ele gosta ele gosta é sem calçola acho ele não disse isso sim e metade das meninas em Gibraltar nunca usavam mesmo peladinhas que nem Deus fez aquela andaluza cantando a sua Manola ela não fazia muito segredo do que tinha pra mostrar sim e o segundo par de meia de seda imitação já está com fio puxado e eu só usei um dia eu podia ter levado de volta pro Lewers hoje de manhã e feito um escândalo e feito aquele zinho trocar pra mim só que eu não quis me incomodar e correr o risco de topar com ele e estragar tudo e um daqueles corpetes bem justinhos eu queria anunciado bem baratinho na Gentlewoman com tira de elástico no quadril ele poupou o que eu estava usando mas não adianta como é que eles diziam proporcionam maravilhoso contorno para sua figura 11/6 prevenindo aquela desagradável aparência mais larga no baixo lombo para reduzir a carne a minha barriga está meio grandinha eu vou ter que parar com a cerveja na hora da janta ou será que eu estou começando a gostar demais de cerveja a última que eles mandaram do orourke estava mais choca que galinha de granja ele ganha dinheiro fácil eles chamam ele de Larry aquele embrulhinho rastaquera que ele mandou no Natal com um bolinho ordinário e uma garrafa de lavagem que ele tentou empurrar como clarete que ele não conseguia fazer ninguém tomar Deus poupe a saliva dele de medo que ele morra seco ou eu tenho que fazer uns exercícios de respiração eu fico imaginando se aquele antigordura serve pra

alguma coisa podia exagerar magrela não está muito na moda agora de liga eu estou bem eu tenho o par violeta que eu usei hoje ele só me comprou isso com o cheque que recebeu no dia primeiro ah não e tinha a loção facial que eu acabei ontem que deixou a minha pele como nova eu disse pra ele um milhão de vezes mande fazer no mesmo lugar e não vai me esquecer sabe Deus se ele foi fazer depois de tudo que eu falei pra ele eu vou saber pelo frasco de qualquer jeito se não acho que eu vou ter é que acabar me lavando com o meu mijo que nem caldo de carne ou canja de galinha com um pouquinho daquele opopânace com violeta eu achei que estava começando a ficar áspera ou meio velha a pele mais embaixo é bem mais fininha lá onde descascou no dedo depois da queimadura é pena que não seja tudo desse jeito e os quatro lencinhos vagabundos coisa de 6 xelins tudo junto claro que dá pra você passar a vida sem estilo tudo pra comida e aluguel quando eu ganhar eu vou sair abanando por aí em grande estilo eu sempre quis jogar um punhado de chá no bule medindo e regulando se eu comprar nem que seja um sapatinho gostou do sapato novo sim quanto custou eu não tenho mais roupa o conjuntinho marrom e a saia com a jaqueta e aquele que está com a lavadeira 3 o que que é isso pra qualquer mulher cortando um pedaço de um chapéu velho pra remendar outro os homens não te olham e as mulheres tentam passar por cima de você porque elas sabem que você não tem um homem e aí com tudo quanto é coisa ficando mais cara todo dia pelos quatro anos a mais que eu tenho de vida até os 35 não eu estou com quantos anos eu tenho mesmo eu vou fazer 33 em setembro será que é isso que ah enfim olha a tal da senhora Galbraith ela é bem mais velha que eu eu passei por ela quando saí semana passada a beleza dela está mingando ela era bonita com uma cabeleira magnífica até a cintura jogando pra trás assim que nem a Kitty OShea na rua Grantham 1ª coisa que eu fazia toda manhã era olhar do outro lado da rua pra ver ela penteando aquele cabelo como se fosse o amor da vida dela e ela morresse de orgulho pena que eu só fui conhecer ela um dia antes da gente se mudar e a tal da senhora Langtry o lírio de Jersey que era a paixão do príncipe

de Gales eu imagino que ele seja que nem um outro qualquer só que com um nome de rei tudo feito do mesmo jeito só o de um preto eu queria experimentar uma beleza até que idade mais ou menos 45 teve alguma estória esquisita sobre o maridinho ciumento o que que era mesmo e uma faca de ostra que ele foi não ele obrigou ela a usar um tipo de uma coisa de lata enrolada e o príncipe de Gales sim ele que tinha a faca de ostra não pode ser verdade uma coisa dessa que nem uns livros daqueles que ele me traz as obras do Mestre François fulano de tal que parece que era padre sobre uma criança que nasceu do ouvido dela porque a tripa traseira dela despencou bela palavra pra qualquer padre me sair escrevendo e a b—a dela como se qualquer imbecil não pudesse ver o que que isso é odeio esse fingimento convenhamos com aquela cara de tratante dele que todo mundo percebe que não é verdade e aquele da Ruby e das Belas Tiranias ele me trouxe esse duas vezes eu lembro quando eu cheguei na página 50 a parte quando ela pendura ele num gancho com uma corda flagelar claro que não tem nada ali pras mulheres tudo invencionice inventada de ele tomar champanhe no sapato dela depois que o baile acabou que nem o menino Jesus no berço em Inchicore nos braços da Virgem Santa e claro que nunca que iam conseguir tirar uma criança daquele tamanho de nenhuma mulher e eu achava antes que saía pelo lado porque como é que ela podia usar o penico quando quisesse e ela era rica claro que ficou honrada S A R ele esteve em Gibraltar no ano que eu nasci apostro que achou uns lírios por lá também onde ele plantou a árvore ele plantou mais que isso na vida dele bem podia ter plantado em mim também se tivesse ido um pouquinho antes aí eu não ia estar aqui desse jeito ele devia mandar passear aquele Freeman com os trocadinhos que ele arranja por lá e entrar em algum escritório ou uma coisa assim onde tivesse um salário regular ou um banco onde pudessem colocar ele num trono pra contar dinheiro o dia inteiro claro que ele prefere ficar à toa pela casa e você sem poder nem se mexer com ele por toda parte qual é o teu programa pra hoje eu até queria que ele fumasse cachimbo que nem o papai pra ficar com cheiro de homem ou fingindo que está batendo perna atrás de anúncio quando podia estar até agora

com o senhor Cuffe não fosse pelo que ele fez daí me mandou tentar remendar a coisa toda eu podia ter arranjado uma promoção pra ele lá pra ser gerente ele me deu umas olhadas calientes umas vezes primeiro ele estava mais duro que a vida realmente francamente senhora Bloom só que eu estava me sentindo simplesmente um traste com o vestidinho velho imprestável que eu perdi os chumbinhos da barra sem corte mas está entrando de novo na moda eu comprei só pra agradar ele eu sabia que não prestava pelo acabamento pena que eu mudei de ideia sobre ir na Todd e Burns que nem eu falei e não na Lees era bem que nem a própria loja liquidação geral um monte de porcarias odeio essas lojas de rico dá nos nervos nada me derruba mais só que ele acha que sabe muita coisa de vestido de mulher e cozinha e ser mãe e tudo mais ele que revira as prateleiras procurando se eu fosse seguir conselho dele cada bendito chapéu que eu ponho e esse me vai bem sim leve esse está ótimo aquele que nem um bolo de casamento milhas de altura empilhado na minha cabeça ele disse que me ia bem ou aquele que parecia uma cobertura de prato que descia aqui atrás todo eriçadinho por causa da vendedora naquela loja da rua Grafton que eu dei o azar de levar o infeliz e ela que não podia ser mais insolente com aquele sorrisinho dizendo receio que estamos lhe dando trabalho demais e ela está lá pra quê mas eu dei uma olhada pra ela que apagou a risadinha sim ele estava todo duro e não é de se estranhar que ele mudou na segunda vez que olhou o Poldy cabeça de jerico de sempre que nem com a sopa mas eu vi que ele estava olhando sem parar pro meu peito quando ele levantou pra abrir a porta pra mim foi educado da parte dele me levar até a porta pelo menos eu sinto muitíssimo senhora Bloom acredite em mim sem exagerar demais na primeira vez depois de ele ser insultado e eu que devia ser a esposa dele eu só meio que sorri eu sei que o meu peito estava saltando daquele jeito na porta quando ele disse eu sinto muitíssimo e eu tenho certeza que o senhor sentia

sim acho que eles ficaram mais firmes com ele chupando daquele jeito tanto tempo ele me deixou com sede tetinhas ele diz eu tive que rir sim esse aqui pelo menos durinho o mamilo fica por qualquer coisinha vou fazer ele continuar com isso e vou tomar aquele ovo

batido com vinho de marsala fazer eles ficarem gordos assim pra ele o que é que são aquelas veias todas e aquelas coisas engraçado o jeito que é feito 2 iguais no caso de gêmeos dizem que eles representam a beleza colocados lá em cima que nem aquelas estátuas no museu uma fingindo que esconde com a mão será que eles são tão bonitos claro comparado com a aparência de um homem com as duas sacolas cheias e o resto das coisas penduradas ou te espetando que nem um cabide de chapéu não é de estranhar que eles escondam com uma folha de repolho a mulher que é a beleza claro isso todo mundo sabe quando ele disse que eu podia posar pra uma pintura nua pra algum ricoço na rua Holles quando ele perdeu o emprego na Helys e eu estava vendendo as roupas e tocandinho no palácio do café será que eu ia ficar igual aquele banho da ninfa de cabelo solto sim só que ela é mais nova ou eu lembro um pouco aquela espanhola vagabunda que ele tem as ninfas será que elas andavam daquele jeito eu perguntei pra ele aquele Cameron Highlander nojento atrás do mercado de carne ou aquele outro ruivo desgraçado atrás da árvore onde ficava antes a estátua do peixe quando eu estava passando fingindo que estava mijando de pé pra eu ver com a roupinha de nenê de lado os homens da rainha taí um grupinho foi bom que os Surreys assumiram o lugar deles eles estão sempre tentando mostrar a coisa pra você o tempo todo quase passei na frente do banheiro dos homens perto da estação da rua Harcourt só pra testar um ou outro sujeito tentando chamar a minha atenção ou se fosse 1 das 7 maravilhas do mundo ah e o fedor daqueles lugares podres a noite que eu estava voltando pra casa com o Poldy depois da festa dos Comerford laranja e limonada pra deixar você se sentindo bem e apuradinha eu entrei em 1 deles estava um frio tão doído que eu não conseguia segurar quando foi isso 93 o canal estava congelado sim foi uns meses depois pena que uns Camerons não estivessem lá pra me ver acorçada no banheiro dos homens no meadero eu tentei formar uma imagem daquilo antes de rasgar que nem uma salsicha ou uma coisa assim eu fico imaginando se eles não têm medo andando por aí de levar um chute ou uma pancada ou alguma coisa ali e aquela palavra mete alguma coisa com cose e ele me veio

com uns travalínguas sobre encarnação ele nunca consegue explicar alguma coisa simplesmente de um jeito que um cristão entenda aí ele vai e me queima o fundo da frigideira tudo por causa do Rim dele esse aqui não está tanto ali ó a marca do dente dele ainda onde ele tentou morder o mamilo eu tive que gritar eles não são medonhos tentando te machucar eu tive um peitão bem cheio de leite com a Milly dava pra dois qual seria a razão ele disse que eu podia ter conseguido uma libra por semana de ama de leite tudo inchada na manhã que aquele estudante de cara delicada que ficou no 28 com os Citron o Penrose quase que me pega tomando me lavando pela janela só que eu levantei a toalha pra cobrir a cara foi essa estudantada dele que me magoou eles faziam sempre desmamando ela até ele conseguir que o doutor Brady me desse aquela receita de beladona eu tinha que pedir pra ele chupar de tão duro que estava ele dizia que era mais doce e mais grosso que o de vaca aí ele queria me ordenhar dentro do chá bom ele passa de todos os limites na minha modesta opinião que alguém tinha que enquadrar ele se eu me lembrasse só metade das coisas e escrevesse um livro com elas as artes de Mestre Poldy sim e é tão mais macia a pele muito quase uma hora ele ficou nisso eu tenho certeza no relógio que nem se fosse um bebezão no meu colo eles querem tudo na boquinha o prazer que esses homens conseguem com uma mulher dá pra sentir a boca dele ah Senhor eu preciso me esticar queria que ele estivesse aqui ou alguém pra eu me soltar junto e gozar de novo daquele jeito eu estou me sentindo inteira pegando fogo por dentro ou se eu conseguisse sonhar com quando ele me fez gozar a segunda vez me cutucando por trás com o dedo eu gozei por uns 5 minutos com as pernas em volta dele eu tive que abraçar ele depois ah Senhor eu queria gritar tudo quanto é coisa caralho ou merda ou qualquer coisa mesmo só pra não ficar feia ou aquelas rugas da tensão vai saber como é que ele ia encarar uma coisa dessa tem que ir aos pouquinhos com os homens eles não são tudo que nem ele graças a Deus tem uns que querem que você seja tão boazinha sobre tudo eu percebi o contraste ele faz e não fica falando eu botei aquela expressão no meu olho com o cabelo um pouco bagunçado de tanto rolar e a língua entre os dentes oferecida

pra ele o animal selvagem quinta sexta um sábado dois domingo três ah Senhor eu não aguento esperar até segunda

frsiiiiiifronnng trem em algum lugar apitando a força que aquelas locomotivas têm que nem uns gigantes enormes e a água correndo e jorrando por todo lado que nem o fim da Velha e doce canção do amooooor os coitados que têm que ficar na rua a noite inteira longe da mulher e da família naquelas locomotivas torrando hoje estava de derreter que bom que eu queimei metade daqueles Freemans e daquelas Photo Bits deixa as coisas desse jeito largadas por aí ele anda ficando muito desleixado e joguei o resto no toailete eu vou fazer ele vender aquilo tudo pra mim amanhã em vez de deixar ali mais um ano pra pegar uns pence naquilo ter que aguentar ele perguntando cadê o jornal de janeiro passado e aquele monte de sobretudo velho que eu carreguei lá da entrada deixa a casa mais quente que já é aquela chuva foi linda logo depois da minha sonequinha eu achei que ia ficar que nem Gibraltar credo em cruz o calor que era lá antes do levante chegar negro como a noite e o clarão do rochedo bem alto no escuro que nem um gigante enorme comparado com a montanha 3 Rock deles que eles acham que é tão impressionante com as guaritas vermelhas aqui e ali os choupos e eles tudo pelando de quentes e os mosquiteiros e o cheiro da água da chuva naqueles tanques olhando o sol o tempo todo e te encharcando toda tudo desbotado aquele vestido lindo que a amiga do papai a senhora Stanhope me mandou do B Marché de Paris que vergonha minha caríssima Cachorrита ela no que ela era muito boazinha o que é isso o outro nome dela era só um postal pra te dizer que eu mandei o presentinho acabei de tomar um belo de um banho bem quente e estou que nem um cachorro bem limpinho agora eu gostei brimo ela chamava ele de brimo o brimo daria td para estar de volta em Gib e ouvir você cantar Na Velha Madri ou Esperando Concone é o nome daqueles exercícios ele me comprou um daqueles novos alguma palavra que eu não consegui entender xales umas coisinhas divertidas mas rasgam à toa ainda assim lindinhos eu acho você não acha vou sempre pensar nos belos chás que nos tomávamos juntas os deliciosos bolinhos de framboesa e biscoitos de groselha que eu adoro bem agora caríssima Cachorrита

por favor escreva logo simpática ela deixou de fora as lembranças para o seu pai e também o capitão Grove amor sua c/ carinho Hester beijinho ela não parecia nem um pouquinho casada bem igual uma menininha ele era anos mais velho que ela o brimo ele me adorava quando ele segurou o arame com o pé pra mim passar por cima na tourada em La Línea quando deram a orelha do touro praquele matador Gomez essas roupas que a gente tem que usar sei lá quem que inventou imagina a gente subir o morro Killiney aí por exemplo naquele piquenique tudo espartilhada não dá pra fazer uma bendita coisa com aquilo tudo numa multidão correr ou pular fora do caminho foi por isso que eu fiquei com medo quando aquele outro touro feroz começou a atacar os banderilleros com os talabartes e as 2 coisas no chapéu e os animais daqueles homens gritando bravo toro claro que as mulheres não eram melhores com aquelas belas mantillas brancas arrancando tudo que tinha dentro dos coitados daqueles cavalos eu nunca ouvi falar de uma coisa dessa na minha vida inteirinha sim ele se rachava de rir quando eu imitava o latido dos cachorros na alameda Bell coitado do bicho e ainda doente o que será que aconteceu com eles devem de ter morrido tem um tempão os 2 é como se fosse tudo uma cerração faz você se sentir tão velha eu que fazia os bolinhos claro eu estava com tudo e não estava prosa naquela época uma menina a Hester a gente ficava comparando o nosso cabelo o meu era mais grosso que o dela ela me ensinou a ajeitar aqui atrás quando eu prendia e o que mais que foi fazer nó em linha de costura com uma mão só a gente era que nem prima quantos anos eu tinha aí na noite da tempestade eu dormi na cama dela ela me abraçou daí a gente ficou brigando de manhã com o travesseiro como era divertido ele ficava me olhando sempre que podia na banda na esplanada Alameda quando eu estava com o papai e o capitão Grove eu olhei primeiro pra igreja e aí pras janelas e aí pra baixo e os nossos olhos se encontraram eu senti alguma coisa me atravessar um arrepio enorme os meus olhos estavam dançando eu lembro que depois quando eu me olhei no espelho eu mal me reconheci que mudança eu estava com uma pele esplêndida por causa do sol e a empolgação que nem uma rosa eu não preguei o olho de noite não ia ser certo por causa dela mas eu

podia ter parado a coisa toda a tempo ela que me deu a Pedra da lua pra ler que foi o primeiro que eu li do Wilkie Collins Lynne do Leste eu li e a sombra de Ashlydyat senhora Henry Wood Henry Dunbar daquela outra mulher eu emprestei depois pra ele com a foto do Mulvey dentro pra ele ver que não estava me faltando e Eugene Iorde Lytton Aram Molly Bela ela me deu da senhora Hungerford por causa do nome eu não gosto de livro que tem alguma Molly que nem aquele que ele me trouxe sobre aquela de Flandres uma puta sempre roubando tudo que conseguia pano e estofado e metros e metros esse cobertor está pesando demais em cima de mim assim ficou melhor eu não tenho nem uma camisola decente esse negócio fica enrolando embaixo de mim e além de tudo tem as bobagens dele melhor assim eu era de ficar encharcada naquele tempo no calor a combinação empapava com suor grudava dos dois lados da bunda na cadeira quando eu levantava era tão gordinha e firme quando eu subi nas almofadas do sofá pra ver com a roupa levantada e os insetos toneladas de noite e os mosquiteiros eu não conseguia ler uma linha que fosse Senhor quanto tempo parece séculos claro que nunca volta e ela também não pôs o endereço direito ela pode ter percebido o brimo dela as pessoas ficavam indo embora o tempo todo e a gente nunca eu lembro aquele dia com as ondas e os barcos com as velas altas balançando e a vaga do navio aqueles uniformes dos oficiais de licença na praia me deixavam mareada ele não disse nada era muito sério eu estava com aquela bota comprida de abotoar e a minha saia estava voando ela me beijou seis ou sete vezes e por acaso eu não chorei sim acho que chorei ou quase eu estava com a boca toda tremelicando quando eu disse até mais ver ela estava com uma echarpe maravilhosa de algum tipo especial de tom de azul pra viagem arrumada assim bem diferente de lado assim e era muito muito bonitinho ficou tudo chato pra diabo depois que eles foram eu estava quase planejando fugir dali enlouquecida pra algum lugar a gente nunca fica bem onde está o papai ou a tia ou o casamento esperando sempre esperando pra guiaaaaar ele praaa mim esperando nem ráááápido com os pés de asas aquelas amaldiçoadas daquelas armas deles estourando e espocando de tudo quanto era

lado especialmente no aniversário da Rainha e jogando tudo no chão pra lá e pra cá se a gente não abria a janela quando o general Ulysses Grant seja o que quer que ele fosse ou tinha feito parece que era algum sujeito importante desembarcou do navio e o velho Sprague o cônsul que estava lá desde antes do dilúvio se enfatiotou todo o coitado e ele de luto pelo filho e aí os mesmos clarins de sempre pra toque de despertar de manhã e rufar de tambores e os infelizes dos soldados coitadinhos andando por toda parte com as tigelas do rancho fedendo por tudo pior que os judeus velhos de barba comprida com as jalabas deles e a assembleia dos levitas e o toque de alerta e as salvas de tiros pros homens cruzarem as linhas e o guarda marchando com as chaves pra trancar os portões e as gaitasdefole e só o capitão Groves e o papai falando de Rorkes Drift e de Plevna e de sir Garnet Wolseley e Gordon em Cartum acendendo os cachimbos pra eles cada vez que eles saíam diabo de velho paudágua com as bebidas na soleira da janela queria ver alguém pegar ele deixando um pouquinho cutucando o nariz tentando pensar em outra estória suja pra contar num cantinho mas ele nunca perdia o controle quando eu estava lá me mandando sair da sala com qualquer desculpa esfarrapada oferecendo os seus elogios claro que era tudo aquele uísque Bushmills mas ele ia fazer a mesma coisa com a primeira mulher que aparecesse eu achava que ele tinha morrido entupido de álcool tem décadas os dias parecem anos nem uma carta de vivalma a não ser uma ou outra que eu enviava pra mim mesma com pedacinhos de papel dentro do envelope tão entediada às vezes que eu podia sair na unha ouvindo aquele velho árabe de um olho só e aquele instrumento jumento dele cantando aquele riah riah arriah todos os meus cumprimentos pro seu jumento malequefento tão ruim quanto agora de mão abanando olhando pela janela se tinha algum sujeito bonito até na casa da frente aquele estudante de medicina na rua Holles que a enfermeira estava cercando quando eu pus as luvas e o chapéu na janela pra mostrar que estava saindo não teve ideia do que eu queria dizer não são umas bestas nunca entendem o que você diz nem se você mandasse imprimir num cartaz grandão pra eles nem se você apertar a mão duas vezes com a esquerda ele também não

me reconheceu quando eu meio que fechei a cara pra ele na frente da capela da rua Westland onde é que entra a grande inteligência deles isso eu queria saber massa cinzenta pra mim eles têm é só no rabo aqueles vaqueiros capiaus lá no City Arms inteligência eles tinham era bem menos que os touros e as vacas que eles estavam vendendo a carne e o sino do carvoeiro aquele filho da puta barulhento tentando me engambelar com a conta errada que ele tirou do chapéu e que par de patas e pote panela chaleira pra consertar alguma garrafa quebrada pra um pobre de Deus hoje e nada de visitas nem de correio nunca a não ser os cheques dele ou alguma propaganda que nem aquele Milagreiro que eles mandaram pra ele endereçado cara madame só a carta dele e o postal da Milly hoje de manhã está vendo ela escreveu uma carta pra ele de quem foi a última carta que eu recebi ah a senhora Dwenn agora o que foi que deu nela de me escrever depois de tanto tempo pra saber a receita que eu tinha de pisto madrileño a Floey Dillon desde que escreveu pra dizer que está casada com um arquiteto muito rico se é que é pra eu acreditar em tudo que dizem por aí com uma casa de campo e oito quartos o pai dela era um homem muito muito simpático estava com quase setenta sempre benhumorado pois bem então senhorita Tweedy ou senhorita Gillespie eis o piânio era um aparelho de café de prata maciça também que ele tinha no aparador de mogno e aí me morre assim tão longe odeio gente que tem sempre uma estória de coitadinhos pra contar todo mundo tem os seus problemas aquela coitada da Nancy Blake morreu tem um mês de peneumonia aguda bom eu nem conhecia ela tão bem assim ela era mais amiga da Floey do que minha é um incômodo ter que responder ele sempre me conta as coisas erradas e sem parar pra falar que nem fazer um discurso sua triste privação pêsamos eu sempre erro isso e subrinho com u espero que ele me escreva uma carta mais comprida da próxima vez se for verdade que ele gosta mesmo de mim ah graças sejam dadas ao grande Deus que eu consegui alguém pra dar o que eu precisava tanto pra me dar algum ânimo você não tem mais chances por aqui como tinha há muito tempo atrás queria que alguém me escrevesse uma carta de amor a dele não era lá grandes coisas e eu disse que ele podia escrever o

que quisesse seu sempre Hugh Boylan na velha Madri as tontas acreditam que amor é suspirar eu estou morrendo ainda assim se ele escrevesse essas coisas acho que ia ter um pouco de verdade ali verdade ou não uma carta dessas enche o dia da gente e a vida sempre é alguma coisa pra pensar a cada minuto e ver tudo em volta como um mundo novo eu podia escrever a resposta na cama pra deixar ele me imaginar curta só umas palavrinhas não aquelas cartas irritadas e compridas que a Atty Dillon escrevia pro sujeito que era alguma coisa nas quatro cortes que descartou ela depois copiadas do manual de cartas das damas quando eu disse pra ela dizer umas palavrinhas simples que ele podia torcer como quisesse e não agir com açodada açodamento com parelho candor a maior felicidade terrenal resposta a uma proposta de um cavalheiro afirmativamente credo em cruz não é nada demais fica tudo muito bem pra eles mas quanto a ser mulher assim que você fica velha dava na mesma eles te jogarem no cesto de lixo

a do Mulvey foi a primeira quando eu estava na cama aquela manhã e a senhora Rubio me trouxe junto com o café ela ficou lá de pé parada quando eu pedi pra ela me alcançar e eu apontando pra eles eu não conseguia lembrar a palavra um grampo de cabelo pra usar pra abrir arrá horquilla velhinha inconveniente e estava ali bem na cara dela com aquela mechinha de cabelo falso e vaidosa da aparência feia do jeito que era perto dos 80 ou 100 com o rosto que era um punhado de rugas com aquela religião toda tiranizando porque nunca conseguiu superar a chegada da frota do Atlântico metade dos navios do mundo e a bandeira britânica tremulando com todos os carabineros dela porque 4 marinheiros ingleses bêbados tiraram o rochedo inteirinho deles e porque eu não corria pra missa tanto quando devia em Santa Maria pra agradar a dita com aquele xale levantado a não ser quando tinha casamento com todos os milagres dos santos lá dela e a virgem benta preta de vestido prateado e o sol dançando 3 vezes na manhã do domingo de páscoa e quando o padre ia passando com o sino levando o vaticano pros moribundos ela lá se benzendo por su Majestad um admirador ele assinou eu quase tive um treco eu queria puxar conversa com ele quando vi ele me seguindo pela Calle Real na vitrine da loja aí ele só

me deu um cutucão quando ia passando nunca imaginei que ele ia escrever pra marcar um encontro fiquei com aquilo dentro do corpete da combinação o dia inteiro lendo e relendo em cada canto e em cada buraco enquanto o papai estava em treinamento pra descobrir pela caligrafia ou a linguagem dos selos cantando eu lembro será que hei de usar a rosa branca e eu queria avançar aquele relógio idiota pra perto da hora ele foi o primeiro que me beijou embaixo do muro mourisco meu namoradinho quando menino nunca passou pela minha cabeça o que um beijo era até ele botar a língua na minha boca a boca dele era adoçadinha de jovem eu encostei o joelho nele umas vezes pra aprender o caminho que eu disse pra ele que estava noiva de farra do filho de um nobre espanhol chamado Don Miguel de la Flora e ele acreditou que eu ia casar com ele dali a 3 anos toda piada tem um fundo de verdade há uma flor que brota umas coisas eu disse de verdade sobre mim só pra ele ficar imaginando das espanholas ele não gostava acho que uma não quis ficar com ele deixei ele excitado ele esmagou tudo as flores no meu colo que ele trouxe pra mim ele não sabia contar as pesetas e as perragordas até eu ensinar Cappoquin a cidade dele ele disse no Blackwater mas foi curto demais aí um dia antes dele ir embora maio sim foi em maio quando o rei menino da Espanha nasceu eu sempre fico desse jeito na primavera eu queria era um sujeito novo todo ano lá bem no alto embaixo da Rockgun perto da torre de OHara que eu disse pra ele que tinha caído um relâmpago e a estória toda dos macacos que eles mandaram pra Clapham sem rabo se atracando uns nos outros por toda parte trepados uns nos outros a senhora Rubio que dizia ela era uma verdadeira nativa do rochedo roubando as galinhas da fazenda Inces e jogam pedra em você se você chegasse perto ele estava olhando pra mim eu estava com aquela blusa branca aberta na frente pra atizar ele quanto eu pudesse sem muito abertamente eles estavam só começando a ficar roliços eu disse que estava cansada a gente se esticou na sombra do abeto um lugar bem ermo eu imagino que deve de ser a rocha mais alta que existe as galerias e as casamatas e aquelas pedras de dar medo e a caverna de São Miguel com aqueles penduricalhos de pedra ou sei lá como é o nome daquelas coisas e escadinhas aquela

lamarada emporcalhando a minha bota eu tenho certeza que é por ali e lá se vão os macacos por baixo do mar até a África quando morrem os navios lá longe que nem umas lasquinhas era o barco de Malta passando sim o mar e o céu dava pra você fazer o que quisesse ficar ali deitada pra sempre ele fez carinho neles por fora eles adoram fazer isso é porque é redondo daquele jeito ali eu estava inclinada por cima dele com o meu chapeuzinho branco de palha de arroz pra perder aquele ar de coisa nova o lado esquerdo do meu rosto o melhor a blusa aberta pro último dia dele uma camisa meio transparente a dele dava pra ver o peito dele corderrosa ele queria encostar no meu com o dele um segundinho mas eu não deixava ele ficou muitíssimo contrariado primeiro de medo nunca se sabe consumpção ou me deixar prenha embarazada aquela empregada a Ines me disse que só uma gotinha nem que só uminha se entrasse em você depois que eu tentei com a Banana mas eu fiquei com medo dela quebrar e ficar perdida em algum lugar dentro de mim sim porque uma vez eles tiraram alguma coisa lá de uma mulher que estava lá dentro tinha anos coberto de saldecal eles são tudo louquinho pra entrar lá de onde eles saem é da gente pensar que nunca está bom cada vez mais fundo e aí eles parece que cansam de você até a próxima sim porque é sempre tão gostosinho ali tão macio como foi que a gente terminou sim ah sim eu levei ele até o fim no meu lenço fingindo que não estava excitada mas abri as pernas eu não deixava ele encostar em mim dentro do corpete eu estava com uma saia que abria do lado eu atormentei o desgraçado até ele pedir chega primeiro provocando eu adorava cutucar aquele cachorro no hotel rrrrsssstt auocuocauoc ele de olho fechado e um pássaro voando embaixo da gente ele estava todo tímido mesmo assim eu gostava dele daquele jeito aquela manhã que eu fiz ele corar um pouco quando fiquei em cima dele daquele jeito quando eu desabotoei ele e tirei a coisa pra fora e puxei a pele pra trás tinha meio que um olho eles são cheios de Botões os homens pelo meio e do lado errado Molly querida ele me chamava como que era o nome dele Jack Joe Harry Mulvey será que sim acho que tenente que ele era meio loiro tinha uma voz meia risonha aí eu fui no comèquechama tudo era comèquechama bigode será que

tinha ele disse que ia voltar Senhor é bem que nem ontem pra mim e que se eu estivesse casada ele fazia comigo e eu prometi que sim sinceramente eu deixava ele me comer agora sem nem piscar vai ver está morto ou foi morto ou capitão ou almirante tem quase 20 anos se eu dissesse lá nos abetos ele fazia se ele viesse por trás de mim e pusesse a mão no meu olho pra eu adivinhar quem é eu podia reconhecer ele ainda está novo uns 40 vai ver casou com alguma moça do Blackwater e mudou bastante todos eles mudam eles não têm nem metade do caráter que as mulheres têm ela nem imagina o que eu fiz com o maridinho adorada dela quando ele nem sonhava com ela ainda e em plena luz do dia na cara do mundo inteiro dava pra dizer que eles podiam ter posto um artigo sobre isso no Chronicle eu fiquei meio louca depois quando soprei aquele saquinho cheio de biscoito da Benady Bros e estourei ele Senhor que estrondão os passarinhos tudo e os pombos gritando voltando pelo mesmo caminho de quando a gente veio pela Middle Hill lá perto da casa de guarda e o cemitério dos judeus fingindo que lia o hebraico escrito lá eu queria disparar a pistola dele ele disse que não tinha pistola ele não sabia o que pensar de mim com aquele casquete pontudo dele que ele usava sempre torto toda vez que eu arrumava direitinho H M S Calypso sacudindo o meu chapéu aquele bispo velho que falou no altar aquele sermão bem comprido sobre as funções mais elevadas da mulher sobre as mocinhas que agora andavam de bicicleta e usavam bonés pontudos e as calças de mulher que eles chamavam de Bloomers que Deus lhe dê juízo e pra mim mais dinheiro imagino que seja por causa dele o nome eu nunca achei que ia ser o meu nome esse Bloom quando eu ficava escrevendo em letra de fôrma pra ver como ia ficar num cartão de visita ou treinando pro açougueiro e por favor senhora Bloom a senhora está uma flor a Josie dizia depois que eu casei com ele bom é melhor que Breen ou Briggs brigão ou aqueles nomes horrorosos que terminam em bottom senhora Ramsbottom ou algum outro tipo de bottom imagine ter bunda no nome Mulvey também não ia me deixar louca de feliz ou se eu divorciasse dele senhora Boylan a minha mãe seja lá quem ela foi podia ter me dado um nome mais bonito sabe Deus inspirado no lindo nome que ela tinha Lunita

Laredo como a gente se divertia correndo pela rua Willis até a ponta da Europa rolando de um lado pro outro pelo lado de lá de Jersey eles ficavam sacudindo e dançando pra lá e pra cá dentro da minha blusa que nem os pequeninhos da Milly agora quando ela sobe a escada correndo eu adorava ficar olhando eles eu ficava pulando pra alcançar as pimenteirias e os choupos brancos arrancando as folhinhas e jogando nele ele foi pra Índia ele ia escrever cada viagem que esses homens têm que fazer até os confins do mundo ida e volta é o mínimo eles poderem dar um ou outro apertão numa mulher enquanto podem indo embora se afogar ou explodir em algum lugar eu subi a colina Windmill até o planalto aquele domingo de manhã com o capitão Rubios que morreu luneta igual que o sentinela tinha ele disse que ia trazer uma ou duas de bordo eu estava com aquele vestido do B Marché Paris e a gargantilha de coral o estreito brilhando dava pra eu ver até o Marrocos quase a baía de Tânger branca e a cordilheira do Atlas com neve em cima e o estreito que nem um rio tão clarinho Harry Molly querida eu fiquei pensando nele no mar o tempo todo depois na missa quando a minha anágua começou a escorregar na elevação semanas a fio eu guardei o lenço embaixo do travesseiro pelo cheiro dele lá naquela Gibraltar não tinha nenhuzinho perfume decente pra comprar só aquele peau d'Espagne barato que sumia e deixava você com um fedor mais do que qualquer coisa eu queria dar uma lembrança pra ele ele me deu aquele anel de Claddagh grandalhão pra dar sorte que eu dei pro Gardner quando ele foi pra África do Sul onde aqueles bôeres mataram ele com a guerra e a febre lá deles mas pelo menos tomaram uma bela surra como se ele carregasse o azar dele junto que nem uma opala ou uma pérola devia de ser ouro puro 16 quilates porque era bem pesado eu ainda consigo ver o rosto dele bem barbeado frsiiiiiiiiiiiiiiifrong aquele trem de novo tom lamurioso uma veez nos diias caros senlem branca fecho o olho respiro lábios pra frente beijo cara triste olho aberto diminuendo aantes que no muundo asnevoascaiam odeio esse voasca vem a dooce canção do amooooooooo eu vou soltar isso com toda força quando eu chegar na frente das luzes da boca de cena de novo Kathleen Kearney e aquele bando de piadoras dela senhorita Isso

senhorita Aquilo senhorita Aquiloutro um bando de peidos de pardoca rindinho por aí falando de política que elas entendem tanto quanto o meu traseiro qualquer coisinha só pra se fazerem de minimamente interessantes beldades irlandesas feitas em casa filha de soldado eu sou sim é e vocês são filhas de quem sapateiros e donos de bar perdão joãoninguém achei que era o zèninguém elas iam cair mortinhas da silva se um dia tivessem a chance de caminhar pela Alameda de braço dado com um oficial que nem eu na noite do coreto olho coruscando o busto que elas nem têm paixão Deus ajude as cabecinhas coitadas delas eu sabia mais de homem e da vida quando tinha 15 anos do que elas todas vão saber quando tiverem 50 elas não sabem cantar uma música que nem essa o Gardner dizia que homem nenhum podia olhar pra minha boca e os meus dentes sorrindo daquele jeito sem pensar naquilo eu fiquei com medo que ele não gostasse do meu sotaque primeiro ele todo inglês única coisa que o papai me deixou apesar dos selos eu tenho os olhos da minha mãe e o corpo enfim ele sempre disse eles são tão metidos tão cheios de si alguns daqueles pirralhos ele não era nem um pouquinho assim era louquinho pela minha boca elas que arranjam um marido primeiro que valha a pena a gente olhar e uma filha que nem a minha ou vejam se conseguem excitar um figurão com dinheiro que pode escolher e pegar quem ele quiser que nem o Boylan pra fazer 4 ou 5 vezes agarrados um no outro ou a voz pelo menos eu podia ter sido uma prima donna só que eu casei com ele veeeem a velha bem no fundo queixo pra trás não muito que fica duplo A alcova de minha senhora é comprida demais pro bis perto do fosso do celeiro no crepúsculo e as salas abobadadas sim eu vou cantar Ventos que sopram do Sul que ele deu depois da apresentação na escada do coro vou trocar aquela renda no meu vestido preto pra mostrar mais os peitos e vou sim santo Deus vou mandar arrumar aquele leque grande deixar elas explodindo de inveja o meu buraco está me comichando sempre quando eu penso nele acho que eu quero eu estou sentindo uns gases em mim melhor ir com calma não acordar ele e aguentar ele de novo me babando tudo depois de lavar tudo que é cantinho costas barriga e dos lados se pelo menos a gente tivesse uma banheira ou no mínimo

o meu quarto eu queria que ele fosse dormir em outra cama sozinho com esse pé frio em cima de mim dá um espaço aí nem pra soltar um pum meu Deus do céu ou fazer qualquer coisinha melhor sim segurar eles assim um pouquinho aqui do lado diminuendo quietinha canção doooo ó lá o trem bem longe pianíssimo oooooooooo mais um oamor

que alívio faça chuva ou faça sol peide sempre em si bemol vai saber se aquela costeleta de porco que eu comi com o chá depois estava bem boa com esse calor eu não senti cheiro nenhum tenho certeza que aquele sujeito esquisitão no açougue de porco é um grandíssimo canalha tomara que aquela lâmpada não esteja soltando fumaça fico com o nariz entupido de porcaria melhor que deixar ele ficar com o gás ligado a noite inteira eu não conseguia descansar em paz na cama em Gibraltar tinha até que levantar pra ir ver por que é que eu fico tão nervosa com isso droga apesar que eu gosto no inverno faz mais companhia ah Senhor estava um frio desgraçado também aquele inverno que eu tinha só uns dez anos será que só sim eu tinha a boneca bem grande com aquelas roupas engraçadas vestindo a boneca e desvestindo aquele vento gelado cruzando lá daquelas montanhas a alguma coisa Nevada sierra nevada de pé na frente do fogo com a combinaçõzinha mirradinha que eu erguia pra me esquentar eu adorava dançar pela casa com aquele vestidinho e aí dar um pique de volta pra cama tenho certeza que aquele sujeito da casa da frente ficava lá o tempo todo olhando de luz apagada no verão e eu nuinha em pelo pulando de um lado pro outro eu adorava me ver pelada na frente da pia me pintando e me cremando só que quando chegava na hora récita privada eu apagava a luz também e aí a gente ficava lá os 2 tchauzinho pro meu sono hoje de um jeito ou de outro tomara que ele não comece a se meter com esses estudantes de medicina que ficam levando ele pro mau caminho achando que é moço de novo chegando às 4 da manhã deve de ser se não for mais ainda é bem verdade que ele teve os bons modos de não me acordar o que é que eles acham pra tagarelar a noite inteira torrando dinheiro e ficando cada vez mais bêbados será que não dava pra tomar água aí ele me começa com isso de dar ordem e pedir ovo e chá e Findon Haddy e

torradinha com manteiga já estou vendo que ele vai ficar no trono igual o rei da terra socando o lado errado da colher na cabeça do ovo sei lá onde que ele aprendeu essa e eu adoro ouvir ele correndo escada acima de manhã com as xícaras chacoalhando na bandeja e aí brincar com a gata ela se esfrega em você por interesse próprio eu fico imaginando se ela está com pulga é pior que mulher sempre lambendo e limpandinho mas odeio aquelas garras deles eu fico imaginando se eles enxergam alguma coisa que a gente não enxerga encarando daquele jeito quando fica sentada no alto da escada tanto tempo e escutando enquanto eu espero sempre e que ladrazinha também aquele linguado lindo que eu comprei acho que eu vou comprar um peixinho amanhã ou hoje será sexta sim vou mesmo com um manjar branco com geleia de mirtilo que nem de antigamente não aqueles potes de 2 lbs de seleta de ameixa e maçã da Williams e Woods de Londres e Newcastle dura duas vezes mais só que tem espinha odeio aquelas enguias abrótea sim eu vou comprar uma bela peça de abrótea eu fico comprando pra 3 esqueço que enfim já estou enjoada daquela eterna carne de açougueiro do Buckley costeleta de lombo e uns cortes de perna e bife de costela e pescoço de carneiro e fressura de vitela só o nome já é demais ou um piquenique e se cada um de nós desse 5s e ou ora ele que pague e convidar alguma outra mulher pra ele quem a senhora Fleming e a gente fosse até o vale dos tojos ou os canteiros de morango a gente ia deixar ele examinar todos os dedões dos cavalos antes que nem ele faz com as cartas não não com o Boylan junto sim com uma vitela fria e uns sanduíches mistos de presunto tem umas casinhas lá no fundo da ribanceira de propósito mas é quente que nem rojão diz ele não num feriado enfim odeio aquelas idiotinhas vestidas de camponesas do teatro a passeio a segunda-feira de pentecostes é um dia maldito também não é à toa que aquela abelha picou ele melhor na praia mas eu nunca na minha vida que entro de novo num barco com ele depois dele em Bray dizendo pros barqueiros que sabia remar se alguém perguntasse se ele sabia cavalgar em corrida de obstáculos pra Copa de Ouro ele ia dizer que sim aí a coisa foi encrespando aquele treco se encabrestando todo e o peso todo pro meu lado me dizendo pra

puxar as cordinhas as da direita agora as da esquerda e a maré inundando tudo numas ondas pelo fundo e o remo dele escorregando do estribo foi por misericórdia que não se afogou todo mundo ele sabe nadar lógico eu não não tem perigo nenhum fique calma com aquela calça de flanela que eu queria era ter arrancado dele em retalhos na frente de todo mundo pra dar nele o que aquele outro chama de umas flageladas até ele ficar tudinho roxo ia fazer um bem danado pra ele não fosse aquele sujeitinho de nariz comprido que eu nem sei quem é com aquela outra lindona Burke lá do hotel City Arms estava lá espiando por tudo como sempre na moita toda hora onde não era chamado se alguém estivesse brigando dava pra vomitar um rosto mais bonito que aquele nunca fui com a cara já é 1 consolo eu fico imaginando que tipo de livro que ele me trouxe Doçuras do pecado de um cavalheiro da sociedade algum outro senhor de Kock imagino que o pessoal deu esse apelido pra ele por ele sair com o cock dele de uma mulher pra outra eu não consegui nem me trocar o meu sapatinho branco novinho completamente destruído com a água salgada e o chapéu que eu estava usando com aquela pluma toda esbarangada e caída em cima de mim coisinha mais chata e provocativa porque o cheiro do mar estava me deixando excitada claro as sardinhas e a brema na baía Catalã por trás do rochedo estavam lindas tudo prateadinha nos cestos dos pescadores o velho Luigi quase cem anos segundo eles veio de Gênova e o velhinho comprido de brinco não gosto de homem que a gente tem que escalar pra alcançar imagino que está todo mundo morto e podre faz tempo além de tudo eu não gosto de ficar sozinha nesse lugar enorme com jeito de caserna de noite acho que eu vou ter que aguentar eu nem trouxe um punhadinho de sal quando a gente se mudou com a confusão a academia de música que ele ia fazer na saladestar do primeiro andar com uma placa de latão ou o hotel particular Bloom que ele sugeriu pra se arruinar de uma vez que nem o pai dele fez lá em Ennis que nem tudo que ele disse pro papai que ia fazer e eu mas eu ele não engrupiu me falando de tudo quanto era lugar lindo que a gente podia ir pra lua de mel Veneza à luz do luar com as gôndolas e o lago de Como que ele tinha uma foto desse lago recortada de algum jornal com

bandolins e lanternas ah que lindo eu disse o que eu quisesse ele ia fazer imediatamente ou antes até com quem será com quem será que você vai casar ele devia ganhar uma medalha de couro com uma borda de massa de vidraceiro por todos os planos que ele inventa e aí me deixar aqui o dia inteiro nunca se sabe qual velhinho mendigo na porta pedindo pão com uma estória comprida pode ser um vagabundo e botar o pé no caminho pra não me deixar fechar que nem aquela fotografia daquele criminoso invertebrado disseram no noticiário do Lloyds Weekly 20 anos de cadeia aí ele sai e assassina uma velhinha pelo dinheiro dela imagine só a coitada da mulher dele ou a mãe ou sei lá mais quem com uma cara que dava vontade de sair correndo só de olhar pra ele eu não consegui ficar em paz até trancar tudo quanto era porta e janela pra garantir mas acaba que é pior ficar trancada que nem numa prisão ou num hospício tinham era que matar todos a tiros ou com um chicote afiado uma coisa imensa daquelas que é capaz de atacar uma velhinha coitada pra matar ela na cama eu arrancava as coisas dele arrancava mesmo não que ele fosse servir de muita coisa se bem que é melhor que nada aquela noite que eu tive certeza que tinha ouvido ladrão na cozinha e ele desceu de camisola com uma vela e um atizador que nem se estivesse procurando um camundongo pálido que nem um lençol se borrando de medo fazendo uma barulheira desgraçada pra facilitar pro ladrão não tem muita coisa pra roubar na verdade só Deus sabe ainda assim é a sensação ainda mais agora com a Milly fora de casa que ideia dele mandar a menina pra lá pra aprender a tirar retrato por causa do vô dele em vez de mandar pra academia do Skerry onde ela ia ter que aprender não que nem eu sempre a primeira da turma só que ele ia fazer uma coisa dessa de qualquer jeito por causa de mim e do Boylan foi por isso que ele fez eu tenho certeza como ele planeja e trama tudo eu não podia nem me virar com ela por aqui ultimamente só trancando a porta antes me dava arrepio entrando sem bater antes quando eu pus a cadeira encostada na porta bem no que eu estava me lavando lá embaixo com a luvinha dá nos nervos da gente daí se faz de senhorinha inútil o dia inteiro colocar a ditinha numa caixa de vidro com dois de cada vez olhando pra ela se ele soubesse que ela

quebrou a mão daquela estatuinha fuleira com os maus modos dela desajeitada antes de ir embora que eu chamei aquele menininho italiano pra consertar de um jeito que você nem vê a emenda por 2 xelins nem descascava as batatas pra gente claro que ela está certa pra não estragar as mãos eu percebi que ele andava falando com ela o tempo todo ultimamente na mesa explicando as coisas no jornal e ela fingindo que entendia malandrinha claro isso vem do lado dele e ajudando ela a vestir o casaco mas se ela tivesse algum problema era pra mim que ela ia contar e não pra ele ele não pode dizer que eu sou de fingir ou pode por acaso eu sou honesta demais pra falar a verdade acho que ele pensa que eu estou acabada e largada num canto bom não estou não nem nada parecido com isso veremos veremos ela está bendisposta a flertar também com os dois filhos do Tom Devans me imitando assoviando com aquelas largadas das meninas dos Murray chamando aqui em casa a Milly pode sair por favor ela anda bem requisitadinha pra arrancar o que conseguirem dela lá pela rua Nelson andando na bicicleta do Harry Devans de noite foi até bom ele mandar ela lá pra onde ela foi ela estava começando a sair do limite querendo ir no ringue de patinação e baforejando os cigarros deles pelo nariz eu senti o cheiro no vestido dela quando estava partindo com os dentes a linha do botão que eu preguei na parte de baixo da jaquetinha dela ela não conseguia esconder muita coisa de mim vou te contar só que eu não devia era ter pregado o botão com ela sem tirar a roupa atrai separação e o último pudim de ameixa também cortado em dois está vendo vem à tona por mais que eles falem a língua dela é meio compridinha pro meu gosto a sua blusa está aberta demais ela me diz o roto rindo do esfarrapado e eu tive que dizer pra ela não levantar as pernas daquele jeito exibidinha na soleira da janela na frente de todo mundo que passava eles todos olham pra ela que nem eu quando eu tinha a idade dela claro que qualquer trapinho fica bem em você nessa época aí cheia de nãometoques também lá do jeito dela na Única Via no Teatro Real tire o pé desse negócio odeio gente encostando em mim borrada de medo que eu fosse amassar a saia dela pregueada há de acontecer muito dessas encostações nos teatros no aperto no escuro eles ficam sempre tentando encoxar

você aquele sujeito na plateia do Gaiety pra ver o Beerbohm Tree em Trilby nunca mais que eu volto naquele lugar pra ser amassada daquele jeito por qualquer Trilby ou sei lá quem cada dois minutos me cutucando lá e olhando pro outro lado ele é meio lelé acho que eu vi ele depois tentando chegar perto de duas senhoras vestidas bem elegantes na frente da vitrine da Switzer com o mesmo joguinho eu reconheci o safado na hora o rosto e tudo mas ele não lembrou de mim e ela nem quis que eu desse um beijo nela no terminal na despedida bom espero que ela ache alguém pra lambar os sapatos dela que nem eu quando ela caiu de cama com caxumba e com as glândulas tudo inchadas cadê isso e cadê aquilo claro que ela ainda não consegue sentir nada profundo eu nunca gozei direito até ter sei lá uns 22 ia sempre pro lugar errado só a bobajada de sempre de menininha e dando risadinhas aquela Conny Connolly escrevendo pra ela com tinta branca no papel preto lacrado com lacre de carta se bem que ela bateu palma quando a cortina desceu porque ele era tão bonito aí era Martin Harvey manhã tarde e noite eu pensei com os meus botões depois há de ser amor de verdade se o homem desiste da vida assim por ela por nada imagino que há de existir ainda uns homens assim mas é difícil de acreditar a não ser que tivesse acontecido mesmo comigo a maioria deles sem um grãozinho de amor que seja na natureza deles achar duas pessoas assim hoje em dia cheias uma da outra que iam se sentir igual a você eles normalmente são meio frouxos das ideias o pai dele devia de ser meio esquisito pra se envenenar depois dela se bem que coitado do velho imagino que ele tenha ficado perdido e sempre se agarrando com as minhas coisas também os trapinhos velhos que eu tenho querendo prender o cabelo com 15 anos o meu pé também só vai acabar estragando a pele dela ela tem bastante tempo pra isso na vida pela frente claro que ela fica inquieta sabendo que é bonita com aquela boca tão vermelha pena que não vai ficar assim eu era também mas não adianta nada ir pra feira com aquela coisa me respondendo que nem uma vendeira quando eu pedi pra ir buscar três quilos de batata no dia que a gente encontrou a senhora Joe Gallaher nas corridas de trote e ela fez que não viu a gente na aranha dela com aquele advogado o Friery a gente era pouca

porcaria até que eu dei-lhe 2 bofetadas das boas nas orelhas pra ela ver toma essa por responder desse jeito e essa pelo desaforo ela me irritou de uma tal maneira claro me contradizendo eu estava de mau humor também porque como é que foi tinha um matinho no chá ou eu não tinha dormido de noite o queijo que eu comi será que foi isso e eu disse pra ela e repeti mil vezes pra não deixar faca cruzada daquele jeito porque ninguém manda nela que nem ela mesma disse bom se ele não der um jeito nela juro que eu dou foi a última vez que ela abriu a torneirinha de choro eu era igualzinha eles não ousam me dar ordem por aqui é culpa dele claro deixando nós duas de escravas aqui em vez de arranjar uma menina tem muito tempo será que um dia eu vou ter uma empregada de verdade de novo mas é claro aí ela ia ver ele chegando eu ia ter que contar pra ela ou ela ia se vingar elas não são um estorvo aquela velha da senhora Fleming você tem que ficar andando atrás dela pegando as coisas com a mão espirrando e peidando nas jarras bom claro que ela é velha e não é culpa dela aí boa pedida eu ter encontrado aquele pano de louça fedorento que ficou perdido atrás da cômoda eu sabia que tinha alguma coisa e abri a janela pra tirar o cheiro trazendo os amigos pra receber em casa que nem a noite que ele veio pra casa com um cachorro vê se pode que bem podia estar louco especialmente o filho do Simon Dedalus o pai dele é tão cricri com os oclinhos erguidos com aquela cartola no jogo de críquete e um furo enorme na meia só olhando o rabo dos outros e o filho dele que ganhou aquela premiarada toda por sei lá o que que ele fez pra ganhar no colegial imagine só trepar na grade se alguém viu ele que conhece a gente eu fico é imaginando se ele não me fez um buraco enorme na famosa calça de enterro como se o que a natureza deu não bastasse pra qualquer um metendo o guri naquela cozinha suja agora ele é ou não é errado da cabeça eu pergunto pena que não era dia de lavar roupa as minhas calçolas velhas podiam estar penduradas no varal também em exposição até parece que ele dá a mínima com a marca de ferro quente que aquele traste daquela velha deixou ele podia pensar que era outra coisa e ela nunca nem derretia a gordura eu falei pra ela e agora ela fica se comportando daquele jeito porque o marido paralisado estava piorando tem

sempre alguma coisa errada com elas doença ou elas têm que passar por uma operação ou se não é isso é bebida e ele bate nela eu vou ter que sair de novo caçando pra ver se acho alguém cada dia quando eu levanto tem alguma coisa nova acontecendo santo Deus santo Deus bom quando eu estiver bem esticadinha mortinha na minha cova acho que vão me dar um pouco de sossego eu tenho que levantar um minuto se eu espera pouquinho ah Jesus um minutinho sim aquela coisa me veio sim agora se isso não é de incomodar a fulana mas é claro com tudo aquele mete e empurra e enfia que ele me deu agora o que é que eu vou fazer sexta sábado domingo não é de torturar a alma de uma cristã a não ser que ele goste tem homem que gosta vai saber tem sempre alguma coisa errada com a gente 5 dias cada 3 ou 4 semanas o velho leilão mensal de sempre é simplesmente de dar nojo aquela noite que me veio assim na primeira e única vez que a gente estava num camarote que o Michael Gunn deu pra ele pra ver a senhora Kendall com o marido dela no Gaiety alguma coisa que ele fez de um seguro pra ele na Drimmies era de pedir arreglo apesar que eu não ia desistir com aquele cavalheiro da sociedade me encarando com o binóculo lá de cima e ele do meu outro lado falando do Spinoza e da alma dele que está morta tem milhões de anos já eu acho e eu sorrindo o melhor possível toda encharcada me inclinando pra frente como se estivesse interessada já que tinha que aguentar sentada até o último momento eu não vou esquecer aquela mulher de Scarli apurada tinham dito que era uma pecinha rápida sobre adultério aquele idiota no balcão assobiando pra mulher adúltera ele gritava eu imagino que ele foi arrumar uma mulher no primeiro beco correndo por tudo quanto é rua dos fundos depois pra compensar queria era que ele tivesse o que eu tinha aí é que ele ia vaiar aposto que até a gata se deu melhor que a gente será que a gente tem sangue demais por dentro ou o que será ah paciência divina está jorrando de mim que nem o mar pelo menos ele não me deixou grávida grandão daquele jeito eu não quero acabar com o lençol limpo a roupa de cama limpa que eu pus que puxou isso também inferno inferno e eles sempre querem ver uma mancha na cama pra saber que você é virgem pra eles única coisa que incomoda eles e

são tão bobinhos você podia ser viúva ou divorciada 40 vezes uma manchinha de tinta vermelha resolve ou suco de framboesa não aí é muito roxo ah meu são Jaime me tire dessa inhaca doçuras do pecado seja lá quem foi que me inventou esse negócio pras mulheres com isso de roupas e cozinha e crianças essa bosta dessa cama velha também tilintando que nem o dianho acho que estava dando pra escutar a gente lá do outro lado do parque até que eu sugeri da gente colocar a colcha no chão com o travesseiro embaixo da minha bunda eu fico imaginando se é mais gostoso de dia acho que é fácil acho que eu vou cortar essa pelarada toda aqui que fica me fervendo eu podia ficar parecendo uma menininha e me diga se ele não ia chupar de se regalar da próxima vez que ele me levantasse a roupa eu dava tudo pra ver a cara dele onde é que foi parar o penico calminha eu tenho um pavor horroroso desse treco quebrar embaixo de mim depois daquela cômoda velha eu fico imaginando se eu não estava pesada demais sentada no colo dele eu fiz ele sentar na espreguiçadeira de propósito quando eu tirei só a blusa e a saia primeiro no outro cômodo ele estava tão ocupado onde não devia de estar que nem sentiu nada espero que o meu hálito estivesse doce depois daquelas balinhas de beijo devagar meu Deus eu lembro que uma época eu conseguia largar tudo de uma vez direto assobiando que nem homem quase devagar ah Senhor que barulheira espero que faça bolhinha dizem que chama dinheiro de algum sujeito eu vou ter que perfumar tudo de manhã não esqueça aposto que ele nunca viu um par de coxas melhor que esse olha como elas são branquinhas o lugar mais macio é bem aqui entre esse pedaço aqui como é gostosinho que nem um pêssego devagar meu Deus eu não ia achar ruim ser homem e montar numa mulher bonita Ah Senhor que esporro você está fazendo que nem o lírio de Jersey devagar Ah como as águas descem em Lahore

quem é que vai saber será que tem alguma coisa errada aqui dentro ou será que eu tenho alguma coisa crescendo em mim pra eu ficar tendo aquela coisa daquele jeito toda semana quando que foi a última vez que eu domingo de pentecostes sim mal tem 3 semanas eu tinha que ir no médico só que ia ser que nem antes de eu casar com ele quando eu estava com aquela coisa branca saindo de mim e

a Floey me fez ir naquele bundão daquele doutor Collins para doenças da mulher na rua Pembroke a sua vagina ele dizia acho que foi assim que ele conseguiu tudo aqueles espelhos emoldurados e os tapetes passando a perna naquelas ricas do parque Stephen que correm lá por cada siricutico a vagina dela e a cochinchina dela claro que elas têm aí tudo bem com elas eu é que não casava com ele nem que fosse o último homem do mundo além disso tem alguma coisa esquisita com os filhos deles sempre farejando por aí aquelas cadelas imundas por tudo quanto é lado me perguntando se o que eu fiz tinha um odor ofensivo o que que ele queria que eu fizesse se não aquilo ouro quem sabe que perguntinha se eu esfregasse tudo na cara enrugada dele pra ele com os meus cumprimentos acho que aí ele ia saber e você está evacuando com facilidade evacuando o quê eu achei que ele estava falando da fortaleza do rochedo de Gibraltar do jeito que ele fala taí uma belíssima invenção também falando nisso só que eu gosto de me segurar direitinho na latrina o quanto eu puder aguentar e aí puxar a corrente pra dar uma boa descarga uns arrepios e uns formigamentos ainda assim alguma coisa tem ali eu imagino eu sempre sabia pelo da Milly quando ela era criança se ela estava com vermes ou não ainda assim dá na mesma pagar o médico por isso quanto é que custa doutor um guinéu por favor e me perguntando se eu tinha omissões frequentes onde é que esses camaradas acham tudo essas palavras deles omissões com aquele olhinho míope metido em mim assim de revesgueio eu não ia confiar nele a ponto de me dar clorofórmio ou sabeimeláDeus mais o quê mas até que eu gostava dele quando ele sentava pra escrever a coisa com aquela cara fechada tão sério o nariz dele inteligente daquele jeito vai se danar ô sua mentirosa ah qualquer coisa qualquer um menos um idiota ele não era burro de não perceber isso claro aquilo era só de pensar nele mesmo e as cartas loucas ensandecidas dele minha Preciosa tudo que tem relação com seu Corpo glorioso tudo sublinhado que dele vem é uma coisa de beleza e de alegria para sempre alguma coisa que ele tirou de algum livro sem sentido que ele tinha e eu brincando sozinha o tempo todo 4 ou 5 vezes por dia às vezes e eu disse que não tinha você tem certeza ah sim eu disse certeza absoluta de um

jeito que calou a boca dele eu sabia o que vinha pela frente só fraqueza natural era o que era ele me deixava excitada não sei como na primeira noite que a gente se viu quando eu estava morando no terraço Rehoboth a gente ficou parado se olhando uns 10 minutos como se a gente se conhecesse acho que por eu ter cara de judia por causa da minha mãe ele me divertia cada coisa que ele dizia com aquele sorriso meio babão e tudo os Doyle falavam que ele ia ser candidato ao Parlamento ah mas e eu não era uma total imbecil de acreditar em toda aquela lenga dele sobre autonomia e a liga camponesa e me mandando aquela canção estropiada dos Huguenotes que não acabava nunca pra cantar em francês pra ficar mais classudo Ah beau pays de la Touraine que eu nunca cantei nem uma vez explicando e patacoando sobre religião e perseguição ele não deixa você aproveitar nada de um jeito normal aí ele me resolve como se fosse um grande favor na primeiríssima oportunidade que apareceu na praça Brighton entrar correndo no meu quarto fingindo que estava com tinta na mão pra lavar com o leite de Albion e o sabonete de enxofre que eu usava na época e com a gelatina ainda em volta Ah que eu me matei de rir da cara dele aquele dia é melhor eu não fazer esse negócio durar a noite inteira eles deviam fazer penico de um tamanho natural pra mulher poder sentar direito ele se ajoelha pra fazer xixi eu acho que não deve de existir na raça humana inteirinha inteira outro homem com os hábitos que ele tem olha o jeito dele dormir no pé da cama como é que ele consegue sem uma guarda firme que bom que ele não é de chutar ou podia me arrancar tudo os dentes respirando com a mão no nariz que nem aquele deus indiano que ele me levou ver num domingo de chuva no museu da rua Kildare todo amarelo de avental deitado de lado em cima da mão com os dez dedos do pé espetados pra fora que ele disse que era uma religião maior que os judeus e a do Nosso Senhor as duas juntas na Ásia inteira imitando ele como ele está sempre imitando todo mundo imagino que ele devia dormir no pé da cama também com o pezão quadrado enfiado na boca da mulher dane-se essa coisa fedorenta afinal cadê aquilo aqueles lencinhos hmm sim eu sei espero que esse gaveteiro não me ranja hmm sabia que ia ranger ele está dormindo pesado andou se divertindo em algum

lugar pelo menos ela há de ter feito valer o dinheiro que ele pagou claro que ele tem que pagar pra ela pra ganhar ah coisa mais chata espero que eles tenham alguma coisa melhor pra gente no outro mundo deixando a gente amarrada desse jeito Deus que ajude chega por hoje agora a cama carocuda e tilintante me lembra sempre o velho Cohen eu imagino que ele se coçou bastante nela e ele acha que o papai comprou do lorde Napier que eu admirava quando era menininha porque eu falei pra ele devagar pianíssimo ah eu gosto da minha cama meu Deus e olha nós aqui pior que do que nunca depois de 16 anos em quantas casas a gente já esteve mesmo terraço Raymond e terraço Ontário e rua Lombard e rua Holles e ele sai assobiando toda vez que a gente cai na estrada de novo os huguenotes dele ou a música do bêbado fingindo que ajudava os carregadores com a nossa meiadúzia de móveis e aí o hotel City Arms cada vez pior diz o guarda Daly aquele lugarzinho lindo no patamar sempre alguém lá dentro rezando e aí deixando tudo os fedores deles pra trás sempre dá pra saber quem esteve lá por último cada vez que a gente está começando a andar direitinho acontece alguma coisa ou ele mete a patona e estraga tudo no Thom na Helys e com o senhor Cuffe e na Drimmies ou vão acabar metendo ele na cadeia por causa daqueles bilhetes de loteria que iam ser a salvação da nossa lavoura ou ele me arranja algum desacato logologo a gente vai ver ele aqui com o bilhete azul do Freeman também que nem o resto por causa daqueles Sinner Féin ou os maçons aí é que a gente vai ver se o baixote que ele me mostrou pingando na chuva sozinho da silva perto da alameda Coadys vai dar algum consolo pra ele que ele diz que é tão capaz e tão sinceramente irlandês e é mesmo a julgar pela sinceridade da calça que eu vi ele usando espera aí ó o carrilhão da igreja de São Jorge espera 3 quartos a hora espera 2 horas mas muito bem uma bela hora da noite pra ele estar voltando pra casa pra qualquer um andar trepando na grade se alguém viu ele mas eu acabo com essa nova moda amanhã mesmo eu primeiro vou dar uma olhada na camisa dele pra ver ou vou ver se aquela camisa de vênus ainda está na carteira dele imagino que ele acha que eu não sei homens trapaceiros nem todos os 20 bolsos deles bastam pras mentiras

então por que é que a gente devia contar nem que seja verdade eles não acreditam em você e aí se enroscam na cama que nem aqueles nenês na Obraprima de Aristocrata que ele me trouxe da outra vez como se a gente já não estivesse cansada dessas coisas na vida real sem algum Aristocrata ou sei lá o nome dele vim dar mais nojo em você com aquelas figuras podres umas criancinhas com duas cabeças e sem perna é o tipo de maldade que eles sonham o tempo todo sem mais nenhuma coisa naquelas cabeças vazias deviam era ganhar um veneno lento metade deles e aí chá com torrada pra ele com manteiga dos dois lados e ovos frescos estou achando que eu não sou mais nada quando eu não quis deixar ele me lambar na rua Holles uma noite homem homem tirano como sempre só pra começar ele dormiu no chão metade da noite pelado que nem os judeus faziam quando alguém morre coisa deles e não queria comer nada no café nem abrir a boca queria que passassem a mãozinha na cabeça dele aí eu achei que tinha marcado a minha posição uma vez e deixei e também ele faz tudo errado pensando só no prazer dele mesmo a língua dele é achatada demais ou sei lá o quê ele esquece que a gente ora bolas eu não eu vou obrigar ele a fazer de novo se ele não se comportar e vou botar ele pra dormir trancado no porão do carvão com as baratas eu fico aqui imaginando se foi a dona Josie louca de feliz com as minhas sobras ele é um mentirosinho tão safado também não ele nunca ia ter coragem com uma mulher casada por isso que ele quer eu e o Boylan apesar que no que se refere ao Denis dela como ela chama aquele espetáculo melancólico não dá pra chamar aquilo de marido sim há de ser alguma cadelinha que ele arrumou bem ao mesmo tempo que eu estava com ele com a Milly nas corridas da universidade aquele Hornblower com o gorrinho de criança no topo da moringa deixou a gente entrar pelos fundos ele estava com o olhinho de cordeiro dele pra cima daquelas duas correndo macho pra cima e pra baixo eu tentei piscar pra ele primeiro não deu em nada claro e é assim que o dinheiro dele vai embora são os frutos do senhor Paddy Dignam sim eles estavam todos em grande estilo no grandioso funeral no jornal que o Boylan trouxe se eles vissem um enterro de oficial de verdade aí é que iam ser elas armas caladas e

tambores com surdina o coitadinho do cavalo seguindo atrás de preto L Bloom e o Tom Kernan aquele sujeitinho bêbado com jeito de barril que arrancou a língua quando caiu pela escada do banheiro abaixo bêbado num lugar desses aí e o Martin Cunningham e os dois Dedalus e o marido da Fanny McCoy cabeça branca de repolho um coisinha mirrada com um olho meio virado tentando cantar as minhas músicas ela ia precisar nascer de novo e aquele vestidinho verde de decote baixo já que ela não consegue atrair os homens de outro jeito que nem ficar parada à toa em dia de chuva agora eu estou vendo tudo bem direitinho e chamam isso de amizade primeiro se matam e depois se enterram e todo mundo com a sua mulherzinha e a família em casa mais especialmente o Jack Power que sustenta aquela empregadinha do bar sustenta mesmo claro que a mulher dele está sempre doente ou ficando doente ou acabando de melhorar um pouquinho e ele é um sujeito bonito ainda apesar que está ficando meio grisalho em cima da orelha ô grupinho esse pessoal mas eles não vão prender o meu marido de novo com aquelas garras deles se eu puder evitar gozando dele depois pelas costas eu sei muito bem quando ele fica com aquelas idiotezas dele porque ele tem o bom senso de não sair torrando até o último penny que ganha lá na gorja deles e cuida da mulher dele e da família uns imprestáveis coitadinho do Paddy Dignam mesmo assim eu sinto muito de certa forma por ele o que é que a mulher dele e os 5 filhos vão fazer a não ser que ele tivesse seguro joãobobinho ridículo sempre enfiado em algum canto de um bar e ela ou o filho dela esperando Bill Bailey volte pra casa por favor a roupa de viúva não vai ajudar a aparência dela mas fica incrível se você for bonita que sujeitos ele não estava sim ele estava no jantar do Glencree com o Ben Dollard baixo barrilto na noite que ele emprestou a casaca de cantar na rua Holles espremido e esmagado dentro da roupa e sorrindo pra todo lado com aquela carona de boneca que parece um bumbum de nenê bem surrado e vai me dizer que ele não estava com toda a cara de imbecil aloprado pode apostar que deve de ter sido uma beleza no palco imagine pagar 5s nas cadeiras preservadas praquilo pra ver ele e o Simon Dedalus também vivia dando as caras meio mamado cantando a segunda

estrofe antes da primeira o velho amor é o novo era uma das dele tão docemente cantava a donzela no ramo do azevinho ele estava sempre disposto a flertar também quando eu cantei Maritana com ele na ópera particular do Freddy Mayers ele estava com uma voz deliciosa uma maravilha Phoebe queridíssima adeus *meu* amor ele sempre cantava não que nem o Bartell dArcy *muamor* adeus claro que ele tinha o dom da voz então não tinha nem esforço cobrindo você que nem uma ducha quente Ah Maritana flor da mata virgem a gente cantou tão lindo apesar que era um pouco alto demais pro meu registro até transposta e ele estava casado na época com a May Goulding mas aí ele vinha e dizia ou fazia alguma coisa pra azedar tudo agora ele é viúvo eu fico imaginando como é que será o filho dele ele disse que ele é escritor e que vai ser catedrático de italiano na universidade e que é pra eu ter aula o que que ele está armando agora mostrando a minha foto pra ele não me faz jus eu devia ter tirado de túnica que nunca sai de moda pelo menos eu estou parecendo jovem naquela foto fico imaginando se ele não deu de presente de uma vez pra ele e eu também no fim de contas por que não eu vi ele indo de carro pra estação de Kingsbridge com o pai e a mãe eu estava de luto isso tem 11 anos agora sim ele teria 11 se bem que ficar de luto por quê por uma coisa que nem era nem deixava de ser claro que ele insistiu ele ia ficar de luto pela gata acho que ele já há de ser homem agora a essa altura era um menininho inocente naquela época e um sujeitinho bem lindinho com o terno de lorde Fauntleroy e um cabelo cacheado que nem príncipe de teatro quando eu vi ele na casa do Mat Dillon ele gostou de mim também eu lembro eles sempre gostam de mim espera santo Deus sim espera sim só um segundo ele estava nas cartas hoje de manhã quando eu abri o baralho união com um jovem estranho nem moreno nem loiro que você já conhece eu achei que era ele mas ele não tem nada de pirralho nem de estranho também além disso o meu rosto estava virado pro outro lado qual foi a 7ª carta depois disso o 10 de espadas que é uma viagem por terra daí vinha uma carta a caminho e escândalos também as 3 rainhas e o 8 de ouros que é subir na sociedade sim espera saiu tudo e 2 8s

vermelhos que são roupa nova olha só e eu não sonhei alguma coisa também sim tinha alguma coisa com poesia tomara que ele não tenha um cabelo comprido e seboso caído no olho ou de pé que nem um pelevermelha pra que é que eles me saem desse jeito por aí só fazem é as pessoas rirem deles e da poesia deles eu sempre gostei de poesia quando era menina primeiro eu achei que ele era poeta que nem o Byron e não tem uma gota de poesia no sangue dele eu achava que ele era bem diferente eu fico imaginando se ele não é moço demais ele tem uns espera 88 eu casei em 88 a Milly tem 15 ontem 89 quantos anos ele tinha lá na casa do Dillon então 5 ou 6 lá por 88 ele há de estar com 20 ou mais eu não sou velha demais pra ele se ele tem 23 ou 24 espero que ele não seja aquele tipo de universitário travado não senão ele não ia ficar lá naquela cozinha com ele tomando chocolate Epps e conversando claro que ele fingiu que estava entendendo tudo provavelmente falou que vinha da universidade Trinity ele é bem novo pra ser catedrático espero que ele não seja um professor que nem o Goodwin que era um professor fortíssimo de água que passarinho não bebe todos eles escrevem sobre alguma mulher nas poesias bom imagino que ele não vá encontrar muitas como eu onde suaves os suspiros do amor a leve guitarra onde a poesia paira no ar o azul do mar e a lua reluzindo tão linda na volta de Tarifa no barco da noite o farol na ponta da Europa o violão que aquele sujeito estava tocando era tão expressivo será que eu nunca vou voltar lá só caras novas dois olhos espiando ocultados por uma gelosia eu vou cantar essa pra ele são os meus olhos se ele tem alguma coisa de poeta dois olhos de um brilho tão escuro quanto o da própria estrela do amor mas não é uma letra linda quanto a jovem estrela do amor Deus bem sabe que vai vir a calhar pra variar ter uma pessoa inteligente pra conversar sobre você mesma sem ficar sempre ouvindo ele e o anúncio do Billy Prescott e o anúncio do Shawes e o anúncio do Raio que o Parta aí se alguma coisa dá errado no trabalho deles a gente tem que aguentar eu tenho certeza que ele é muito do distinto eu ia gostar de conhecer um homem assim meu Deus não aqueles outros grosseirões além disso ele é moço aqueles belos rapazes que eu conseguia ver lá na área de banho da praia de Margate escondida do

lado da pedra de pé no sol nus como um Deus ou alguma coisa assim e aí me atirar no mar com eles por que é que todos os homens não são daquele jeito ia ser um consolo pras mulheres que nem aquela estatueta linda a que ele comprou eu podia ficar o dia inteiro olhando pra ele cabelo comprido cacheado e aqueles ombros com o dedinho levantado pra você ouvir isso que é poesia e beleza de verdade minha amiga várias vezes eu fiquei com vontade de cobrir ele de beijo até aquele pauzinho lindo e moço ali tão simples eu não ia me incomodar de pôr ele na boca se ninguém estivesse olhando como se estivesse pedindo pra você chupar tão limpinho parece e tão branco com aquela cara de menino eu chupava mesmo sem pensar num zás nem que engolisse um pouquinho ora é só que nem um mingau ou orvalho não tem perigo além disso ele ia ser tão limpo comparado com aqueles porcos daqueles homens que eu imagino que nunca nem sonham em lavar aquelas partes de um ano pro outro a maioria só que é isso que dá bigode nas mulheres eu tenho certeza que ia ser maravilhoso era só eu me acertar com um poeta moço e bonito na minha idade eu vou botar as cartas assim que eu acordar pra ver se a carta da sorte aparece ou eu tento emparelhar a senhorinha em pessoa e ver se ele aparece eu vou ler e estudar tudo que eu puder achar ou aprender um pedacinho de cor se eu soubesse de quem ele gosta pra ele não me achar burra se ele acha que todas as mulheres são iguais e eu posso ensinar a outra parte pra ele eu vou fazer ele sentir no corpo inteiro até ele quase desmaiar embaixo de mim aí ele vai escrever sobre mim amada e amante e em público com as fotografias dos 2 em tudo quanto é jornal quando ele ficar famoso Ah mas e aí o que é que eu vou fazer com ele daí

não isso não são modos pra ele será que ele não tem educação nem refinamento nem nada na natureza dele pra vir me estapear na bunda daquele jeito porque eu não chamei ele de Hugh o pateta que não sabe diferenciar um poema de um repolho é isso que a gente ganha por não deixar esses sujeitos no lugarzinho deles tirando o sapato e a calça ali na cadeira na minha frente que caradepau sem nem pedir licença e parado de pé daquele jeito vulgar com aquela meia camisola que eles usam pra ser admirado que nem um padre

ou um açougueiro ou aqueles hipócritas no tempo de Júlio César claro que ele tem lá as suas qualidades pra gente passar o tempo que nem uma piada claro que dava na mesma estar na cama com o que com um leão meu Deus eu tenho certeza que ele ia ter coisa melhor pra dizer em defesa própria um leão desses aí ah enfim imagino que foi porque ela estava tão roliça e tentadora com a minha anágua curta que ele não conseguiu resistir até eu fico excitada com ela de vez em quando fica muito bem pros homens todo o prazer que eles conseguem com o corpo de uma mulher a gente é tão redondinha e branca pra eles sempre eu até quis ser homem pra variar só pra tentar com aquela coisa que eles têm inchando na tua frente assim tão dura e ao mesmo tempo tão macia quando você encosta nele meu tio João tem um coisão compridão eu escutei aqueles meninos na esquina dizendo passando a esquina da alameda Marrowbone minha tia Mariquinha tem uma coisiquinha peludinha porque estava escuro e eles sabiam que uma menina estava passando não me fez corar e por que devia é só a natureza e ele enfia o coisão na coisiquinha dela etcétera e acaba que era ele colocando o cabo numa vassoura homens de novo de cabo a rabo eles podem escolher e pegar o que quiserem uma mulher casada ou uma viúva séria ou uma menina pros gostos variados deles que nem naquelas casas ali atrás da rua Irish não mas a gente tem que estar sempre acorrentada eles não vão me acorrentar nem precisa se preocupar não quando eu começar isso eu te digo por causa dos maridos imbecis ciúme por que todo mundo não pode continuar amigo depois em vez de brigar o marido dela descobriu o que eles fizeram juntos muito bem naturalmente e se ele fez será que consegue desfazer ele já é coronado mesmo por mais que faça e aí ele indo até o outro extremo insano por causa da mulher em Belas Tiranias claro que o homem nunca para nem pra pensar 1 minuto no marido nem na mulher é a mulher que ele quer e ele consegue ela e pra que foi que deram esses desejos todos pra gente isso eu queria saber eu não posso fazer nada se eu ainda sou nova né me diga é de espantar que eu não seja uma velha megera encarquilhada antes da hora vivendo com ele tão frio nunca me abraça a não ser de vez em quando quando está dormindo o lado errado de mim sem saber

eu imagino quem ele abraçou qualquer homem que beijasse a bunda de uma mulher eu não dava um tostão por ele depois era capaz de beijar tudo que é coisa errada onde a gente não tem 1 fiapo de expressão na gente todas iguais os mesmos 2 calombos de toucinho antes de eu fazer isso com um homem pfu aqueles animais imundos a mera ideia já é demais eu beijo os pés seus *señorita* tem algum sentido isso ele não beijava a nossa porta da entrada beijava sim que maluco ninguém entende as ideias alopradas dele mas eu ainda assim claro uma mulher quer ser abraçada 20 vezes por dia quase pra dar uma aparência jovem não importa por quem enquanto for estar apaixonada ou amada por alguém se o sujeito que você quer não está ali de vez em quando pelo amor de Deus eu ficava pensando se eu devia ir lá perto do cais lá alguma noite escura onde ninguém ia me reconhecer e apanhar um marujo recémchegado do mar que ia estar tarado de vontade e não ia dar a mínima bola pra saber de quem eu era só pra dar um jeito de uma vez em cima de um portão em algum lugar ou um daqueles ciganos de cara brava em Rathfarnham que montaram acampamento perto da lavanderia Bloomfield pra tentar roubar as nossas coisas se pudessem eu só mandei as minhas lá umas vezes por causa do nome lavanderia modelo me mandando voltar sem parar umas coisas velhas umas meias aquele camarada com cara de bandido e de olho bonito descascando uma vareta me atacar no escuro e me comer encostada na parede sem abrir a boca ou um assassino qualquer um o que eles mesmos fazem os cavalheiros refinados com as suas cartolas aquele Adevogado do Rei mora em algum lugar por aqui saindo da alameda Hardwicke na noite que ele fez aquele jantar de peixe pra gente por causa de ter ganhado dinheiro com a luta de boxe claro que foi pra mim que ele deu eu reconheci ele pelas polainas e o jeito de andar e quando eu me virei um minuto depois só pra ver tinha uma mulher depois saindo da alameda também alguma prostituta imunda aí ele vai pra casa pra mulherzinha dele depois só que eu imagino que metade daqueles marinheiros está podre também de doente ah tira essa carcaça imensa daqui pelo amor do Xisto escuta só ele os ventos que a ti embalam meus alentos então bom ele pode dormir e suspirar o grande Palpiteiro

Don Poldo de la Flora se ele soubesse como ele saiu nas cartas hoje de manhã ele ia ter motivo pra suspirar por um homem moreno em alguma complicação entre dois 7s também na cadeia por Deus sabe o que que ele anda fazendo que eu não sei e eu é que vou ter que ficar me virando lá na cozinha pra fazer o café de sua majestade enquanto ele fica enroladinho que nem uma múmia será que eu vou mesmo alguém aí já me viu correndo eu ia gostar de me ver correndo mostre um pouco de atenção e eles te tratam que nem merda eu não estou nem aí pro que as pessoas dizem ia ser muito melhor pro mundo ser governado pelas mulheres do mundo você não ia ver as mulheres saírem se matando e chacinando quando é que a gente vê uma mulher rolando por aí de bêbada que nem eles fazem ou jogando a última moedinha que têm e perdendo nos cavalos sim porque uma mulher não importa o que ela faça ela sabe quando parar claro que eles nem iam estar no mundo se não fosse a gente eles não sabem o que é ser mulher e ser mãe e como é que eles iam saber onde é que eles iam estar todos se não tivessem todos eles uma mãe pra cuidar deles o que eu nunca tive acho que é por isso que ele anda fazendo loucura agora por aí de noite longe dos livros dele e dos estudos e não está morando em casa por causa da família briguenta de sempre imagino bom é de se lamentar que quem tem um belo filho desses não fica satisfeito e eu sem será que ele não conseguia fazer não foi culpa minha a gente gozou junto quando eu estava olhando os dois cachorros montados na garupa dela no meio da rua pelada aquilo acabou comigo de vez acho que eu não devia de ter enterrado ele com aquele casaquinho de lã que eu tricotei chorando daquele jeito mas dar pra alguma criança pobre mas eu sabia bem que eu nunca ia ter outro a nossa 1ª morte também foi mesmo a gente nunca mais foi a mesma coisa ah eu não vou mais me afundar nessa melancolia pensando nisso eu fico imaginando por que ele não quis pousar aqui eu senti o tempo todo que era alguém estranho que ele tinha trazido em vez de bater perna pela cidade encontrando sabe Deus quem putas e punguistas a coitada da mãe dele não ia gostar nada disso se estivesse viva se acabando pra vida toda quem sabe ainda assim é uma hora deliciosa

tão quieta eu adorava voltar pra casa depois dos bailes o ar da noite eles têm amigos pra poder conversar a gente não tem ninguém ou ele quer o que não vai ganhar ou é alguma mulher pronta pra te enfiar a faca odeio isso nas mulheres não é de estranhar que eles tratem a gente que nem tratam nós somos um bando de vacas nojentas eu imagino que são as dificuldades todas que a gente tem que deixam a gente tão irritada eu não sou assim ele podia facinho ter dormido lá no sofá na outra sala imagino que ele estivesse tímido que nem um menininho por ser tão novinho nem 20 anos por eu estar no outro quarto ele ia ter me ouvido no penico arre que mal tem Dedalus eu imagino que é que nem aqueles nomes em Gibraltar Delapaz Delagracia eles tem uns nomes esquisitos pra diabo lá o padre Vilaplana de Santa Maria que me deu o rosário Rosales y O'Reilly na calle las Siete Revueltas e Pisimbo e a senhora Opisso na Governor Street Ah que nome eu ia correndo me afogar no primeiro rio se tivesse um nome igual o dela ah Jesus e aquelas ruelinhas todas rampa Paradise e rampa Bedlam e rampa Rodgers e rampa Crutchetts e a escada do buraco do diabo bom não é muita culpa minha se eu sou uma doidivanas eu sei que eu sou um pouquinho eu declaro diante de Deus que não me sinto nem um dia mais velha do que naquele tempo eu fico imaginando se ainda consigo dar um nó na língua pra soltar aquele espanhol todo como está usted muy bien gracias y usted viu eu não esqueci tudo eu achava que tinha não fosse a gramática um substantivo é um nome de pessoa lugar ou coisa pena que eu nunca tentei ler aquele romance que a impertinente da senhora Rubio me emprestou do tal Valera com as perguntas todas de cabeça pra baixo pra lá e pra cá eu sempre soube que a gente ia embora no fim eu posso passar o espanhol pra ele e ele me passa italiano aí ele vai ver que eu não sou tão ignorante pena que ele não ficou eu tenho certeza que o coitadinho estava morto de cansado e louco por um bom sono eu podia ter levado o café da manhã dele na cama com uma torradinha desde que eu não fizesse em cima da faca que dá azar ou se a mulher estivesse fazendo a ronda dela com o agrião e alguma coisa bonita e gostosa tem umas azeitonas na cozinha que ele podia gostar eu nunca consegui aguentar a cara delas no Abrine eu podia fazer papel

de sirvienta a sala ficou boa depois que eu troquei tudo do outro jeito está vendo alguma coisa estava me dizendo o tempo todo que eu ia ter que me apresentar nunca me viu mais gorda muito engraçado não ia ser eu sou a esposa dele ou fingir que a gente estava na Espanha com ele meio dormindo sem a menor ideia de onde está dos huevos estrellados señor meu Deus cada coisa doida que às vezes me vem ia ser muito divertido se ele ficasse mesmo com a gente por que não tem o quarto lá em cima vazio e a cama da Milly no quarto dos fundos ele podia escrever e estudar naquela mesa lá escrever até se acabar e se ele quiser ler na cama de manhã que nem eu já que ele está fazendo café pra 1 pode fazer pra 2 o que eu sei é que inquilino assim da rua eu não vou pegar pra ele se ele aceitar ficar numa espelunca que nem aqui eu ia adorar uma conversa comprida com uma pessoa inteligente e benheducada eu ia precisar comprar uma bela de uma chinela vermelha que nem as que aqueles turcos de fez vendiam ou amarela e um belo penhoar semitransparente que eu estou tão precisada ou um robe de flor de pessegueiro que nem aquele faz tempo na Walpole só 8 e 6 ou 18 e 6 eu só vou dar mais uma chance pra ele vou levantar de manhã cedinho estou cheia da maldita cama do Cohen mesmo eu bem podia ir no mercado pra ver as verduras todas e repolho e tomate e cenoura e tudo quanto é tipo de fruta maravilhosa tudo chegando lindo e fresco quem é que sabe quem ia ser o primeiro homem que eu ia encontrar eles estão na rua caçando de manhã a Mammy Dillon é que dizia que eles estão e de noite também era o compromisso religioso dela eu ia adorar uma bela de uma pera suculenta agora pra derreter na boca que nem quando eu tinha desejos aí eu faço lá os ovos e o chá dele na xícara bigodeira que ela deu pra ele pra deixar a boca dele maior imagino que ele ia gostar do meu creme do bom também eu sei o que eu vou fazer eu vou andar pela casa toda contentinha não demais cantando um pouco de vez em quando mi fa pietà Masetto aí eu vou começar a me vestir pra sair presto non son più forte vou botar a minha melhor combinação e a melhor calçola deixar ele encher os olhos pra fazer a coisinha dele ficar de pé pra ele eu não vou esconder se é o que ele queria que a mulher dele está sendo comida sim e comida bem pra

cacete até o pescoço quase não por ele 5 ou 6 vezes uma atrás da outra olha ali a marca da porra dele no lençol limpo eu nem me dei ao trabalho de tirar com ferro quente isso há de deixar ele satisfeito se não está acreditando passe a mão na minha barriga a não ser que eu botasse ele de ali pé e colocasse ele dentro de mim eu estou bem com vontade de contar todos os detalhes pra ele e fazer ele terminar na minha frente ia ser mais do que bom pra ele é tudo culpa dele se eu sou uma adúltera que nem aquela coisa na galeria disse ah chega disso se fosse todo o mal que a gente faz nesse vale de lágrimas Deus sabe que não é muito e todo mundo faz o seu afinal só que eles escondem eu imagino que deve de ser pra isso que existe mulher senão Ele não tinha feito a gente do jeito que fez tão atraentes pros homens aí se ele quiser beijar a minha bunda eu abro bem a calçola e enfio bem na cara dele em tamanho natural ele pode enfiar a língua meio metro dentro do meu cu já que está por ali o meu cenho aí eu vou dizer pra ele que eu quero £1 ou quem sabe 30s vou dizer que quero comprar roupa de baixo aí se ele me der isso bom ele não vai ter do que reclamar eu não quero arrancar tudo dele que nem tem mulher que faz eu podia várias vezes ter preenchido um belo cheque pra mim e assinar o nome dele de umas libras umas vezes ele esqueceu de trancar além disso ele não vai gastar eu vou deixar ele gozar em mim por trás desde que ele não manche tudo a minha calçola boa Ah acho que isso não dá pra evitar eu vou me fazer de indiferente 1 ou 2 perguntas eu vou saber pelas respostas quando ele está desse jeito ele não sabe esconder nada eu conheço cada manobrinhinha dele eu vou apertar bem a bunda e soltar uns palavrões cheirabunda ou lambe a minha merda ou a primeira coisa louca que me der na telha aí eu vou sugerir do sim ah espera só meu filho a minha hora está chegando eu vou ficar muito contentinha e bendisposta com isso tudo ah mas eu estava esquecendo essa merda dessa praga dessa coisa pfu não dá pra saber se é pra rir ou pra chorar a gente é uma mistura tão grande de ameixa e maçã não eu vou ter que usar a velha tanto melhor vai ser mais esperto ele nunca vai saber se ele fez ou não fez isso assim está bom pra você qualquer uma daquelas bem velhas aí eu vou limpar a sujeira dele de mim bem fria a omissão dele aí eu vou sair

deixar ele vidrado no teto onde é que ela foi agora fazer ele me desejar é o único jeito bateu um quarto isso lá são horas imagino que eles devem estar acabando de levantar na China agora ajeitando as trancinhas pra encarar o dia logo as freiras vão tocar o ângelus elas não tem ninguém chegando pra estragar o sono delas a não ser um ou outro padre de vez em quando pro ofício noturno o despertador do vizinho quando o galo se arrebenta de tanto cantar deixa ver se eu consigo pegar no sono 1 2 3 4 5 que tipo de flor são essas que eles inventaram que nem umas estrelas o papel de parede na rua Lombard era bem mais bonito o avental que ele me deu era parecido com isso ou alguma coisa assim só que eu só usei duas vezes melhor baixar a luz e tentar de novo pra eu poder levantar cedo eu vou passar na senhora Lambe lá perto do Findlater e pedir pra eles mandarem umas flores pra gente colocar por aqui caso ele traga ele pra casa amanhã hoje quer dizer não não sexta-feira é dia de azar primeiro eu quero dar um jeito na casa pelo menos parece que brota pó nas coisas acho que quando eu estou dormindo aí a gente pode tocar e cantar e fumar cigarro eu posso acompanhar ele primeiro eu tenho que limpar as teclas do piano com leite o que é que eu vou usar será que hei de usar a rosa branca ou aqueles bolinhos chiques da Lipton eu adoro o cheiro de uma loja grandona grãfina custa 7 e 1 e 2 a libra ou aqueles outros com cereja dentro e açúcar corderrosa a 11 p duas libras claro que uma bela planta pra pôr no meio da mesa isso eu consigo mais barato no espera onde é que fica eu vi não tem muito tempo eu adoro flor eu ia adorar entupir a casa de rosa Deus do céu não tem nada igual à natureza as montanhas virgens e aí o mar e as ondas quebrando e aí o interior lindo com os campos de aveia e de trigo e tudo quanto é coisa e aquele gado bonito tudo andando de um lado pro outro isso faz um bem pra alma ver rio lago e flor tudo quanto é tipo de forma cheiro e cor saltando até das valas primula e violeta é a natureza e por mais que eles digam que Deus não existe eu não dou dez merréis de mel coado por toda essa sabedoria deles por que que eles não me vão lá e criam alguma coisa eu sempre perguntava pra ele os ateus ou sei lá que nome que eles se dão vão lá tirar as cracas primeiro depois saem berrando atrás do padre e eles lá

morrendo e por quê ora porque eles ficam com medo do inferno por causa da má consciência deles pois sim eu conheço bem os tipos quem foi a primeira pessoa no universo antes de existir alguém que fez isso tudo que ah isso eles não sabem e nem eu está vendo é que nem eles tentarem fazer o sol não nascer amanhã o sol brilha por você ele disse no dia que a gente estava deitado no meio dos rododendros no morro Howth com o terno cinza de tuíde e o chapéu de palha no dia que eu fiz ele me pedir em casamento sim primeiro eu dei pra ele um pouquinho do pão de gergelim que estava na minha boca e era ano bissexto que nem agora dezesseis anos atrás meu Deus depois daquele beijo comprido eu quase perdi o fôlego sim ele disse que eu era uma flor da montanha sim e a gente é flor mesmo nós todas o corpo de uma mulher sim taí uma verdade que ele disse na vida e o sol brilha por você hoje sim foi por isso que eu gostei dele porque eu vi que ele entendia ou sentia o que uma mulher é eu sabia que sempre ia poder passar a perna nele e eu dei todo o prazer que eu pude dando corda até ele pedir pra eu dizer sim e primeiro eu não respondia e fiquei olhando pra longe pro mar e o céu eu estava pensando em tanta coisa que ele não sabia o Mulvey e o senhor Stanhope e a Hester e o papai e o velho capitão Groves e os marinheiros brincando de lenço atrás e simão mandou e tirando água do joelho que nem eles diziam lá no píer e o sentinela na frente da casa do governador com aquele treco em volta do capacete branco pobre diabo quase torrado e as espanholas rindo com aqueles xales e os pentes altos e os leilões de manhã os gregos e os judeus e os árabes e sabe Deus mais quem de tudo quanto é canto da Europa e a rua Duke e a feira de aves tudo cacarejando na frente da Larby Sharon e os burrinhos coitados escorregando meio dormindo e aqueles vultos de capa dormindo na sombra na escada e as rodas grandes dos carros de boi e o castelo de milhares de anos sim e aqueles mouros bonitos tudo de branco e com uns turbantes que nem reis pedindo pra gente sentar na lojinha minúscula deles e Ronda com as janelas velhas das posadas uns olhos de relance uma gelosia escondida pro amante dela beijar o ferro e as lojas de vinho metade abertas de noite e as castanholas e a noite que a gente perdeu o barco em Algeciras o vigia de um lado pro outro tranquilo

com o lampião e ah tal terrível torrente profunda ah e o mar o mar carmim às vezes que nem fogo e aqueles poentes deslumbrantes e as figueiras nos jardins de Alameda sim e aquelas ruelas esquisitinhas todas e as casas rosas e azuis e amarelas e os roseirais e os jasmims e gerânios e cactos e Gibraltar eu menina onde eu fui uma Flor da montanha sim quando eu pus a rosa no cabelo que nem as andaluzas faziam ou será que hei de usar uma vermelha sim e como ele me beijou no pé do muro mourisco e eu pensei ora tanto faz ele quanto outro e aí pedi com os olhos pra ele pedir de novo sim e aí ele me perguntou se eu sim diria sim minha flor da montanha e primeiro eu passei os braços em volta dele sim e puxei ele pra baixo pra perto de mim pra ele poder sentir os meus peitos só perfume sim e o coração dele batia que nem louco e sim eu disse sim eu quero Sim.

Copyright da tradução © 2013 by Caetano W. Galindo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (usa) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (usa) Inc.

título original

"The Dead", "Araby", de *Dubliners*

Monólogo de Molly Bloom, de *Ulysses*

capa e projeto gráfico penguin-companhia

Raul Loureiro, Claudia Warrak

preparação

Jacob Lebensztayn

revisão

Valquíria Della Pozza

Luciana Baraldi

isbn 978-85-8086-705-3

Todos os direitos desta edição reservados à editora schwarcz s.a.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — sp

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br